

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

CUIDADO JUNTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO:
PROCESSOS PEDAGÓGICOS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

São Leopoldo

2010

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

CUIDADO JUNTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO:

PROCESSOS PEDAGÓGICOS E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e
Cuidado - gestão e redes sociais.

Orientador: Rodolfo Gaede Neto

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Fernanda Priscila Alves da
Cuidado junto às mulheres em situação de
prostituição: processos pedagógicos e transformação
social / Fernanda Priscila Alves da Silva ; orientador
Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
155 f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Prostituição feminina. 2. Prostituição – Aspectos
sociais. 3. Mulheres – Condições sociais. I. Gaede
Neto, Rodolfo. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À Aquela que é...

À ausência presença.

Impulsionadora de sentidos e significados.

À presença materna-paterna chamada Maria- José...

À irmandade, herança terna: Rafaela e Camila

Herança fecunda no singelo nascer de Helena Mariana.

À irmandade que acolhe: mulheres oblatas, oferendas diárias com quem aprendo a partir e repartir o pão de cada dia.

Às mulheres guerreiras, companheiras de estradas com quem aprendo a ser mais...

Aos amigos e amigas: companheiros e companheiras de estudos com quem descubro a diversidade de saberes e a beleza de descobrir-se sempre aprendiz.

Aos professores e professoras: Rodolfo Gaede em especial, com quem aprendo a costurar saberes, construir e desconstruir aprendizados.

À vida que tece a cada dia em mim, em nós a possibilidade de utopias e sonhos possíveis.

Descobertas

E descobri um dia que elas me resgatam...

Descobri que enquanto chegam

Elas me trazem de volta ao Sentido

A resistência daquelas mulheres

A insistência na busca pela vida

Tudo... Tudo nelas me convocam à mudança.

Elas trazem marcas

Retalhos de uma herança que maltrata, fere, gera desesperança...

E mesmo assim...

Na extraordinária complexidade da vida

No misterioso movimento de *re-versão*...

Na insistente contramão da história

Ainda assim: Elas resistem

Mulheres lobas

Mulheres guerreiras

Força vital.

Ainda assim

Estas mulheres marcham com feridas nos pés

E utopias sonhos no coração...

Por vezes, à noite, a rua é tua casa...

Por vezes um tempo de transformação

De balanço...

Por vezes decepção...

Mas, o acreditar

O constante caminhar

Traz esperança...

Buscas novas...

Possibilidades...

Por isso, de novo

Outra vez descobri que estas mulheres me resgatam...

Oxalá permaneça insistentemente inquietando.

Fernanda Priscila Alves da Silva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I - AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO À SUA REALIDADE	14
1.1 – Iniciando a conversa.....	14
1.2 - A realidade das mulheres empobrecidas em situação de prostituição.....	14
1.3 - Mecanismos de exploração e estruturas no mundo da prostituição.....	20
1.4 - Desafios cotidianos e histórias de vida.....	25
1.5 – A prostituição no contexto global.....	30
II - UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO	40
2.1 - O jeito e o fazer da educação popular libertadora: cirandas pedagógicas.....	40
2.2-Proposta pedagógica segundo Paulo Freire: entre a autonomia e a liberdade.....	45
2.3 - Proposta pedagógica desde o jeito e o fazer de Jesus.....	59
III - PROPOSTAS PARA AÇÃO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO ..	67
3.1. Pedagogia e teologia se encontram formando uma Pedagogia do Cuidado.....	67
3.2 – Pistas e caminhos na construção da Pedagogia do cuidado.....	80
CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	90
ANEXOS	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DA – Documento de Aparecida

EP – Educação Popular

OPAS - Organização Pan-americana de Saúde

PFF - Projeto Força Feminina

PM – Pastoral da Mulher

PM – Polícia Militar

TSH – Tráfico de Seres Humanos

RESUMO

O presente estudo verifica e analisa como se realiza o cuidado junto às mulheres em situação de prostituição desde a perspectiva da educação popular, com vistas à transformação social. Considera-se, portanto, importante investigar quais são os mecanismos de exploração, causas e desafios vivenciados pelas mulheres inseridas no mundo da prostituição, além de analisar a possibilidade de um processo educativo marcado pela educação popular libertadora e, finalmente, apontar pistas para o desenvolvimento de um trabalho desde esta perspectiva. O aprofundamento teórico concretiza-se a partir de temas tais como: a prostituição e o contexto das mulheres que aí se encontram inseridas, a educação popular, a pedagogia e os processos desencadeados na perspectiva de transformação social, e espiritualidade desde a ótica do cuidado. Para a concretização de tal estudo, além da pesquisa bibliográfica, utiliza-se a pesquisa de campo, realizando-se a coleta de dados e colhendo-se as escutas das histórias de vida das mulheres. Através dos resultados obtidos nas pesquisas, apresentam-se propostas de ações junto a mulheres em situação de prostituição.

ABSTRACT

This study verifies and analyzes how to care for women in the situation of prostitution from the perspective of popular education, aiming at social transformation. It is, therefore, important to investigate what are the mechanisms of exploitation, the causes and challenges experienced by the women involved in prostitution, in addition to examining the possibility of an education process which highlights popular education and liberation and finally, to suggest lines of action for the development of work from this perspective. The theoretical study becomes concrete on topics such as: prostitution and the context of the women who are involved in it, popular education, pedagogy and the processes triggered from the perspective of social transformation, and spirituality from the perspective of care. To accomplish such a study, in addition to the literature search, field research is used undertaking data collection and gathering, by active listening, the life histories of the women. Through the results obtained in the research, proposals are presented for action with women in the situation of prostitution.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho quer abordar a questão do cuidado junto às mulheres em situação de prostituição desde a perspectiva da educação popular, com vistas à transformação social.

Esta pesquisa verificará como se dão os processos de transformação social desde a perspectiva da educação popular e do cuidado em contextos onde se inserem mulheres em situação de prostituição. Serão abordados temas, tais como: prostituição e o contexto das mulheres que aí se encontram inseridas, educação popular, pedagogia e os processos desencadeados na perspectiva de transformação social e espiritualidade desde a ótica do cuidado.

Na realidade em que se inserem as mulheres é possível verificar várias formas de exploração e exclusão. Dentre elas, encontra-se a realidade de muitas mulheres inseridas em contextos de prostituição. A abordagem aqui quer tratar de mulheres do dito “baixo meretrício”, como se denominam as mulheres que, dentre tantos outros fatores, estão inseridas na prostituição em decorrência de uma realidade social desigual. Esta realidade faz com que muitas mulheres tenham seus corpos vistos como “instrumentos de trabalho” e sobrevivência. É certo que falar de prostituição é algo vasto, entretanto, aqui se quer abordar um grupo específico, que são as mulheres em situação de prostituição e empobrecimento.

No trabalho de aproximação destas mulheres e seu contexto, depara-se constantemente com o desafio de se realizar um trabalho que tenha como foco principal a ação transformadora de sua realidade, assim como um processo pedagógico que provoque nelas uma retomada e resignificação de sua história. Ao mesmo tempo em que se quer realizar um trabalho pedagógico, depara-se ainda com o desafio de reconhecer que este trabalho traz em sua essência a dimensão do cuidado, ou seja, uma espiritualidade que dá sentido e razão de ser ao trabalho.

O processo pedagógico entendido como uma ação de transformação social é um ponto deste trabalho e parte desde a dimensão da educação popular e a compreensão de Paulo Freire em relação a esta. Entretanto, a realidade em que vivem as mulheres demonstra que há casos em que não é possível esperar todo o processo pedagógico se concretizar, mas demanda uma ação eficaz. Em situações em que aparece a extrema fragilidade do ser humano, em decorrência de todo um sistema de exploração, surgem várias perguntas: O que é essencial neste trabalho? Como interligar o acompanhamento do processo pedagógico e a dimensão do cuidado com cada mulher em concreto? Em que momentos seguir o método e em que momentos ater-se às fragilidades apresentadas? Que respostas dar? Como devem ser construídos processos de transformação social nestes contextos?

Desde esta perspectiva, a presente pesquisa quer pensar estas questões, assim como possibilitar a visualização de um grupo da sociedade que diariamente experiencia a realidade da prostituição. Tal dado demonstra que há um contexto desigual e que precisa ser identificado, assim como ser transformado. Aqui não se fala de julgamentos morais sobre a condição em que vivem estas mulheres, mas sim de uma estrutura social que as coloca neste lugar. Desse modo, a presente pesquisa tem sua relevância no sentido de identificar estas causas de exclusão e exploração, assim como pensar na possibilidade de desconstrução deste modelo de sociedade.

Esta pesquisa é ainda uma inquietação pessoal da pesquisadora, que no contato diário com as mulheres em situação de prostituição, questiona o motivo pelo qual esta realidade se perpetua no contexto histórico, além da inquietação de visualizar esta forma de exploração que atinge diretamente milhares de mulheres em todo o mundo. Entretanto, não se quer aqui apenas visualizar e trazer para a Academia esta discussão, mas pensar formas e métodos de buscar novas respostas a estas demandas.

Para realizar o presente trabalho, a autora realizou uma pesquisa social e conversou com 14 mulheres inseridas em contexto de prostituição, as quais participam do Projeto Força Feminina (PFF), em Salvador/BA, Pastoral da Mulher de Belo Horizonte/MG e uma das entrevistadas participa na Pastoral da Mulher em

Juazeiro/BA. Todos estes locais citados têm um trabalho específico com mulheres em situação de prostituição e estão ligados ao Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, que tem como missão este trabalho e do qual a autora faz parte. Além de entrevistar as mulheres, foi feita também uma conversa com os agentes pastorais que estão envolvidos neste trabalho¹.

Para obter os resultados da pesquisa de campo, seguimos os seguintes passos: primeiro elaboramos um questionário e o submetemos à aprovação do Comitê de Pesquisa da EST; depois previmos uma média de 30 mulheres a serem entrevistadas, entretanto, durante o desenvolvimento do trabalho verificou-se que número de 14 mulheres era suficiente neste trabalho. Após a seleção das pessoas a serem entrevistadas, elas foram escutadas nos locais que freqüentam (espaços da pastoral). A partir daí, a pesquisadora recolheu os dados, fazendo uma análise dos mesmos.

As entrevistas tiveram como objetivo escutar das próprias mulheres suas histórias de vida e, a partir daí, refletir sobre sua realidade. As suas falas, seus movimentos, seus gritos e esperanças permearão todo o trabalho e iluminarão a ação pedagógica. Isso porque toda investigação se inicia por uma questão específica, um problema, uma dúvida. Esta modalidade de pesquisa de campo se baseia em Minayo, quando afirma que “o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os ‘atores’ que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social”².

No primeiro capítulo, iniciamos a conversa aproximando-nos da realidade das mulheres, reconhecendo qual é a condição destas mulheres em situação de prostituição e que, além do mais, são empobrecidas. A partir daí, cabe refletir a partir da realidade concreta em que estão, mas abrindo o leque para compreender o que acontece em nível global.

¹ Anexas fichas de entrevistas.

² MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). 26 ed. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 61.

Após ter contato com a realidade, ou seja, ao fazer uma “leitura de mundo”, como fala Paulo Freire, vamos refletir sobre que proposta pedagógica, marcada pela transformação, pode acontecer nesta realidade. Para isso, a partir de conceitos como a educação popular e tendo como base teórica textos de Paulo Freire, vamos refletir se é possível uma ação pedagógica neste contexto e de que forma se concretiza tal ação. Além de visualizar Paulo Freire e a proposta adotada pelos projetos nos quais estas mulheres estão inseridas, será fundamental voltar o olhar para a pedagogia de Jesus, verificar assim como era sua relação com as pessoas e que processos de transformação acontecem aí.

No terceiro capítulo, vamos refletir sobre aquilo que temos chamado de pedagogia do cuidado. Este é o fio condutor da ação pedagógica que quer ser transformadora, mas que tem em sua essência a dimensão da espiritualidade libertadora.

Fica então o convite para adentrar nesta realidade, neste mundo por vezes tão estranho aos nossos olhos, mas um mundo também marcado por vida, já que aí se encontram mulheres (e diria que mulheres guerreiras), pois cotidianamente estão a buscar novas alternativas e alçando diferentes vôos.

No encontro, feito com as mulheres e acreditando profundamente neste trabalho social, inicio a presente reflexão poetizando com Fernando Pessoa, o qual nos coloca a importância de seguir o caminho:

*De tudo, ficaram três coisas:
a certeza de que estamos sempre começando...
a certeza de que é preciso continuar...
a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...
portanto devemos
fazer da interrupção um caminho novo...
da queda um passo de dança...
do medo, uma escada...
do sonho, uma ponte...da procura, um encontro.*

1 AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO: UMA APROXIMAÇÃO À SUA REALIDADE

1.1 – Iniciando a conversa

Ao iniciar o presente trabalho, a pesquisadora irá adentrar um pouco na realidade específica de um grupo de pessoas: as mulheres em situação de prostituição. Buscar-se-á conhecer esta realidade através de falas e relatos das próprias mulheres, da experiência e contato da pesquisadora com essa realidade, contato esse que se localiza em contexto específico: Belo Horizonte/MG e Salvador/BA.

Após conhecer a realidade das mulheres inseridas em contexto de prostituição, de escutar suas falas, adentrar seus desafios e dar conta dos mecanismos de exploração que estão presentes nesta realidade, esta pesquisa buscará verificar em que contexto toda esta realidade está inserida.

1.2 - A realidade das mulheres empobrecidas em situação de prostituição

Compreender a vida e realidade de mulheres em situação de prostituição requer cuidado e respeito. Ao nos aproximarmos destas mulheres, aproximamo-nos de vidas concretas, marcadas por sonhos, desejos, utopias, medos, desafios; por isso a atitude de *“tirar as sandálias, pois o lugar é sagrado”* é fundamental.

No falar de Paulo Freire, este *“tirar as sandálias”* tem a ver com o respeito pelos saberes que as pessoas têm. Tais saberes se inserem em um horizonte mais amplo, que é o horizonte cultural. Daí que,

O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é ponto de partida para o

conhecimento que eles vão criando do seu mundo. Seu mundo, em última análise é a primeira e inevitável face do mundo mesmo.³

A realidade destas mulheres tal como de muitas mulheres empobrecidas é desafiante e difícil, mas também marcada pela ousadia e garra, tão presentes na vida das pessoas empobrecidas do mundo.

Em Salvador, BA, no Centro Histórico *Pelourinho* e adjacências, área comercial e ao mesmo tempo turística e residencial, vive uma grande população de baixa renda, assim como muitas mulheres exercendo a prostituição em casarões e hotéis insalubres, sem nenhuma infra-estrutura.

Bares, boates, praças e hotéis são usados pelas mulheres e seus clientes. A falta de infra-estrutura e insegurança expõe as mulheres a altos índices de violência e doenças. No primeiro semestre de 2009, 03 mulheres atendidas pelo Projeto Força Feminina foram assassinadas aumentando a lista de extermínio na cidade. Em pesquisa realizada no segundo semestre de 2007, pelo PFF sob a supervisão do sociólogo José Mauricio Daltro, constatou-se que 16% das mulheres atendidas têm idades abaixo dos 25 anos.

As mulheres em situação de prostituição apresentam baixo grau de escolaridade, vem de famílias pobres, com escassos recursos econômicos, marcados por conflitos familiares, pobreza e fome. Ainda segundo a pesquisa 64% possuem ensino fundamental incompleto e 7% se declararam analfabetas. A questão da geração da renda é importante, pois 57,2% são chefes de família garantindo a sobrevivência de seus filhos e demais familiares através da prostituição.

Observa-se que a grande maioria sofre violência física e psicológica de seus clientes (55,5%), companheiros/as (13,5%), policiais (17,7%), além de uma violência gerada entre as próprias mulheres (32,3%)⁴.

Alguns dados desta realidade podem ser apontados pelas próprias mulheres, através de seus relatos e histórias. Dentre tantos fatores vivenciados pelas mulheres, podemos visualizar alguns⁵:

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13. ed. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 86.

⁴ Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. Um olhar a respeito da prostituição. Salvador, 2008.

a) Violência/ Preconceito

Segundo Pletsch, a violência pode ser entendida como toda ação que agride, subjuga e reduz a mulher. Tal realidade pode ser física, psíquica, social, religiosa, simbólica, enfim a violência é todo ato que diminui e reduz as possibilidades de vida das mulheres.⁶ De acordo a experiência das mulheres:

Violência? Um homem colocou uma arma aqui em mim e me ameaçou e me deixou lá no... Lá num lugar bem deserto. Lá na suburbana e o outro me bateu aqui, puxou meu cabelo, entendeu? Então agressão, agressão né? Você chega a chorar, né? Você tem uma filha pra criar entendeu? E você diz: pelo amor de Deus não me mate, porque eu tenho uma filha pra criar e aí eu falei assim.⁷

Ou ainda:

Violência psicológica, eu vou lhe matar, sua prostituta, sua vagabunda, tá entendendo, no meio da rua, na frente de todo mundo... violência psicológica... assim, são terríveis.⁸

Esta questão da violência é séria e complexa, como nos diz Ivoni Reimer. O racismo, sexismo, e classismo são formas diferenciadas de violência, mas todas elas se baseiam no paradigma patriarcal de que o diferente tem menos valor.

A Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), em uma revisão sobre os estudos populacionais realizados em vários países, constatou que entre 10 a 69% das mulheres mencionaram ter sido agredida por seus companheiros pelo menos uma vez na vida. [...] A violência é um dos métodos mais efetivos para controlar as mulheres, uma das formas mais generalizadas de exercício do poder masculino, uma das formas mais generalizadas de exercício do poder masculino e o elemento central da dominação de gênero, afirmou Montserrat Sagot em 2008. A legitimação e perpetração das violências de gênero tem sido possível graças à ideologia patriarcal que perpassa as instituições sociais e naturaliza a posição subalterna das mulheres, crianças e homens que exercem sexualidade não hegemônicas.⁹

b) Relações desiguais de gênero: cultura patriarcal

⁵ Os relatos das mulheres foram coletados através de entrevistas e aqui os nomes utilizados serão fictícios em respeito à individualidade de cada uma delas.

⁶PLETSCH, Rosane. Violência e prostituição feminina. In: GAEDE NETO, Rodolfo, PLETSCHE, Rosane, WEGNER, Uwe. *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2004.

⁷ Entrevista realizada em 29 de abril de 2009 com Amanda.

⁸ Entrevista realizada em 27 de abril de 2009 com Patrícia.

⁹ MENEZES, N.S (org.). *Rotas críticas II: ferramentas para trabalhar com a violência de gênero*. Santa Cruz do Sul: EDUCNISC, 2009, p. 15.

Eu já passei muita humilhação por homem sabe? Chamar de prostituta... tirar da vida e ficar chamando de prostituta, humilhação, chamar de prostituta, ficar falando, esculhambando, entendeu? Ficar jogando na cara, mesmo que ele já tirou da batalha. Eu só voltei a batalhar porque ele não tinha um trabalho, depois ele descobriu que eu tava batalhando e ele começou a me esculhambar a me chamar de prostituta entendeu?¹⁰

No contexto em que estamos inseridas/os existe uma socialização que é patriarcal, ou seja, a maneira como as pessoas são educadas é marcada por concepções que valorizam certo referencial histórico que é masculino. Esta socialização aponta para diferentes maneiras o valor do que é masculino e que é feminino. À mulher estava reservado o lugar privado e ao homem o público. Segundo Ivone Gebara:

No século XX, essa hegemonia e valorização pública do masculino, assim como as desigualdades e injustiças que ela continha, se romperam pela ação e pela reflexão sobretudo dos movimentos feministas. Eles não só modificaram nossa maneira de entender teoricamente as relações entre mulheres e homens, mas também modificaram nossas emoções, nossos sentimentos, nossas crenças, nossas culpas, nossos conhecimentos, nossa história e nosso sentido de justiça.¹¹

Nestas relações desiguais de gênero se estabelecem relações de poder e estas são inscritas nos corpos através de mecanismos de supervisão social, disciplina, auto-regulação como afirma Foucault¹².

c) Estruturas da prostituição (relação nos locais de “batalha”)

Dentro do contexto da prostituição, muitas relações são estabelecidas. Existem locais em que as mulheres “batalham” em bares, que são “gerenciados” por seus donos ou donas. Nesta realidade, as mulheres pagam um preço para utilizar o quarto destes espaços, além de, na maioria das vezes, fazer com que os clientes consumam neste ambiente:

...se a gente ganha R\$ 10,00 é R\$ 4,00 do dono da casa e R\$ 6,00 da mulher, se a gente vai pro quarto de R\$ 8,00, a gente dá R\$ 3,00 pro dono da casa e a gente fica com R\$ 5,00. É por sorte a gente ganha R\$ 20,00, R\$ 25,00, e o movimento tá

¹⁰ Entrevista de Amanda, p. 2.

¹¹ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 23.

¹² NEUENFELDT Elaine, BERGESH Karen e PARLOW Mara (orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 23.

muito devagar, tem dias que a gente não faz... quando dá pra ganhar dá, quando não dá a gente vai passando".¹³

Em outros locais, como é caso de Belo Horizonte, as mulheres se prostituem em hotéis onde a diária varia entre R\$ 180,00 e R\$ 70,00, sendo que o programa também varia de R\$ 10, 00 e R\$ 20,00, aproximadamente, podendo variar, claro, conforme o que a mulher e o cliente combinam entre si. No entanto, esta é uma realidade de exploração, pois a mulher deve primeiro fazer vários programas para pagar a diária do hotel, isto sem contar os outros gastos destas mulheres tais como: higiene, alimentação, prevenção. Dentro deste contexto, escutamos relatos de mulheres que se encontram em situações limites, dado o grau de exploração:

Foi quando eu tava no hotel. Eu tava devendo três diárias, quatro diárias. Aí, quando foi um dia, teve um movimento bom pra mim, o dinheiro que eu ganhei eu tive que pagar a diária que tava atrasada e eu fiquei sem dinheiro nenhum. Ai eu falei, cheguei pro dono, pro gerente e falei: eu cheguei no meu limite, eu vou entregar o quarto pro senhor, vou continuar batalhando, se eu puder pagar as diárias eu pago, mas eu cheguei no meu limite entendeu? Porque foi uns momentos assim que eu cheguei no meu limite.¹⁴

Esta mulher relata a que grau chega às situações limites vivenciadas por elas:

Quando os "home" vai pro quarto com a gente e eles não querem pagar, transam, depois saem correndo, a gente como mulher não pode fazer nada, entendeu? E a gente fica muito revoltada, fica muito revoltada mesmo [...] Ontem aconteceu comigo dentro de um quarto com homem lá dentro de um brega lá na ladeira da montanha. Aconteceu ontem que eu fui transar com um homem, e ele dizendo que ia me dar R\$ 25,00, mas eu sou uma mulher sábia, mas sempre a mulher passa para o homem, não sei porque tá frágil, não sei porque, aí ele tava demorando de se realizar comigo, aí eu falei pra ele, olhe se você demorar mais, os donos da casa "vai" cobrar mais caro. Ai ele disse: vamos continuar transando que eu lhe dou R\$ 50,00, eu digo você tem que me pagar adiantado, mas como ele é cliente das menina eu confiei nele.¹⁵

Existem algumas regras no mundo da prostituição como, por exemplo, receber o dinheiro antes da realização do programa. Não cumprir esta regra implica correr o risco de perda. A mesma mulher continua:

Aí quando ele terminou de transar comigo ele não tinha R\$ 1,00 no bolso pra me pagar. Mesmo assim eu tirei o dinheiro do meu bolso e paguei o dono da casa, porque o dono da casa não aceita as mulher tomar calote, no brega se chama calote, tomar calote é não pagar. Ele pensa que o homem deu o dinheiro e a

¹³ Entrevista de Lêda, p. 1.

¹⁴ Entrevista de Bianca, p. 3.

¹⁵ Entrevista de Lêda, p. 4.

mulher, eu, por exemplo, que tava com o homem, não aceita a mulher, fica xingando a mulher, aí começa a baixaria [...] me chamando de puta, dizendo que vai me botar da casa dele pra fora. Então eu preferi tirar o meu dinheiro do meu bolso e pagar ao dono da casa. Aí o que foi que eu fiz, peguei uma furadeira de parede dele, peguei uma colher de pedreiro, e um martelo. Aí ficou empenhado e ele hoje levaria meu dinheiro, mas ele não levou, se ele não levar, eu vou pegar a máquina, a colher de pedreiro e vou vender.

d) Saúde

Percebe-se, neste contexto, um grande desgaste físico dada a vulnerabilidade a que as mulheres se encontram expostas.

...a vida da prostituição não tem nada pra oferecer. A gente só faz envelhecer, se acabar, entendeu? Só estragar o corpo, porque estraga muito o corpo da mulher... E também estraga doença, eu mesmo tive uma doença chamada codiloma, por isso que eu tirei meu útero, meus ovários, fiz tratamento de câncer durante 8 anos...fiz operação...tudo isso devido a vida da prostituição¹⁶.

e) Necessidades Básicas (moradia, alimentação, educação, cuidados com os filhos/as)

Primeiro: se eu soubesse ler, eu acho que eu dava nó em pingo d'água, se eu soubesse ler eu tava num bom emprego porque eu sei conversar e eu tenho muito conhecimento...¹⁷.

Quando chego no meu bairro e desço do caminhão ficam alguns gritando: Lá vai a puta...eu acho isso horrível, mas nem dou bola...por isso evito ir de caminhão....não posso fazer nada, pois tenho dois filhos e preciso estar aqui¹⁸.

Uma das mulheres, relatando sua história, vai mostrando como esta busca por suprir as necessidades básicas serão constantes em sua vida.

Eu tinha 17 anos mais ou menos aí eu tive minha menina com 17 anos, ela nasceu em janeiro, eu fiz 17 em dezembro, quando foi em janeiro ela nasceu e como eu não tinha onde ficar nem nada eu comecei a... até que um dia eu recebi um tapa na cara do pai da minha menina aí com isso eu consegui um quarto, fiquei morando debaixo de uma escada com ela e aí tive que batalhar pra sustentar ela, e me sustentar, não tinha fogão, não tinha colchão, não tinha nada. Aí comecei a batalhar, e tentei várias vezes sair, mas por falta de trabalho e até estudo também, porque o estudo facilita eu acabei voltando de novo, e eu saía e voltava...¹⁹

¹⁶ Entrevista de Lêda, p. 1.

¹⁷ Entrevista realizada em 16 de junho de 2009 com Sandra.

¹⁸ Diário de bordo.

¹⁹ Entrevista realizada em 18 de junho de 2009 com Ana.

A busca por alternativas e as várias tentativas de saída da prostituição serão uma constante na vida de muitas mulheres.

...eu comecei com 17 e saí mais ou menos com 21 pra completar 22 anos, aí comecei a trabalhar, aí o rapaz foi e me fez, disse que ia assinar minha carteira e no dia de eu receber ele virou pra minha cara e disse que não dava não que eu não tinha dado lucro pra ele que no caso eu trabalho direto, e aí no caso eu tinha que levar cliente pra lá, mas eu tive não culpa, pois eu trabalhei, sol a chuva, depois disso aí eu tive que voltar de novo a batalhar. Aí fiquei batalhando e fiquei tentando sair, aí eu comecei a trabalhar de garçomete em uma boate também, só que aí eu só fazia programa de vez em quando e eu tava querendo sair, mas acabei tendo de voltar de novo por conta que eu já tinha uma filha, depois eu engravidei do meu menino.²⁰

A falta de emprego e a necessidade cotidiana de uma família fazem com que esta mulher busque na prostituição uma forma de sustento.

Aí quando foi em 2004, ele sem trabalhar, aí a gente passou até mais que necessidade, eu tinha que pedir, aí até que a primeira vez eu me arretei com ele, aí saí de casa, no que eu saí de casa, eu não batalhei, aí eu não batalhei, aí voltei pra ele, aí depois de um tempo ele virou pra minha cara e mandou eu ir batalhar pra poder arrumar o dinheiro pra abrir a venda, só que aí eu me arretei, eu fui pra vida mas larguei ele, passei uns doze dias ou 15 fazendo vida, depois voltei pra ele e fiquei também continuando fazendo vida mais ou menos um mês.²¹

1.3 - Mecanismos de exploração e estruturas no mundo da prostituição

Abordar a questão dos mecanismos da prostituição supõe abordar a própria história da prostituição e, assim, sendo suas estruturas e de que forma ela foi se constituindo e continua na história.

De acordo com Nickie Roberts, no antigo oriente, a sociedade se estruturava de modo matriarcal e, assim, a mulher era vista como força de vida, centro das atividades sociais. Entretanto, a partir de 3000 a. C, os homens de tribos guerreiras começam a ter consciência de seu papel e por isso começam a dominar os povos matriarcais. Neste contexto, de consolidação de sociedades patriarcais e até mesmo da religião hebraica, as mulheres passam a ser consideradas como propriedade privada dos homens. Aqui, o aspecto da sexualidade tem relevância, sendo que se

²⁰ Entrevista de Ana, p. 1.

²¹ Entrevista de Ana, p. 1-2.

uma mulher não fosse virgem ou casada era moralmente condenável.²² Neste contexto, a prostituição estava associada à hospitalidade, pois havia um costume de se oferecer as mulheres da casa ao hóspede viajante.

Mais adiante, a prostituição passa a ser uma questão do estado, que, por um lado, buscava salvaguardar a ordem e moral, mas por outro buscava obter recursos através desta atividade. A partir de 313, com o edito de Milão, percebe-se uma maior difusão do cristianismo e assim tem-se o fortalecimento do clero. Tal difusão conduz logo a uma degeneração da figura feminina, reforçando imaginários dualistas: lícito, ilícito, pecado e virtude, certo e errado, pecadores e convertidos.

De acordo com o discurso da igreja, neste momento, a mulher prostituta reforçava a separação entre o público e o privado. Mas é, sobretudo, nos séculos XII e XIII que a sociedade se empenha em um movimento de “conversão das mulheres perdidas”. A figura de Maria Madalena é aqui tomada como exemplo²³.

Neste período, alguns juristas franceses escrevem legislações buscando controlar as mulheres inseridas na prostituição. E aqui se percebe claramente o antagonismo da Igreja, pois, por um lado, ataca a sexualidade em geral e, por outro, promove a prostituição.

No final do século XIII e início do século XIV surgem várias mudanças na história, entre elas as catástrofes ecológicas, econômicas e demográficas. O feudalismo encontra-se numa profunda crise. A chamada “Peste Negra” veio devastar a Europa na segunda metade do século XIV.

Nesta época, a situação das prostitutas refletia as lutas que estavam ocorrendo em toda sociedade. Os bordéis começaram a ser associados - no que diz respeito às autoridades - à dissensão e desordem públicas, pois era o lugar onde as pessoas da classe trabalhadora podiam se reunir e expor suas queixas. Os conselheiros municipais começaram a endurecer as leis que envolviam o comércio do sexo [...] Na segunda metade do século XIV, muitas cidades e vilas francesas viram seus distritos de prostituição reduzidos a uma única rua - estas “ruas quentes” - sendo de propriedades da municipalidade e rigorosamente administradas por ela.²⁴

²² OBRA SOCIAL DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. Quem levou o meu ser? Mulheres de rua. Lisboa: 2005. In: RAMALHO, A. N; SANTOS, C.J. *Prostituição: Um fenômeno da história da Civilização Ocidental*. p. 16-18.

²³ OBRA SOCIAL DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. p. 29.

²⁴ ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos tempos, 1998. p.122.

No final da Idade Média, surge o Renascimento como novo modo de pensar. A sociedade começa a emergir centralizando no homem seu ponto de vista a partir da visão grega das relações entre os sexos. As mulheres são reduzidas, subordinadas e, assim, a ideia já existente do padrão de castidade das mulheres passa a ser reforçado.

As esposas eram mantidas em estrita reclusão, aprisionadas em seus lares, exceto nos dias santos; nessas ocasiões, tinham permissão para ir até a Igreja acompanhadas de seus maridos. Os homens possessivos eram famosos por manter suas esposas durante anos nessas condições de prisão doméstica. Havia acabado a tradição medieval de mulheres fortes e relativamente independentes que participavam plenamente das questões de sua família. Segundo o ideal renascentista, as mulheres casadas tinham de ser obscuras e obedientes.²⁵

Nesta época, milhares de mulheres são assassinadas por toda a Europa por conta da chamada “caça às bruxas”. Este foi, segundo Nickies, o primeiro holocausto religioso da história, durando mais de três séculos. O processo da Reforma do Protestantismo, no século XVI, rompe o monopólio da Igreja Católica e remodela a ordem moral da Europa. “O cerne da nova imagem protestante do homem e da sociedade estava numa nova moralidade sexual – uma moralidade ao mesmo tempo mais pragmática e mais repressiva do que aquela da Igreja inicial”²⁶.

Em finais do século XVI, com a inflação crescente, é grande o número de mulheres que deixam a vida no interior e se deslocam para os centros urbanos em busca de trabalho. É neste período que se faz menção aos bordéis infantis que forneciam meninas entre sete ou quatorze anos. Neste contexto, as meninas pobres eram muitas vezes vendidas pelos próprios pais para a prostituição.

O fundamental é que o comércio do sexo estava vivo e pulsante; a Reforma não conseguiu reprimi-lo, pelas razões habituais - a oferta e a demanda nunca faltaram. A grande onda de moralismo que abriu o século XVI foi incapaz de “limpar” tudo, embora tenha conseguido certo sucesso em aterrorizar e punir as classes inferiores em geral e as mulheres em particular.²⁷

No século XVIII e XIX temos um período marcado por profundas e grandes mudanças, trazendo à sociedade crises econômicas, políticas e sociais. Tem-se uma

²⁵ ROBERTS, 1998, p.129.

²⁶ ROBERTS, 1998, p. 141.

²⁷ ROBERTS, 1998, p.157.

sociedade enferma, pois o processo industrial traz consigo um considerável crescimento urbano. Sendo assim, há movimentos migratórios da população rural, que formam a grande população pobre e proletária das cidades. Há um crescente aumento de delitos contra a propriedade e contra as pessoas, pois cada vez mais aumenta o crescimento da população empobrecida e concentrada nos grandes núcleos urbanos.

Frente a esta pauperização, o alcoolismo, a prostituição, o roubo são algumas respostas dadas ante a normalidade imposta por uma sociedade progressivamente industrializada. Criminosos, prostitutas e ladrões integravam a paisagem urbana, como realidades visuais cotidianas e numericamente consideráveis.

Neste contexto, a prostituição é objeto de grande interesse literário e científico. Surge grande número de teorias científicas em torno da prostituição (médicas, antropológicas, sociológicas). Estas teorias serviam para apoiar a exclusão e estigmatização das mulheres em situação de prostituição, prostitutas que eram consideradas como “diferentes”. Por meio das argumentações científicas se fazia parecer determinados atributos às prostitutas que resultavam incongruentes com o estereótipo feminino²⁸.

Entretanto, existem causas sociais que fazem com que estas mulheres se insiram na prostituição. De acordo com a obra de Prent Duchatelet, *De la prostitution dans la ville* de París, publicada em 1857, as prostitutas basicamente são apresentadas como filhas da pobreza, miséria e da fome. Tais considerações serão respaldadas pela Escola Sociologia do Meio Social, pelo sociólogo francês Dr. Lacassagne (1834-1924). Ele não negava as causas biológicas que poderiam interferir, mas insistia na importância primordial que para explicar tais condutas era preciso olhar o meio social.²⁹ Foi Fernando de Vahillo quem mais analisou os determinantes sociais que conduziam à prostituição e fez duras críticas contra a hipocrisia da sociedade que conduzia as mulheres à prostituição e logo as condenava. Fome, miséria e escassez eram para Vahillo as fontes da prostituição.³⁰

²⁸ GÓMEZ. R.A. *Caída, Miserables, Degenerada*: Estudio sobre la prostitución em El siglo XIX. Madrid: Horas, 1994, p. 22.

²⁹ GÓMEZ. 1994, p. 39.

³⁰ Conferir anexo 1. Carta de Fernando Vahilo.

No período da revolução industrial, várias consequências são vivenciadas pelas mulheres trabalhadoras. Elas trabalhavam nas fábricas e recebiam um salário abaixo do nível de subsistência, seus salários ficavam abaixo do salário recebido pelos homens. Esta realidade as colocava em desvantagem na luta pela sobrevivência. As condições econômicas e sociais favoreciam, assim, o aumento da prostituição que se seguiu em todos os países ocidentais. Assim, no período da Revolução Industrial é grande o aumento da prostituição por conta do êxodo rural e às condições de pobreza. Segundo Consoli, “em nosso tempo, a prostituição, especialmente nos países subdesenvolvidos, vem assumindo porções alarmantes, devido a um complexo causal para o qual concorre fundamentalmente o problema econômico, a condição social e em menor escala, razões de ordem psicológica.”³¹

Segundo Regina Medeiros³², a prostituição em nossa sociedade é considerada uma atividade profissional (cujo fim é o prazer e não a procriação) em troca de um valor monetário e caracterizado pelo desapego afetivo. Está localizada em espaço público e inscrita no lugar do gozo sexual, portanto, simbolicamente, associada à negação do papel de procriação atribuída à mulher. Além do mais, a prostituta está instalada no espaço da rua-lugar do anonimato, do trabalho, de luta e de batalha-longe das obrigações do cuidado e do apoio à família, lugar do homem, sendo, por isso, identificada como “mulher da vida, mulher da rua, mulher à-toa”.

Existe uma ambiguidade presente no mundo da prostituição, pois se, por um lado, a prostituição feminina é considerada uma atividade necessária para conter os conflitos sociais para atender os desejos sexuais dos homens, o que a faz ser chamada de “um mal necessário”, por outro lado ela é vista como transgressão, pois aquelas que se inserem neste contexto fogem às normas morais estabelecidas. Falar de prostituição é falar de ambiguidades. Portanto, não é possível definir suas causas e consequências com apenas um dado, ao contrário, são vários os pontos para que se possa compreender. Entretanto, vale ressaltar que a prostituição forma uma categoria, entre outras, estigmatizada e logo colocada à margem da sociedade.

A prostituição não pode ser considerada em todas as realidades da mesma forma. Cada região, cada local a interpreta de maneira diferenciada, de acordo com

³¹ CONSOLI, R. *A mulher de baixa renda e a prostituição*. Folha, 4.

³² Doutora em Antropologia Social, professora adjunta da PUC/MG, pesquisadora do NEP/CMT.

os significados sexuais que estruturam a vida da população. Entretanto, vale ressaltar que, na atualidade, como já apontava Consoli, o dado econômico, não isolado dos outros fatores é um alarmante para o grande aumento de mulheres inseridas no contexto de prostituição.

1.4 - Desafios cotidianos e histórias de vida

A realidade em que vivem as mulheres em situação de prostituição é marcada por muitas ambiguidades. Ela é fruto deste contexto atual que cada vez mais gera pobreza, principalmente neste contexto neoliberal que aumenta o número de pessoas excluídas.

A seguir serão relatadas algumas histórias de vida de mulheres, fruto da pesquisa realizada com elas. Nesta pesquisa, as mulheres relataram suas histórias, seus sonhos, desafios, trouxeram à tona relatos do cotidiano e dos entraves que encontram no mundo da prostituição, contaram ainda como vêm vivenciando o processo de transformação de sua própria realidade a partir da tomada de consciência. Escutar estas histórias será essencial para continuar, desde aqui, o presente trabalho; escutá-las pede atitude de respeito e reverência, pede um movimento de romper preconceitos, de aproximar-se com cuidado de vidas sagradas, permeadas pelos toques de um Deus Amor. Verdadeiramente, “Deus ouve o clamor e desce para libertar” (Ex 3,10). Verdadeiramente, Deus se faz presente lá onde não se pode imaginar e de novo surpreende o ser humano.

Ainda neste ponto relatar-se-á algumas experiências de agentes pastorais e como estes vivenciam tal experiência: a experiência de compartilhar da vida destas mulheres guerreiras em busca de vida, mulheres Agar de nosso tempo, que muitas vezes se encontram no deserto, mas são vistas pelo Deus cuidador. É importante, aqui, verificar de que modo se configuram as experiências destes agentes. A partir de então vamos escutar estas histórias.

Iniciamos com o relato de uma mulher, nascida no Rio de Janeiro, hoje com 50 anos e vivendo em Salvador. Deixemo-la falar como iniciou na prostituição e o que vem fazendo agora:

Comecei mais ou menos com 20 anos.. .era porque era um tempo antigo, trabalhava e ia pra prostituição... eu já batalhava no Rio.. .eu trabalhava num prédio na Lagoa Rodrigo de Freitas e uma colega minha me achava muito bonitinha, sabe, porque eu era toda magrinha, e ela dizia: 'menina você com um corpo desse' ficar trabalhando, ah não... e aí ela me levou pra conhecer e esse conhecer né, sempre tem um amigo dela que gostou daquela mulher e que ela já diz: 'ah, nunca batalhou, é primeira vez, é primária...aí quer conhecer aquela mulher.'³³

As mulheres contam sua realidade no mundo da prostituição, mas trazem ainda suas vidas, seu cotidiano parecido com o de tantas mulheres. Ela continua:

Eu casei com 15,obrigada ,porque houve uma história que eu tinha perdido a virgindade, aí meu namorado foi e contou pra minha mãe e ela chamou a polícia. Eu tava no último ano do colégio né, eu tava fazendo a quinta série, faltava dois meses pra terminar o ano, foi que ela fez esse escândalo todo. A diretora proibiu de eu ir ao colégio porque não podia mais me misturar com as meninas que era virgem. Aí eu perdi. Aí tomei um remédio...entendeu? Fui parar no hospital, fiquei envergonhada, eu não tinha mais amigas, não podia ir pro colégio, não podia mais nada, na minha cabeça eu não podia, a vida terminava.³⁴

O contexto familiar permeado por suas ambiguidades e conflitos é um dos marcos de grande relevância ao abordar a realidade das mulheres em situação de prostituição. Relações conflituosas, desentendimentos, incompreensões podem ser agravantes neste processo onde a mulher se visualiza adentrando o mundo da prostituição.

Eu fiquei em casa de família. Depois eu já tava com 20 anos que começou essa coisa de boate, entendeu? Quando a gente tem 20 anos, tudo deslumbra, entendeu? Não que seja uma coisa maravilhosa, mas pra mim ganhar dinheiro era ótimo, é uma fase que você quer ganhar comprar muita roupa, entendeu? Eu era uma menina elogiada pelos donos da boate porque eu tava sempre muito bem vestida, então comprava vestido caro, sapato caro naquelas botiques de Copacabana, então eu queria tá bem de vida e levei muito pra chegar a questão, pra mim, no início era flores.³⁵

Quando esta mesma mulher é questionada pelos desafios encontrados na prostituição, ela diz:

Desafios? A violência né, porque a violência é... você vai vendo que você entra, vê uma pessoa, bebe com ela, conversa e pra você, depois, de repente, isso

³³ Entrevista realizada no dia 19 de abril de 2009 com Virgínia.

³⁴ Entrevista de Virgínia, p. 1.

³⁵ Entrevista de Virgínia, p. 2.

muda como se caísse uma máscara, né .. e que você é violentada, você faz sexo que você não quer fazer, entendeu? Você pode ser estropada mesmo que está ali, porque você é uma mulher que tá ali e pode ser estropada, espancada...³⁶

As mulheres falam ainda de ganhos e perdas no mundo da prostituição:

Ganhos? Eu acho que não ganha nada, apesar dessa ideia que ganha dinheiro mais que um salário mínimo trabalhando dignamente. Você perde muito a sua integridade física, moral, mental, entendeu? Psicológica. Porque você se degrada saindo com um, com outro, você tem que se multiplicar, sorrir pra quem você não gosta, deitar com quem você não gosta, fazer coisas que você não gosta, eu acho que não tem ganho nenhum.³⁷

O dinheiro traz, a princípio, a ideia de que os problemas serão solucionados, mas a falta de integridade mostra o contrário.

O dinheiro não paga essa falta, essa perda de tanta multiplicação de que você tem que ser mil mulheres ao mesmo tempo. Então o distúrbio é muito grande, psicológico na mulher... Você perde a integridade, porque por mais que você tome banho você sempre acha que tá suja, sabe? Não limpa. Aquela pessoa que te espancou, que te maltratou, que te... Entendeu? Você fica parece que suja daquilo e não limpa mais.³⁸

A violência, como já dito anteriormente, é algo presente no cotidiano das mulheres: violência simbólica, sexual, de gênero, física, moral, enfim, são várias violências que elas enfrentam diariamente:

Essa semana mesmo... Olha aqui ô (aponta para o braço), briguei com a mulher, a mulher me jogou no chão, aí eu cai no chão, desmaiei, e eu apaguei, aí a PM me deu socorro e essa menina tá proibida de ficar na praça. Ela achou que ia atrasar meu lado, mas ninguém vai atrasar meu lado, tem que ter fé em Deus e quem vai ficar atrasada é ela...³⁹

Neste contexto, percebem-se relações de violências entre as próprias mulheres como ditas acima e também nas relações com os homens.

Outra violência foi brocada na Pituba (aponta para as costas), aqui foi o pai do meu filho (aponta o ombro)...brigas...tem o meu dedo partido, de homem. Eu não dou certo com homem, meu negócio é viver sozinha. Não dou certo nem com homem, nem com família. Meu pai é polícia e eu não conheço, aí eu fico assim imaginando: uma hora eu saio com meu pai e eu não sei. Será que uma hora eu já sai com uns parente meu, primo, irmão e eu não sei. Imagine se eu dormir com uns parente. Imagina uma hora eu conhecer meus parentes e ver assim, eu já saí com ele. Imagine como vai ser?⁴⁰

³⁶ Entrevista de Virgínia, p. 2.

³⁷ Entrevista de Virgínia, p. 2.

³⁸ Entrevista de Virgínia, p. 2.

³⁹ Entrevista de Virgínia, p. 2.

⁴⁰ Entrevista realizada em 30 de junho de 2009 com Roberta.

Adentrar o mundo da prostituição desde criança, ou, ainda, desde menina, é uma das formas de violência marcadas e trazidas por estas mulheres:

Eu sou mulher da vida desde 11 anos de idade... Eu comecei assim lá no interior, a gente trabalhando, aí foi um patrão, que eu trabalhava na casa de babá, ele me fez mal, eu tinha 11 anos entendeu? Aí depois eu passei... Aí quando foi...eu tava com 16 anos aí eu sai com outro homem, aí eu bebi, ele tornou me pegar de novo. Foi duas vezes já. Foi a força. A gente tava bebendo. Quando eu acordei eu tava num lugar lá que ele me levou cheia de sangue. Foi duas vezes já. Duas vezes, que ele...quando eu acordei eu tava lá no lugar, porque no interior tem esses lugares que alugam quarto, sabe? Aí pronto, aí ele me fez mal, quando eu acordei tava toda...⁴¹

Outra mulher diz:

Violência eu sofri com esses dois... Nenhum dos dois queria pagar. Entendeu, agora? Não pagou o programa. Mandou eu descer do carro e não pagou, entendeu agora? E uma vez eu fui com o cara também e ele me deixou e um lugar bem deserto, lá pro lado de Lauro de Freitas. Aí foi meia noite isso aí. Doze horas. Ele me deixou num lugar bem deserto. Tive que vim andando, achei uma carona de um taxista, também. Sofri três violências. E eu não menti porque foi Deus mesmo que não me deixou morrer, entendeu? Porque tem homem que mata mesmo e aí não tem nem aí, matou e deixou ali no matagalo, entendeu? Mas Deus o livra acontecer isso, Deus o livra, nunca aconteceu isso não...é esse lance aí.⁴²

Abaixo uma das mulheres relata a violência sofrida nos espaços de prostituição:

Lá onde eu trabalho mesmo, onde eu tô trabalhando o dono da casa foi em cima de uma colega minha de trabalho pra dá na cara dela aí foi que eu não deixei, empurrei ele na parede e eu disse que dono de casa deve respeitar a gente porque a gente faz o programa que dá lucro na casa dele. Aí eu fui em cima dele, se ele batesse nela eu ia quebrar a cara dele todinha. Mas como eu sou uma mulher não tenho força com homem, eu tava pensando em pegar uma cadeira pra arrebentar nele, o dono da casa de onde a gente trabalha, e qualquer coisa eles ficam ameaçando pra gente ir embora, mas como é que a gente vai embora se a gente perdeu a juventude ali dando lucro a eles, entendeu? Então eles não têm direito de mandar a gente embora. Se a gente envelheceu lá dando lucro a eles... tem que existir uma lei pra isso.⁴³

Existem nestes contextos situações que são limites e são vivenciadas pelas mulheres. Durante as entrevistas, quando questionada sobre quais eram as situações limites vivenciadas, Lêda responde:

Teve...Teve quando os home vai pro quarto com a gente que eles não paga, transa, depois sai correndo, a gente como mulher não pode fazer nada, entendeu? E a gente fica muito revoltada, fica muito revoltada mesmo, porque a gente já vai

⁴¹ Entrevista realizada no dia 18 de junho de 2009 com Tânia.

⁴² Entrevista de Amanda, p. 2.

⁴³ Entrevista de Lêda, p. 2.

pro quarto na esperança de pegar aquele dinheiro, é tanto que quando acontecia isso, muitos homem a gente tirava a roupa dele, tomava a roupa dele, deixava ele descer a montanha nu, várias vezes a gente fez, porque não era eu sozinha, eu e minhas colega fazia isso...⁴⁴

Neste contexto, percebe-se quão conturbada é a relação destas mulheres com seus familiares. Várias relatam ter deixado a família e nunca mais terem tido contato, ou ainda que muitas violências fossem vivenciadas aí mesmo dentro de suas famílias. Durante os relatos destas experiências, as mulheres demonstravam ressentimentos e mágoas, mas também desejo de que tudo tivesse sido diferente.

Nunca mais tive contato com minha família. *Perguntada por que não teve mais contato com a família, ela responde:* “porque... eu acho que, eu não tive apoio entendeu? Foi uma infância difícil. Minha mãe é uma pessoa, foi difícil pra mim entendeu? Então ela ficou assim como se eu... eu sei que tenho irmãos que me amam, amo meus irmãos, tenho boas lembranças deles, mas não tenho vontade de é... ir sabe para mim mãe foi... eu peço perdão a Deus todo dia por isso porque ela é minha mãe, mas acho que ela não foi legal comigo.” *Perguntada pela mãe, se ela é viva, ela responde:* “eu acredito que sim, eu posso falar que a minha filha entra em contato com tio, mas se eu escrevo?... Natal às vezes dá vontade de escrever, mas a minha filha escreve...”⁴⁵

Outra mulher expressa:

Com minha mãe? Com minha família? Oie⁴⁶, per enquanto eu não peço nada a ninguém graças a Deus, eu dependo de mim mesma, sabe? Eu acho que eu sou um pouco... um pouco, quando a gente mora perto de família a gente é um pouco humilhada, entendeu agora?⁴⁷

Mas existem também relatos de experiências que foram fortes e positivas e que, ao recordar hoje, trouxeram às mulheres lembranças importantes.

Eu mesma nasci no Estado de Pernambuco, mas foi no mato, no mato mesmo, no mato mesmo sem nada, a casa de meu pessoal era tudo casebre, umas casinha de palha, dentro do mato, só tinha vereda e caminhozinho pelo meio do mato. Eu vivi lá até 14 anos. Eu caçava pra comer, de noite meu pai saía pra caçar, eu ia com ele, a gente... de manhã a gente trazia cutia, preia, paca, trazia veado, trazia juriti...tudo isso. A gente era quatro filhos, duas mulheres e dois homens. Mas hoje eu perdi contato com minha família, tem mais de 20 anos.⁴⁸

Ao relatar a experiência acima, a mulher dava boas risadas, expressando que foi um tempo bom e que traz lembranças boas. Mas estas mulheres também relataram seus medos.

⁴⁴ Entrevista de Lêda, p. 2.

⁴⁵ Entrevista de Patrícia, p.1.

⁴⁶ Expressão da própria mulher.

⁴⁷ Entrevista de Amanda, p. 1.

⁴⁸ Entrevista de Sandra, p. 1.

Eu tenho medo de continuar nesta vida e as pessoas me fazer um mal a mim. Eu nunca tive medo, mas agora eu tenho medo...⁴⁹

Medo de ficar velha, problema na coluna que eu sinto muita dor na coluna, problema de artrose que eu tenho e dói demais.⁵⁰

Entretanto, existem ainda as dimensões da esperança e da solidariedade muito presentes na vida destas mulheres, dimensão esta que caminha muito próxima da dimensão da espiritualidade ou de sua relação com o transcendente.

Deus, eu acredito em Deus... uma das vezes... porque Deus vai agindo na vida da gente de várias maneiras, só que tem maneira que é mais forte e a gente percebe melhor né? Um dia eu tava ali encostada ali na praça e eu falei: o Meu Deus será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa? Eu não quero mais continuar fazendo programa. Daquele momento, eu tive como se eu tivesse renascido, me deu um sentimento, uma coisa dentro de mim tão diferente, eu fiquei leve e fiquei assim como se eu tivesse renascido. Eu fiquei com uma coisa tão boa dentro de mim que parecia que nascia naquela hora. Então é o momento que eu mais senti Deus me carregando entendeu? Me transformando. Foi naquele momento. Tanto que eu não me esqueço. É uma coisa mais ou menos assim, eu me sinto leve, sentimento bom dentro de mim, uma esperança imensa, entendeu? De mudança e realmente naquele momento começou a mudar minha vida, né? Não financeiramente, porque tá todo mundo na luta, mas assim como pessoa, no meu trabalho, foi muito bom, é uma coisa que eu não esqueço, me sinto como se eu tivesse nascendo de novo.⁵¹

1.5 - A prostituição no contexto global

A realidade da prostituição está inserida em contexto local como dito anteriormente, expresso através das falas e realidade concretas, mas é ainda uma realidade que se insere em contexto global. Daí a importância de compreender a realidade atual.

Contextualizar a realidade atual implica voltar o olhar para a história e compreender o que significa a modernidade e o que esta implica em termos de construção do mundo atual e os desafios presentes nele. Para isto, é importante demarcar este como um período histórico. Segundo muitos historiadores, sua origem se encontra no século XVIII, com a influência do Iluminismo. O projeto da

⁴⁹ Entrevista de Roberta, p. 1.

⁵⁰ Entrevista de Patrícia, p. 2.

⁵¹ Entrevista realizada em 18 de maio de 2009 com Bianca.

modernidade visava a um processo de domínio da razão, de busca de universalidade e secularização.

As duas guerras mundiais, marcos na história da humanidade, redesenharam o mundo. Alguns países do ocidente e oriente começaram a investir pesado na indústria de ponta, como condição indispensável para o desenvolvimento político-econômico-social-cultural; a competir entre si, a oferecer melhores condições de vida à população, preparando-se, logicamente, para futuros conflitos. Foi nessa época que o progresso científico assumiu, pela primeira vez, formas ameaçadoras.[...] A guerra fria acirrou, ainda mais, a disputa entre os blocos capitalista e socialista. Nesse período, chamado era pós-industrial, percebeu-se uma mudança paradigmática na ciência, que até então era considerada uma atividade nobre, desinteressada, cujo objetivo era romper com o mundo de trevas.⁵²

Nas últimas décadas, aconteceram quatro grandes quedas simbólicas. A primeira se refere ao final da guerra de 1939-1945. Cai o império nazista e a vergonha dos campos de concentração. Em seguida, a queda do muro de Berlim, trazendo o fim do socialismo, deixando reinar o neoliberalismo. Recentemente, as Torres Gêmeas foram tombadas em Nova Iorque e, finalmente, continuam a desmoronar as barreiras culturais nacionais sob o poderio da globalização midiática, proporcionando uma invasão religiosa jamais conhecida na história.⁵³

Olhando pelo lado latino americano, é possível perceber seus sinais já no século XVI, já no encontro entre a Europa e América. Assim,

Identificar diferenças na colonização norte americana e latino-americana, o que já prenuncia particularidades no nosso continente. Se, na América do Norte, eles nascem com a Reforma e a Enciclopédia, ou seja, com o mundo moderno, a América Latina surge na história com a Contra-Reforma e a era neoclássica, isto é, contra o mundo moderno, em que pese o dado de que existem diferenças substanciais na constituição dos Estados-Nação no continente latino-americano e em suas trajetórias ao longo da história.⁵⁴

Compreender a modernidade implica, pois, voltar o olhar para um longo período e assim reconhecer o paradigma de conhecimento marcado pela

⁵²LAMPERT, Ernani (org.). *Pós Modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 17.

⁵³FREITAS, C.M. (ORG.). *Teologia e Sociedade: relevância e funções*. In: LIBÂNIO, J.B. *Teologia no limiar do século XXI: relevância e função da Soter*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11.

⁵⁴WANDERLEY, W.E. Luiz. *Modernidade, pós-modernidade e implicações na questão social latino-americana*. In: BERNARDO, Terezinha; REZENDE, A. Paulo (org.). *Ciências sociais: na atualidade: realidades e imaginários*. São Paulo: Paulus, 2007, p.51

racionalidade, ciência e secularização. Percebe-se ainda certo endeusamento da ciência e da técnica, tendo na formação econômico social o capitalismo como modo de produção. Em termos de organização política, configurou-se o Estado-nação com seus atributos e na dimensão cultural ela englobou um movimento de artes, perspectiva estética e uma forma de significação social e simbólica⁵⁵.

Na América Latina, compreender o processo da modernidade faz voltar o olhar para o processo de colonização dos países: “é preciso analisar o caráter da implantação do chamado “capitalismo periférico” (na qual a dependência tem papel constitutivo) e mostrar as particularidades que definem e modelam os modos de produção e as formações econômico-sociais”⁵⁶.

Neste contexto, apesar de se perceber uma série daquilo que se chama avanços nos mais diversos setores, a exclusão social é por sua vez uma realidade, fruto desta sociedade moderna.

A modernidade conseguiu realizar apenas um dos três grandes compromissos da revolução francesa. Uma revolução que conseguiu dar uma virada na história da humanidade, consagrando a era da modernidade com os marcos da liberdade, fraternidade e igualdade. De fato, a liberdade avançou mesmo, e muito, em todos os níveis, rompendo muitos tabus e gerando até excessos. Mas as outras duas dimensões da era moderna, a fraternidade e a igualdade, não tiveram avanços: pelo contrário, regrediram enormemente. Infelizmente, nunca se viu tanta desigualdade como hoje e tanta falta de fraternidade e de solidariedade.⁵⁷

O grande empobrecimento da maior parte da população não depende, como falam alguns, da falta de recursos: “um exemplo é o Brasil, que é um país rico, fazendo parte das 10 maiores economias do mundo, mas com a população pobre. O Estudo da Fundação Getúlio Vargas declarou que o problema da pobreza no Brasil não é a falta de recursos, mas a má distribuição de renda”⁵⁸.

Em contexto contemporâneo, a concentração de renda nas mãos de uns poucos é o grande mal. Por isso, é urgente desmascarar tal realidade, gerando

⁵⁵ WANDERLEY, 2007, p. 53.

⁵⁶ WANDERLEY, 2007, p.65.

⁵⁷ SELLA, Adriano. *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo: Paulus, 2002, p.14.

⁵⁸ SELLA, 2002,p.20.

assim relações de solidariedade e de fraternidade com nosso planeta. Desse modo, se estará rompendo com a cultura neoliberal vigente.

O sistema neoliberal é intrinsecamente ligado à lógica instrumental, ou seja, tudo é em função do lucro [...] temos que admitir que a cultura neoliberal conseguiu deslocar a realidade humana do eixo da alteridade para o eixo da individualidade, ou seja, a vida rodando somente em torno do indivíduo, enquanto o outro de estar a serviço do indivíduo [...] tudo isso levou a uma sacralização do privado, como lugar intocável do indivíduo [...] infelizmente o planeta está sendo privatizado, sobretudo, através da política neoliberal que tem como um dos maiores pilares a privatização dos bens públicos...essa maneira de privatizar o planeta Terra resgata a velha forma de se apossar dos bens públicos, típica da Idade Média, que era o fenômeno do Feudalismo.⁵⁹

Neste contexto, o neoliberalismo impõe à sociedade, através de sua política e ideologia, a perspectiva de uma economia que visa à vantagem do individual e a maximização do lucro numa função instrumental, tornando assim cada pessoa em mercadoria, a serviço do lucro.

O individualismo alcançou uma dimensão desconhecida até agora na história da humanidade. Desde as origens, o capitalismo foi um poderoso fator de individualismo, o mais poderoso, sem dúvida. No entanto, nunca tinha chegado à profundidade que alcançou desde o estabelecimento do neoliberalismo como norma para as nações.[...] As cidades, sobretudo as cidades novas ou os novos bairros das cidades mais antigas, constituem uma excelente imagem do individualismo.⁶⁰

O neoliberalismo acaba por reduzir a vida da humanidade em mercado e, para sobreviver, faz com que a política esteja a serviço do lucro, a cultura transforme a pessoa humana em consumidor, a ética seja maquiavélica, a religião professe um novo Deus, o ídolo do capital e a sociedade exclua a maior parte da população.⁶¹ Segundo Boff, existe um projeto de crescimento ilimitado que sacrifica 2/3 da humanidade e extenua os recursos da terra⁶².

A economia global é profundamente assimétrica. A diferença de crescimento econômico, capacidade tecnológica e condições sociais entre as zonas do mundo aumentam e criam um hiato ainda maior entre as nações. A globalização, que redesenhou o mapa econômico do mundo, por um lado, faz nações prosperarem,

⁵⁹ SELLA, 2002, p. 21-22.

⁶⁰ ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf (org.). *Diaconia no contexto nordestino: desafios- reflexões – praxis*. In: COMBLIN, José. *Diakonia na cidade*. São Leopoldo, 2003. p. 79.

⁶¹ SELLA, 2002, p. 50.

⁶² BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes. 14^a-ed, 2008, p. 17.

por outro, marginaliza política e economicamente regiões inteiras. A globalização é um processo hegemônico, desigual, injusto que está afetando não somente os países pobres, mas, também, os países industrializados e ricos.⁶³

O ser humano é transformado em mercadoria. Na realidade da prostituição, por exemplo, o próprio corpo é esta mercadoria. Partindo, pois, das histórias de vida de um grupo de mulheres inseridas em contexto de prostituição, deixemos que uma delas expresse tal realidade:

Os donos das casas gosta de explorar muito da gente, eles gosta de explorar da gente, eles gosta de mandar na gente, eles não dá nada a gente, até o cafezinho, o menorzinho⁶⁴ eles não dá a gente de jeito nenhum, e quando a gente toma um tipo de um calote, eles não dispensa o quarto não, eles querem de qualquer jeito receber o dinheiro do quarto, começa a xingar. Lá onde eu trabalho mesmo, onde eu tô trabalhando, o dono da casa foi em cima de uma colega minha de trabalho pra dá na cara dela aí foi que eu não deixei, empurrei ele na parede e eu disse que dono de casa deve respeitar a gente porque a gente faz o programa que dá lucro na casa dele. Aí eu fui em cima dele, se ele batesse nela eu ia quebrar a cara dele todinha. Mas como eu sou uma mulher, não tenho força com homem, eu tava pensando em pegar uma cadeira pra arrebentar nele, o dono da casa de onde a gente trabalha, e qualquer coisa eles ficam ameaçando pra gente ir embora, mas como é que a gente vai embora se a gente perdeu a juventude ali dando lucro a eles, entendeu? Então eles não tem direito de mandar a gente embora. Se a gente envelheceu lá ,dando lucro a eles... tem que existir uma lei pra isso.⁶⁵

Em contexto de globalização, auscultar a realidade das mulheres em situação de prostituição requer visualizar em que sentido esta globalização influencia no fenômeno da prostituição; por isso é fundamental saber quais são seus mecanismos e causas.

Compreender os mecanismos e causas da realidade da prostituição significa compreender os problemas dos indivíduos e dos grupos sociais e assim perceber que eles não são problemas isolados. Como diz F. Capra:

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes.⁶⁶

⁶³ LAMPERT, 2005, p. 23.

⁶⁴ Modo de se nomear o cafezinho.

⁶⁵ Entrevista realizada em 06 de maio de 2009 com Lêda, p. 2

⁶⁶ CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 23.

A economia neoliberal, desde os anos 90 domina os movimentos mundiais de trabalho e capital. O resultado que se visualiza atualmente é o grande abismo entre ricos e pobres. A tecnologia da comunicação comprimiu o espaço e o tempo. Neste contexto,

A Ilusão forjada de igualdade e de desenvolvimento para todos torna sempre mais difícil escutar ainda as histórias das pessoas marginalizadas. As condições de vida das pessoas que vivem do lado da sombra tornam-se mais difíceis. Enquanto pessoas da Europa voam sem problemas pelo globo inteiro, a Europa fecha de modo sempre mais hermético, as fronteiras para pessoas de outras regiões.⁶⁷

O fenômeno da globalização está interligado com aspectos econômicos, financeiros, comerciais nas diferentes zonas geográficas do mundo. Tal conexão possibilita o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação. Isto produz ainda uma conexão cultural e ecológica cada vez maior entre as pessoas.

De acordo com o Documento de Aparecida, a globalização apresenta novos rostos empobrecidos:

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxicos dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros.⁶⁸

Neste contexto, têm-se verificado atualmente práticas de femicídio: centenas de mulheres jovens sendo assassinadas nos últimos anos, sem esclarecimento. Na América do Sul, as mulheres estão sempre acima no índice de desemprego. As últimas estatísticas mostram que elas ganham 30% a menos que os homens. Outras pesquisas realizadas em 2000, no México, Chile, Uruguai e Argentina mostram que as diferenças de trabalho, bem como de remuneração, são evidentes e confirmam as discriminações⁶⁹. A pobreza tem rosto concreto. Com isso, verifica-se a *feminização da Pobreza*: de cada 10 analfabetos, 08 são mulheres; de cada 8 mulheres, 5 são indígenas ou negras; 70% dos desnutridos são mulheres; na

⁶⁷ TROCH, Lieve (org.). *Passos com paixão*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007, p. 43.

⁶⁸ DA, número 402.

⁶⁹ TEIXEIRA, Marilena; MUSSKOPF, André Sidnei. *Gênero e mercado de trabalho: a divisão social e sexual do trabalho*. Coletânea de trabalhos: Pastoral da Mulher de Juazeiro: Uma caminhada solidária com a mulher em situação de prostituição, Juazeiro, Bahia, 2006, p. 19.

América Latina, 80 % das mulheres não possuem seguridade social, apesar de estar em boa parte dos trabalhos formais e informais⁷⁰.

É preciso, pois, repensar este sistema, buscando outro que promova a humanidade em detrimento das ações econômicas. O estado de direito deve salvaguardar os direitos das populações. “Mas para isso devemos percorrer um longo caminho de conversão de nossos hábitos cotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais [...] mais do que o fim do mundo, estamos assistindo ao fim de um tipo de mundo”⁷¹.

Diante deste contexto, a exclusão social e a apartação social são fenômenos que ganham força. É possível citar o desemprego crescente, a precarização do trabalho formal, o trabalho informal como uma economia de sobrevivência, a miséria moderna que é consequência do processo da produção da riqueza, a eliminação física dos excluídos e excluídas e a apartação social dos pobres que não podem ser eliminados⁷². Segundo Boff,

A crise social mundial é terrificante. Os dados do PNUD 2007-2008 atestam que os 20% mais ricos absorvem 82,4% das riquezas mundiais, enquanto os 20% mais pobres têm que se contentar com apenas 1,6%. Quer dizer, é uma pequeníssima minoria que, em escala mundial, monopoliza o consumo, enquanto os zeros econômicos são lançados na miséria. Há mais de 900 milhões de famintos e a cada quatro segundos morre um ser humano de fome, conforme refere J. Ziegler em seu relatório para a ONU sobre a pobreza no mundo [...] A crise ecológica não é menor. Estamos já dentro do aquecimento global que vai ser devastador para milhões de pessoas e para a biodiversidade.⁷³

É possível afirmar que se vive na atualidade um conjunto de crises, ou seja, uma crise sistêmica, da qual se originam as variadas crises: crise do sistema produtivista, consumista, crise financeira, crise ecológica, crise espiritual, crise social. Neste emaranhado de crises, o mundo se desumaniza cada vez mais na medida em que “imperam a lei do mais forte”. Assim, visualizam-se guerras, massacre de povos (povo palestino na Faixa de Gaza), massacres de milhares de vidas:

⁷⁰ MOIA, Márcia. *A pobreza e a feminização da pobreza*. Coletânea de trabalhos: Pastoral da Mulher de Juazeiro. Juazeiro, Bahia, 2006.

⁷¹ LAMPERT, 2005, p. 17.

⁷² SELLA, 2002, p. 60-70.

⁷³ BOFF, Leonardo. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp.html>. Acesso em: 12 abril. 2009.

jovens, crianças, mulheres, e aqui vale ressaltar as mulheres que são violentadas nestas guerras e em outros espaços sociais. Em nível local, “aumenta a violência como forma de resolver as tensões sociais. As chamadas guerras contra as drogas usam de forma desproporcional as forças armadas do estado (polícia e exército) bem como paramilitares, para esmagar as organizações e criminosos. Estes, por sua vez, revidam com força cada vez maior e descarregam sua vingança contra os mais fracos, fazendo grande o número de vítimas entre a população.”⁷⁴ Neste contexto, as questões políticas e econômicas continuam decisivas. Nelas se situam as grandes injustiças e só a partir daí se encontram soluções consistentes.

Este contexto de neoliberalismo e globalização reforça a ideia de visualizar o ser humano como mercadoria, como já dito anteriormente. Nesse sentido, a globalização e a industrialização do comércio do sexo são dois fenômenos estreitamente ligados.

[...] estima-se que, em 2002, a prostituição gerou lucros de 60 bilhões de euros e a pornografia, 52 milhões... a cada ano, cerca de 500 mil mulheres vítimas do tráfico para fins de prostituição são colocadas no mercado... estima-se que, do comércio de seres humanos, 90 % são destinadas à prostituição.⁷⁵

Neste contexto, tem-se uma ideologia liberal que se impõe. Assim, em nome da “autonomia” e do “direito de controlar o próprio corpo”, defende-se o direito à prostituição e ao tráfico de mulheres para fins de prostituição. Segundo Poulin, existe uma rede de “prostitucionalização” de regiões inteiras do globo, e uma “pornograficização” dos imaginários sociais. Ao considerar, então, a pauperização de diversas regiões do planeta, criam-se condições propícias a todas as formas de tráfico de seres humanos e prostituição. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o tráfico de seres humanos e prostituição, por exemplo, é a terceira atividade ilícita mais lucrativa do mundo. A situação fica ainda mais agravante quando o tráfico é associado a certas cidades e certos perfis de pessoas. Algumas das causas que dão origem à exploração sexual comercial infantil são a existência e o crescimento das redes do crime organizado; a violência familiar, as situações de

⁷⁴ OLIVEIRA, R.A.Pedro. Análise de Conjuntura 2009, Assembléia Geral. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia>. Acesso em 23 de abril. 2009.

⁷⁵ POULIN, Richard. *Quinze teses sobre o capitalismo e o sistema mundial da prostituição*, p. 41-43. In: Cadernos Sempre Viva. *Desafios do livre mercado para o feminismo*. SOF: São Paulo, 2005.

exclusão social e a insuficiência de ações legais, de controle e de atenção ao problema, entre outros fatores⁷⁶.

O tráfico de pessoas arrecada anualmente cerca de 32 bilhões de dólares. Em 2005, calculava-se que, no âmbito mundial, 2,4 milhões de vítimas de tráfico de pessoas estiveram trabalhando em condições de exploração, segundo manifestou a Organização Internacional de Migrações. Em todo o mundo, cerca de quatro milhões de mulheres e meninas são vendidas a cada ano para serem submetidas à escravidão e à prostituição. Apenas em 2002, afirma um estudo da Unicef, 1,2 milhão de crianças foi traficada internacionalmente com fins de exploração sexual ou laboral. Mais recentemente, na América Latina, dois milhões de meninas, meninos e adolescentes foram vítimas da exploração sexual comercial e laboral, dentro e fora das fronteiras de seus países de origem.⁷⁷

Esta globalização capitalista acentuou a desigualdades de desenvolvimento entre os países. A industrialização do comércio sexual induziu o desenvolvimento de uma produção em massa de “bens” e de serviços sexuais. Esses “bens” são, por sua vez, os seres humanos prostituídos.

O tráfico de mulheres apresenta-se, assim, como uma das formas de violência com base no sexo, a par da violação, violência doméstica e homicídios por motivos de honra. Por ano, em todo o mundo, 4 milhões de pessoas, incluindo crianças, são vítimas do crime de tráfico para fins sexuais. Segundo as Nações Unidas, cerca de 700 mil pessoas são vítimas de tráfico para fins de exploração laboral, sabendo-se que este crime envolve, frequentemente, a exploração sexual.⁷⁸

Assim, se no contexto da escravidão, o materialismo considerou o corpo dos escravos como peças de venda, o valor dado era pela saúde e força corporal destinada para o trabalho pesado. No contexto do capitalismo moderno, o valor do corpo se dá pela capacidade de movimentar máquinas. Já no neoliberalismo, o que realmente vale é a capacidade de criar alternativas: valorizar a inteligência. Tanto no capitalismo como no neoliberalismo, o corpo é um instrumento de produção e consumo. Na pós - modernidade da tecnologia avançada vai depender do novo fator econômico de mover o público para a compra. Os grandes negócios se dão na

⁷⁶ Adital. Tráfico infantil para fins sexuais é associado a altas densidades populacionais. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp>. Acesso em 17 de junho. 2009.

⁷⁷ Adital. Tráfico infantil para fins sexuais é associado a altas densidades populacionais. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp>. Acesso em 17 de junho. 2009.

⁷⁸ OBAID, T. *Tráficos, prostituição e exploração sexual: questões de saúde sexual e reprodutiva, de gênero e direitos humanos*. Disponível em: www.min-saude.pt/mr/rdonlyres. Acessado em: 19 agosto. 2008.

compra e venda de produtos sempre mais desenvolvidos, mas que devem estar ligados ao corpo de um belo homem e de uma bela mulher⁷⁹.

Nessa nova conjuntura, caracteriza-se uma máxima valorização do corpo através de cirurgias plásticas, massagens, macrobióticos, *sex-shop*... Em quase todas as peças de publicidade e demais transações comerciais, o corpo físico, especialmente o feminino, é evidenciado no sentido de um objeto-produto, garantindo a continuidade e reforçando a ideia do corpo como artigo de compra e venda.

Em vários países da região latino-americana e caribenha, o turismo sexual tem sido a principal fonte de ingressos e, nesse setor, verifica-se uma das mais perversas formas de incorporação do trabalho feminino: o turismo sexual baseado na prostituição e na indústria do entretenimento.⁸⁰ No Brasil, há cerca de 240 rotas de tráfico interno e internacional de seres humanos, rendendo lucros globais de mais de 31 bilhões de dólares por ano.⁸¹ Os principais Estados fornecedores de mulheres traficadas são Ceará e Goiás, tendo um número de casos consideráveis no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pará. Os principais destinos são os países de língua latina, como Espanha, Itália e Portugal⁸².

A existência de cárcere privado, de exploração sexual forçada e escravização de pessoas são práticas que estão diretamente associadas ao tráfico de pessoas e contrariam todos os princípios dos direitos humanos. As pessoas acreditam ser “normal” esse tipo de exploração e, assim, a sociedade passa a não enxergar essa pessoa como um Ser violado em seus direitos humanos. As próprias pessoas envolvidas neste contexto não se reconhecem como sujeitos de direitos.

O crime do tráfico internacional de pessoas alimenta uma grande teia de ações que envolvem o tráfico de drogas, o turismo sexual, a prostituição e, em alguns casos, o trabalho escravo. No Brasil, são vários os fatores que contribuem

⁷⁹ MOSER, A. *O Enigma da esfinge: A sexualidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p. 54.

⁸⁰ FARIA, Nalu. *Desafios do livre mercado para o feminismo*. Caderno Sempre Viva. Sempre Viva Organização Feminista: São Paulo, 2005.

⁸¹ Revista Convergência. Número 42, maio de 2007, Rio de Janeiro. Conferência Nacional de religiosos e religiosas do Brasil.

⁸² ROSSETI, Carla. *Degradação e violência no tráfico de mulheres*. Caros Amigos, São Paulo, ano 13, n. 147, p.12-15, 2009.

para o aumento do tráfico: baixa escolaridade, pobreza, falta de oportunidades, facilidade com que estrangeiros chegam ao nosso país, entre outros. A maioria das vítimas do tráfico são mulheres, muitas ainda adolescentes. Os aliciadores são, na sua maioria, homens, ainda que hoje se perceba um alto número de mulheres aliciadoras também. Tais criminosos vinculam-se a atividades profissionais que favorecem o comércio sexual, dentre elas a de motoristas de táxi, donos/as de casas noturnas e profissionais do sexo. Traficam-se pessoas para realização de transplantes de órgãos, trabalho escravo, adoção etc., mas, com certeza, a exploração sexual está ainda em maior escala. De acordo com os estudos da Secretaria Nacional de Justiça, 83 % das pessoas traficadas são mulheres.

Falar da realidade do tráfico de seres humanos e principalmente de mulheres para fins sexuais, assim como falar da prostituição é algo extremamente complexo, pois envolve vários fatores e é nesta realidade que se escuta o grito: “*o meu Deus, será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa?*”⁸³. O grito continua ecoando e Deus continua visitando estas realidades. E, ao escutar, é necessário denunciar esta realidade de exploração ainda tão presente em nossas realidades, fruto de um mundo neoliberal e de uma cultura que cada vez mais coisifica corpos e os considera como descartáveis. E aqui os corpos das mulheres são tomados como mercadorias, objetos vendáveis, como já assinalado anteriormente. Segundo Bauman, nesta sociedade de consumidores que se liquefaz, o ser humano também passa a ser descartável:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar, de maneira perpétua, as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores - ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta - é a transformação dos consumidores em mercadorias.⁸⁴

⁸³ Entrevista de Bianca, p. 2.

⁸⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlo Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 20.

O grito de uma mulher denuncia esta estrutura da prostituição, denuncia olhares, mercado, sociedade. Seu clamor denuncia que seu corpo não deve servir “*apenas pra isso...*” Mas ela também anuncia. Ela anuncia esperança. E é junto com este grito de denúncia e anúncio que adentramos na realidade em que se inserem estas mulheres.

2 UMA PEDAGOGIA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

2.1 - O jeito e o fazer da educação popular libertadora: as cirandas pedagógicas

O trabalho realizado junto a mulheres em situação de prostituição vem sendo desenvolvido através de uma proposta pedagógica construída coletivamente e que tem como fundamento o jeito e o fazer da educação popular libertadora, principalmente considerando a proposta feita por Paulo Freire.

Ao se deparar com realidades de extrema fragilidade e com mulheres também marcadas por este contexto, uma pergunta surge: como desenvolver um trabalho social que vise à transformação da realidade e vida destas mulheres? E transformação aqui entendida de modo amplo, transformação que leve em consideração os mecanismos de exploração aos quais estas mulheres são submetidas e que cotidianamente sentem na pele e no corpo. Assim, pensando em respostas para tais realidades, é que se constrói a proposta pedagógica que até o presente momento é definida em quatro fases específicas.

Na primeira fase, como se tem denominado, ou *ciranda da aproximação*, como prefiro chamar, há o momento de aproximação da realidade e das mulheres inseridas “no mundo da prostituição”. A ciranda se abre e neste movimento são feitas visitas aos locais onde as mulheres “batalham” e, a partir daí, vão-se estabelecendo vínculos de confiança e uma relação de reciprocidade. Uma das mulheres assim relata:

Eu conheci o projeto através das meninas do projeto que sempre vai lá em todos os locais de prostituição pra ajudarem as mulheres que fazem programa. E eu fico muito grata por isso pelas meninas da Força Feminina porque não é todo mundo que vai ao encontro da gente, porque o lugar não é legal, é um lugar de muita violência, elas vão porque elas quer dar uma força pra gente. Ai então eu fico muito grata pelas menina do Força Feminina, porque dá estudos, ajuda, vem aqui faz uma atividade, não aprende quem não quer, eu mesmo vou aprender a minha profissão ou de ser cozinheira ou de tirar fotos. Eu quero aprender uma profissão,

porque eu já tenho 46 anos e já ta na hora de eu sair, eu não sei porque eu não tenho como me sustentar porque eu não trabalho.⁸⁵

Aqui o cuidado e respeito são atitudes fundamentais, pois por vezes este encontro é marcado por certo estranhamento, já que estas mulheres são olhadas pela sociedade com certo grau de preconceito e estigmatização. Desse modo, o estranhamento neste primeiro contato é extremamente normal, pois para elas este que se aproxima é alguém distinto de seu mundo. Por isso, o respeito é elemento fundamental. Por outro lado, também para o agente que se aproxima é desafiante, pois por vezes se depara com situações limites, já que, não se esqueça, as mulheres em situação de prostituição de que aqui se trata, são aquelas inseridas na “baixa prostituição”.

Passado este momento de aproximação, esta dança inicial, estabelecimento de vínculos, estas mulheres são convidadas a conhecer o projeto e/ou pastoral onde se desenvolve o trabalho para que aí se possam estreitar mais os laços de confiança e para que ela possa iniciar este processo pedagógico de transformação. Na verdade, para que ela possa dar continuidade a tal processo. Assim, esta mulher começa a interagir com outras mulheres, estreitando laços, iniciando perguntas sobre si mesmas e seu contexto. Quando as perguntas vão aumentando e ela deseja e/ou demonstra interesse em vivenciar um processo de formação integral, ela dá mais um passo e se integra à segunda fase e ou ciranda formativa.

Nesta fase, a mulher vive um tempo de formação integral, revisitando e ressignificando sua própria história, confrontando-se consigo mesma e sendo confrontada. Inicia-se um processo de “leitura de mundo”. Este é um elemento necessário, pois,

Permite o desvelamento da realidade e a crítica aos componentes ideológicos da cultura hegemônica, que geram diversas formas de opressão, expressas no cotidiano pelas maneiras de sociabilidade vigente.⁸⁶

⁸⁵ Entrevista de Lêda, p. 2.

⁸⁶ ASSUMPÇÃO, Raiane. (org.). *Educação Popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009, p. 76.

Neste momento, são fundamentais tanto o trabalho individual quanto sua interação na relação com outras mulheres que também se encontram neste processo. Daí a relação em pequenos grupos de trabalho ser fundamental. O convite aqui é para que ela vá despertando e tomando consciência de sua cidadania, direitos, deveres e busca por perspectivas diferenciadas. Também se for de seu desejo, ela é inserida em um processo de capacitação profissional. E é claro que é aqui que a educação popular libertadora tem papel primordial e perpassa todo este processo.

Ao chegar à *ciranda solidária*, terceira fase, as mulheres já se encontram em processos de organização de pequenos grupos buscando alternativas de renda diferenciadas, e aqui um exemplo são os grupos de Economia Solidária. Mas este momento não se encerra aqui, pois ela também tem o papel de fortalecer os grupos de organização de lideranças e lutas pelos direitos. Aqui a mulher tem consciência de sua responsabilidade na construção de outras relações, na construção da sociedade e da vida em si. Ainda dentro desta *ciranda solidária*, podem surgir grupos de organização de cunho mais político, onde mulheres líderes reivindicam seus direitos junto a outros grupos de mulheres e da sociedade como um todo, ou ainda mulheres que desejam ter seu próprio empreendimento, ou ainda mulheres que ainda estão na prostituição, mas têm um nível de conscientização mais aguçado. Tal *ciranda solidária* tem os aspectos presentes naquilo que Freire denominou de círculo de cultura. Assim,

Por círculo de cultura compreende-se o espaço de ação educativa em que os participantes estão envolvidos em um processo comum de ensino e aprendizagem, com liberdade de fazer uso da palavra (se expressar), intervir, estabelecer relações horizontais, vivenciar ações coletivas em comum, re-significar suas práticas e concepções, reler o mundo em que estão inseridos; isso mediados pelo diálogo, num processo reflexivo.⁸⁷

Na *ciranda comunitária*, quarta fase, a mulher está totalmente engajada com outro modo de ver e encarar a vida. Ou seja, é consciente, é crítica e autocrítica e já não mais enxerga apenas o seu “mundinho”, mas tem um olhar amplo e por isso visualiza o que acontece em seu entorno. Ela se vê envolvida em seus novos

⁸⁷ ASSUMPÇÃO, 2009, p. 116.

projetos de vida, mas precisa constantemente fortalecer-se para continuar lutando, por isso a ciranda comunitária se faz presente, pois é o espaço onde esta mulher pode, sempre que necessário, continuar se fortalecendo. Podemos denominar estes espaços como espaços de comunidades de vida, ou seja, espaços de fortalecimento da luta diária.

Também Christie Cozad Neuger desenvolve um método teológico pastoral libertador que comunga com o que expressamos aqui como proposta pedagógica. Segundo ela, o método teológico pastoral está estruturado em quatro fases. Na primeira fase, o aconselhamento pastoral se concretiza com as mulheres tendo voz, em um mundo em que as mulheres são constantemente silenciadas. Em uma segunda fase, vem a tarefa de fazer com que as mulheres possam ter clareza, principalmente através da interpretação como meio de resistência e transformação. Na terceira fase por sua vez as mulheres são convocadas a fazer suas escolhas e por fim o aconselhamento pastoral ajuda as mulheres a permanecerem conectadas entre si ⁸⁸.

2.2 – Proposta pedagógica segundo Paulo Freire: entre a autonomia e a liberdade

A proposta pedagógica desenvolvida neste trabalho junto às mulheres em situação de prostituição é baseada no método de Paulo Freire, sendo assim um processo de humanização marcado pela conscientização e pelos processos que este desencadeia.

A conscientização é então compreendida como atitude crítica frente à realidade e à história, processo este que nunca termina. Assim, este processo conduz a um compromisso histórico, levando cada pessoa a assumir com responsabilidade o ser e o fazer no mundo. E é exatamente isto que a proposta quer convocar as mulheres, a fazer e refazer suas histórias desde uma perspectiva de

⁸⁸ Schipani. S.D. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 39.

conscientização. Neste sentido, Paulo Freire falava em uma pedagogia da liberdade e que esta pode ajudar em política popular. Esses dois pontos são então fundamentais na construção de uma maior conscientização da realidade, pois abrem espaços para se compreender as estruturas sociais e seus mecanismos de dominação⁸⁹.

O ser humano está inserido na história e por isso ele é um ser de relações e não somente de contatos. Isto faz com que ele *esteja com o mundo* resultando assim numa abertura à realidade⁹⁰. Desse modo, o processo de conscientização convida o ser humano a assumir uma posição utópica no mundo. Tal perspectiva tem suma importância no trabalho com as mulheres, já que a desesperança, fruto de histórias marcadas por muitas lutas e sofrimentos, por vezes tem peso maior.

A dimensão da utopia tem neste processo a tarefa de suscitar uma constante transformação. Assim, a conscientização permite ao ser humano tomar posse de sua realidade e desmistificar certas questões, ou seja, ele deve convidar as pessoas a desvelar sua realidade para, assim, conhecê-la melhor.

Para acontecer este processo de desmistificação, Paulo Freire define algumas estratégias ou fases, as quais contribuem no processo de conhecimento do mundo e leitura da realidade. Ele apresenta a importância de conhecer o universo vocabular do/a educando/a, seus sinais e símbolos.

De acordo com ele, o “universo vocabular” do aluno diz sua realidade e somente através do diálogo com este é possível apalpar e reconhecer mais a fundo seu entorno⁹¹. É na aproximação e diálogo contínuo com a mulher e com um acompanhamento permanente que é possível chegar a conhecer verdadeiramente seu mundo e sua realidade. É preciso fazer uma “leitura de mundo”. Segundo Paulo Freire, a leitura do mundo é um direito que aponta para a cidadania. Assim,

Há um papel pedagógico e político nesse processo: troca de saberes, interlocução, compartilhamento solidário. O educador não poderá omitir de,

⁸⁹ FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 13ª-ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 16.

⁹⁰ FREIRE, 1982, p. 39.

⁹¹ PREISWERK, Mathias. *Educação Popular e teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p.42.

também ele, comunicar sua leitura de mundo, tornando claro que não existe uma única leitura possível. Há tantos mundos quantas leituras possíveis dele. Leitura alguma, entretanto, é definitiva, terminal. A palavra em mutação nos recia.⁹²

Conhecido o universo vocabular, reconhecem-se alguns temas geradores, sendo que estes dão conta das preocupações e interesses dos educandos. Desse modo, reconhecer quais são as preocupações das mulheres, seus desejos e angústias possibilitam uma maior aproximação de sua realidade. Em seguida, temos a fase em que acontece a descoberta e tomada de consciência de quem está no processo. E só a partir daí se tem a alfabetização, que para Freire se concretiza com os círculos de cultura. Estes possibilitam às pessoas um reconhecimento da realidade em que estão inseridas e levam estas pessoas a um modo particular e único de reconstrução da história.

O círculo de cultura. O trabalho com a palavra. O grupo de alfabetização é um círculo de cultura. Esta expressão mostra que a finalidade do exercício não consiste apenas em saber ler e escrever, mas produzir um modo próprio, solidário e coletivo de pensamento. Além disso, simboliza um espaço e um tipo de relações que não é próprio de uma aula escolar.⁹³

No círculo de cultura, trabalha-se com as fichas de cultura que permitem abordar conceitos fundamentais e por isso expressam as bases pedagógicas do método.

No contexto da educação destinada aos setores populares se apresenta a consciência como base personalizada e histórica do processo de transformação social [...] nessa primeira etapa, a conscientização é a descoberta e a formação da pessoa humana no mundo, de sua criatividade, seus direitos, suas responsabilidades para com os demais, sua transcendência sobre o mundo. Na segunda etapa, a conscientização é uma tarefa pedagógica que permite fazer passar a consciência de uma fase à outra.⁹⁴

Ao retomar alguns pontos do método de Paulo Freire, o que se pretende aqui é sinalizar que tais aspectos fazem parte da proposta pedagógica que acredita no trabalho desenvolvido com as mulheres e é desde aí que perpassa toda ação de transformação. Se uma das grandes preocupações de Paulo Freire era uma

⁹² STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: PASSOS, A.L. *Leitura do mundo*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2008, p. 240-242.

⁹³ PREISWERK, 1998, p. 43.

⁹⁴ PREISWERK, 1998, p. 46

educação que levasse à decisão, à responsabilidade social e política, também esta é a preocupação neste trabalho com as mulheres.

Esta pedagogia é, pois, a pedagogia da liberdade e a pedagogia política que são, por sua vez, os pontos fundamentais na construção de uma maior conscientização da realidade e que abre espaços para se compreenderem as estruturas sociais e seus mecanismos de dominação e violência. Por isso, o ser humano inserido na história e marcado pelas relações com outros seres humanos é alguém que está *com o mundo*⁹⁵, o que resulta assim em uma constante abertura à realidade.

O ser humano entra então em processo de constante busca por respostas pelo sentido de sua vida e é nesta busca que ele se insere em um movimento de ir e vir. Este movimento por si só o faz perceber como ser inacabado, como ser finito. “A consciência do inacabamento entre nós, mulheres e homens, nos fez seres responsáveis, daí a eticidade de nossa presença no mundo”⁹⁶.

O núcleo da educação humana se encontra na inconclusão. Uma vez conscientes desta realidade nos lançamos na aventura sem fim de nos realizar, de fazer a história e nesse fazer/refazer nos realizar como sujeitos históricos. Sempre é possível mudarmos, conquistarmos o inédito. Sofremos condicionamentos, mas estes não são absolutos[...] é essa condição de inacabamento que nos enche de esperança em relação ao futuro, pois sabemos que sempre podemos ser mais humanos do que já somos.⁹⁷

Nesta proposta pedagógica, as constantes buscas e fases vão acontecendo, movimentos interligando-se e assim acontece o que Paulo Freire chama de *fases de trânsito*. Estas são, segundo ele, o chamado tempo de opções, ou seja, o tempo das transformações, tempo em que se cria com as próprias mãos, tempo em que mesmo consciente do inacabamento se assume um compromisso histórico diante da vida. Propõe-se então, no processo pedagógico, um processo de trânsito, de movimentos. Estes por sua vez conduzirão a um tempo de opções, tempo de tomar outras

⁹⁵ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 13ª-ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 39.

⁹⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 199, p.56.

⁹⁷ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: TROMBETTA, C.L; TROMBETTA, S. Inacabamento. Belo Horizonte: Autentica editora, 2008, p. 228-229.

posturas. Entretanto aqui cabe perguntar: que opções surgem nestes tempos de trânsito? Quais pequenas e cotidianas opções surgem que modificam a vida? E aqui se percebe que por vezes há avanços e recuos. Tal movimento é claramente perceptível no acompanhamento com as mulheres. Elas assumem seus processos, crescem, avançam, entretanto por vezes recuam, voltam atrás. Isto faz parte do trânsito, do movimento.

Por isso é que o dinamismo do trânsito se fazia com idas e vindas, avanços e recuos [...] e a cada recuo se lhe falta a capacidade de perceber o mistério de seu tempo [...] por outro lado, os recuos não detêm a transição. Os recuos não são um trânsito para trás [...] por isso, é que o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ano novo tempo que anuncia, do que ao velho⁹⁸.

Deixemos que S. nos relate sua experiência:

Eu era desenfreada, bêbada, briguenta... Eu queria deixar de beber, de brigar, de armar confusão. Falaram para mim: você frequenta o projeto e vai ver outra vida. Vim ao projeto, saí por um tempo, participava, mas não afetivamente. Agora já participo bem, não me importo do que digam. Aprendi a viver com o projeto, não discuto, não quero confusão.

O que mudou? Aprendi a viver dentro da sociedade; eu estava vegetando, aprendi coisas boas, sobretudo a partir da alfabetização. Estou sentindo-me tão bem. Estou colocando limite à bebida. Quando sei que tenho que vir ao projeto, deixo de beber. O projeto me ajudou a colocar limite à bebida. O projeto ensina a ter autoestima.⁹⁹

O fundamental nesta proposta é lançar dúvidas, perguntas para que assim cada qual possa fazer seu caminho:

O que importa, realmente, ao ajudar-se o ser humano é ajudá-lo a ajudar-se. E aos povos também. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. O assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação que rouba ao ser humano condições à consecução de uma das suas necessidades fundamentais de sua alma - a responsabilidade.¹⁰⁰

A responsabilidade é, no processo pedagógico, fator essencial para que a mulher assuma com coragem sua história, para que aprenda a se ajudar. Pequenas decisões e resoluções de problemas são indicadores fundamentais para perceber como ela assume a responsabilidade. Nas atividades propostas no dia-a-dia é

⁹⁸ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 13ª-ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. P. 48.

⁹⁹ Diário de bordo.

¹⁰⁰ FREIRE, 1982, p. 58.

possível ater-se a este dado. É possível observar se ela “tira o corpo fora ou não”. Assim, um simples gesto de ajudar a organizar o espaço do qual ela também participa mostra seu integrar-se e sua responsabilidade.

A educação neste processo deve então lançar as mulheres a um processo de análise de seus problemas e realidade, possibilitando assim condições para sua participação. Desse modo,

A educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através das quais se substituíssem no brasileiro antigos e culturoológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência¹⁰¹.

O processo educativo se concretiza pelo amor e por isso mesmo impulsiona a coragem. É fundamental dialogar, investigar, analisar para assim se chegar a uma análise mais crítica da realidade.

O diálogo é uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos de diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.¹⁰²

Impulsionadas pelo amor, as pessoas que se inserem neste processo pedagógico são capazes, desde os espaços de conhecimento de si mesmas, falar de suas dores, histórias e marcas. Freire irá chamar este movimento de amorosidade.

Amorosidade, na visão freireana, é vida, vida com pessoas, é qualidade que se torna substanciada ao longo de sua obra e de sua vida. Condição assentada na centralidade da possibilidade dialógica, que exige o amor e a confiança, em que o diálogo nunca está aprontado, é sempre um caminho.¹⁰³

Assim, o processo educativo pode e deve possibilitar caminhos de transformação e re-significados. Nesse sentido, todas as pessoas envolvidas neste processo, educadoras e educandas, ou mulheres e agentes, devem aprender a aprender como diz Paulo Freire, e aprender a aprender requer escutar as palavras, o

¹⁰¹ FREIRE, 1982, p. 93.

¹⁰² FREIRE, 1982, p. 107.

¹⁰³ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: FERNADES, C. Amorosidade. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008, p. 37-38.

tom, os silêncios, os gestos, as dores, a insegurança, a rebeldia, os gritos e esperanças. Assim, “a educação é, ou pode chegar a ser, tarefa humanizadora por excelência, o meio privilegiado para que cada pessoa se projete e alcance uma vida em plenitude”¹⁰⁴.

É neste sentido que abordando a discussão a respeito da proposta pedagógica volta-se o olhar para a educação desde uma perspectiva que seja libertadora e popular.

Falar em educação popular requer, no presente trabalho, contextualizar de que forma esta surge em contexto latino-americano, já que o mesmo se contextualiza em solo brasileiro e, portanto, da América Latina.

Retomar esta história nos faz voltar o olhar para o contexto vivido pelas várias nações da América Latina desde o final do século XX e início deste século. A utopia de transformação social destes contextos apontavam para a necessidade de uma reforma educacional.

Na primeira metade do presente século, notadamente nas décadas de 20 e 30, nas quais se formou e se desenvolveu o pensamento de Gramsci, ao lado do grande desenvolvimento técnico-científico e industrial, cresceu a crença nas possibilidades da educação. A luta pela educação pública e gratuita ganhou o consenso. E introdução de novos métodos, de novas técnicas e de uma escola ativa voltada para a vida renovaram as esperanças de que a paz social e o desenvolvimento integral poderiam ser alcançados pela educação¹⁰⁵.

Desde a segunda metade da década de 50 do século passado, e com a contribuição de Paulo Freire, foi dado novo impulso às práticas educativas em meios populares. Neste contexto, a palavra “conscientização” passa a fazer parte do vocabulário cotidiano.¹⁰⁶

Segundo Preiswerk, a educação popular é entendida “como o conjunto das práticas educativas realizadas por e com os setores populares, dentro de uma perspectiva de mudança social”.

¹⁰⁴ ESCLARÍN, Pérez Antonio. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 179.

¹⁰⁵ GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. Cortez: Instituto Paulo Freire: São Paulo, 1995, p. 151.

¹⁰⁶ PREISWERK, Matthias. *Educación Popular y teología de la liberación*. 1ª-ed. CR:DEI, SanJosé, Costa Rica, 1994, p. 20.

Buscar encontrar as origens da educação popular torna-se um trabalho desafiante. Aliás, todo recorte na história visando a esta perspectiva aponta para uma perspectiva mais antropológica do que histórica. Nesta perspectiva antropológica, em um contexto de grupos sociais, encontramos Carlos R. Brandão.

Entre 1920 e 1940, encontramos já alguns discursos pedagógicos ligados a movimentos sociais. Dentre estes aparecem três tendências:

- 1) tendência nacionalista popular: aluno ao centro do processo;
- 2) tendência socialista leninista: modelo pedagógico baseado em V.I. Lenin;
- 3) tendência socialista indigenista: a pedagogia não se limita a uma filosofia e sua dimensão ou importância política não cai confinada pelas leis da economia¹⁰⁷.

Na América Latina, o termo educação de adultos tem, durante muito tempo, se referidos aos programas educativos ligados a projetos de desenvolvimento. Carlos Brandão opõe educação popular e educação de adultos. Segundo ele, a educação popular politiza as relações sociais existentes dentro da comunidade.

Quando, alguns anos depois da Segunda Guerra Mundial, as palavras “educação” “de adultos” chegaram do exterior à América Latina, elas quiseram de início traduzir o começo de novos tempos. Diante da evidência de grande contingentes de analfabetos ou defasados escolares, e diante da suspeita de que seria justa e até mesmo produtiva a participação de sujeitos, grupos e comunidades marginalizadas nos processos sociais e econômicos do desenvolvimento, que entre outras, resolveriam o problema de suas próprias marginalidades[...] Poucos anos de exercício da educação de adultos no continente permitiram, por exemplo, a Pierre Furter, reconhecer as seguintes etapas de prioridades da educação dirigida a setores populares: 1) luta contra o analfabetismo; 2) recuperação escolar; 3) promoção da vida social e cultural; 4) formação política; 5) aperfeiçoamento profissional; e 6) um trabalho educativo dentro de perspectivas atuais de desenvolvimento cultural.¹⁰⁸

No Brasil, encontrava-se Pierre Furter quando a equipe de Paulo Freire na Universidade Federal de Pernambuco e o Movimento de cultura popular do Recife

¹⁰⁷ PREISWERK, 1994, p. 34-35.

¹⁰⁸ GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A.(orgs). *Educação Popular: utopia latino-americana*. In: BRANDÃO, R.C. Os caminhos cruzados: formas de pensar e realizar a educação na América Latina. São Paulo: Cortez, 1994, p. 26.

faziam seus primeiros desenhos de uma educação libertadora. Ele então reconhece três etapas da educação permanente em sua história:

- 1) educação como processo contínuo de desenvolvimento individual;
- 2) educação como princípio gerador de um sistema educacional global; e
- 3) educação como estratégia cultural do processo de um desenvolvimento integral¹⁰⁹.

Na década de 1960, a educação popular é gerada no seio dos movimentos e centros militantes de educação e cultura. Ela propõe uma teoria que possibilita rever as relações do ser humano com a sociedade, sua cultura e uma pedagogia que tem no seu bojo o caráter libertador.

No movimento de educação popular no Brasil e na América Latina, a luta foi contra uma sociedade autoritária e injusta. As experiências de educação tinham relação com um projeto de sociedade que rompia com as relações de poder de grupos e classes. A educação popular construiu-se como um campo extensivo de ação pedagógica democratizada, politizadora de interfaces do movimento popular.¹¹⁰

De acordo com alguns pesquisadores sociais, duas posições norteiam as experiências de educação popular: “a) as **correntes recuperadoras**, cuja finalidade última seria a de recuperarem e integrarem no sistema os ‘marginalizados’; b) as **correntes transformadoras** reformistas ou revolucionárias, que pretenderiam reformas incrementais ou mudanças estruturais no sistema”¹¹¹.

Neste contexto, também os partidos políticos de esquerda propõem novas modalidades de educação popular. Eles se inspiram inicialmente em Lenin e em Gramsci, cujas perspectivas se aproximam de Freire, reconhecendo o saber popular e postulando a necessidade de consenso. Entretanto, neste período não se analisam com profundidade as relações entre as concepções e práticas educativas com a mulher. Sabe-se, no entanto, que entre os anos 1960 e 1970 se privilegiam as

¹⁰⁹ BRANDÃO, 1994, p. 34.

¹¹⁰ TORRES, Fernando; TEIXEIRA, Faustino; EGGERT, Edla; SAMPAIO, A. Plínio. *Teologia da libertação e educação popular a caminho*. In: EGGERT, Edla. Resgate histórico da educação popular: um olhar sobre como o “povo” foi criando rostos diferentes na “caminhada”. São Leopoldo: CEBI, 2006. p. 69-70.

¹¹¹ GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A. (orgs). *Educação Popular: utopia latino-americana*. In: WANDERLEY, L.E. Formas e orientações da educação popular na América Latina. São Paulo: Cortez, 1994, p. 61.

desigualdades sexuais, étnicas, interpretadas como secundárias, derivadas e inclusive perturbadoras¹¹².

Entre estes anos de 1960 e 1990, tais ideias e propostas de educação popular se espalham por toda América Latina e também no Brasil. Segundo, Brandão, no Brasil e em toda América Latina, esta educação se firma a partir das classes populares. Estes temas das classes populares são muito trabalhados por Paulo Freire, onde ele constantemente fala das classes oprimidas. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” ele bem expressa esta questão. Neste sentido, ele discute a relação entre opressores e oprimidos, dando ênfase à dimensão política da educação.

É, portanto, educação libertadora, problematizadora, que se contrapõe à educação bancária, domesticadora. Ela se concretiza como Ação cultural para a liberdade. É ação realizada “com os oprimidos e não para eles”, seja na escola, seja no processo de mobilização ou de organização popular para a luta, defesa dos direitos e reivindicação de justiça¹¹³.

A pedagogia do oprimido é, então, um instrumento para a descoberta e a transformação feita pelas mãos dos/as oprimidos/as.

A Pedagogia do Oprimido, que não pode ser teorizada e praticada pelos opressores, é um instrumento para a descoberta e de transformação, pelos oprimidos, de sua situação de opressão: da situação limite, ao percebido destacado e, deste ao ato limite e ao inédito viável. É, portanto, educação libertadora, problematizadora, que se contrapõe à educação bancária, domesticadora. Ela se concretiza como Ação cultural para a liberdade. É ação realizada com os oprimidos e não para eles, seja na escola, seja no processo de mobilização ou de organização popular para a luta, defesa dos direitos e reivindicação da justiça¹¹⁴.

A educação popular possibilita reler a história com outras lentes e convocar para dentro do círculo quem estava fora. Assim, os silenciados e silenciadas da história vêm falar de sua realidade e soltar a voz. As pessoas passam então a tornar-se cidadãos e assim passam, a partir de seus conhecimentos, a fazer e re-fazer seu mundo.

Em Paulo Freire, o apelo à transformação se dirige primeiro à pessoa em busca do outro, ao cidadão, à cidadã. A libertação é sempre plural. Como na própria

¹¹² GADOTTI; TORRES, 1994, p. 61.

¹¹³ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs), 2008, p. 158.

¹¹⁴ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs), 2008, p. 157.

imagem do círculo de cultura, onde não há um centro, mas tudo se faz em torno do “nós” plural. É a coletividade de pessoas construindo seu próprio ser. O apelo é para o sair de si. Essa é a idéia de cidadania, idéia política, dialógica e interativa.¹¹⁵

Este movimento de fazer e refazer possibilita a cada pessoa sair de si e ir ao encontro do outro, um passo importante no processo educativo popular. Nesse sentido, a educação, nesta perspectiva, ganha novo contorno, pois ela desloca o eixo de uma educação para o trabalho para uma educação para a vida. Ela deixa de ser um instrumento de formação utilitária dirigida ao mercado de compra e venda e passa a ser uma experiência humana de diálogo entre pessoas.¹¹⁶

Brandão afirma que esta educação passa a ser um projeto para toda a vida. Ela é um ciclo do desenvolvimento humano e por isso é também cidadã e política. Ela se destina a “formar pessoas capazes de viverem a busca da realização plena de seus direitos humanos no mesmo processo de consciência crítica e de prática reflexiva com que se sentem convocadas ao dever cidadão de participarem, de maneira ativa, da construção dos mundos de sociedade e cultura de suas vidas cotidianas”¹¹⁷.

Nesse sentido,

Educação popular não é tanto uma teoria ou um método restrito de trabalho pedagógico atrelado a uma tendência ideológica única a respeito da pessoa humana, da sociedade e da educação. Ela é o imaginário e a vocação múltipla de uma ou de algumas vocações de escolhas. Escolhas de sujeitos, de modos de interação, de sentidos e de significados dados a destinos humanos através do saber. Escolhas que, uma vez estabelecidas, podem ser pensadas dentro de mais de uma teoria e podem ser realizadas por meio de mais do que um único método.¹¹⁸

Abordar o tema da educação popular é falar em um processo de escolha. Brandão fala em “vocação de escolhas” e isto implica escolha de sujeitos, de modo a desenvolver o processo educativo. Nesse sentido, o método não precisa

¹¹⁵ SCHINELO, Edimilson (org.). *Bíblia e educação popular*. encontros de solidariedade e diálogo. São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 24.

¹¹⁶ BRANDÃO, C. Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 78.

¹¹⁷ BRANDÃO, 2002, p. 95.

¹¹⁸ BRANDÃO, 2002, p. 41.

necessariamente ser um só, mas pode ser modificado à medida que as escolhas são re-significadas. Daí a importância de avaliar a ação.

Para Freire, avaliar a prática é analisar o que se faz. Ressalta, assim, a importância de comparar os resultados obtidos com finalidades pretendidas e a necessidade de corrigir erros e imprecisões das práticas. A avaliação, diz Freire, corrige e melhora a prática e aumenta nossa eficiência.¹¹⁹

No processo educativo com mulheres em situação de prostituição, quando se pensa em um processo pedagógico de construção da própria história, é importante verificar em que momentos são feitas e refeitas escolhas, as quais partem do cotidiano da vida e das perguntas que aí se estabelecem.

A construção de um processo pedagógico de perspectiva libertadora possibilita a cada mulher fazer este caminho de transformação. Desde o momento em que elas começam a nomear sua própria realidade, reconhecendo seus símbolos e, portanto, fazendo suas próprias escolhas, a educação vai acontecendo.

As mulheres começam a recontar suas histórias desde este processo educativo. Uma delas assim expressa seu caminho:

Aprendi a gostar de mim, a me amar, aprendi que tenho um lugar no mundo, que sou gente. Aprendi a me virar por mim mesma, a não depender dos outros para resolver os problemas... Quem me conhece sabe que minha caminhada foi longa e significa muito pra mim. Esta caminhada não é de hoje. Esta mulher de hoje não é aquela que chegava aqui bêbada, aprontando. Hoje estou dando os meus passinhos. Vou devagar, uma hora consigo subir a escada.¹²⁰

Este processo educativo não consiste em adquirir muitos conhecimentos, os quais muitas vezes não se aproveitam. Pelo contrário, ele deve provocar processos de busca onde a pessoa estará constantemente aprofundando, atualizando, explorando. Um novo modo de ver a educação deve possibilitar a cada pessoa descobrir as potencialidades em si mesmas, como esta mulher vai descobrindo. É um processo de *auscultar*, ou seja, de *adentrar*, de “*cavar tuneis*” e descobrir a pérola mais preciosa que se tem. E este processo de auscultar nem sempre é

¹¹⁹ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: SAUL, M.A. Avaliação. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 62.

¹²⁰ Entrevista de Virgínia, p. 3.

simples, pelo contrário, muitas vezes ele é doloroso. Assim relata outra mulher ao falar de seu caminho. Ela sente em si, a dor de suas companheiras e a partir daí, no encontro, toca suas próprias dores.

A pastoral foi o lugar que parece que eu renasci de novo, porque, apesar de ...eu já tinha visto muita coisa sabe, comigo não, mas com minhas colegas, mas sempre eu tava ali junto, era briga, era sangue sabe? Sempre eu tava ali mas aquilo ali me chocava, mas eu tava ali com minhas colegas, assisti muitas tragédias em bares, comigo foi pouco né, mas apesar que como mulher eu sentia também, e sinto, hoje mesmo eu ouvi uma mulher falando ali, a fala dela, ave Maria, chega a doer mesmo, ela falando que se prostituiu pra cuidar do filho dela, ave Maria, aquilo ali me pegou e é isso” (ela para de falar e silencia, depois chora).¹²¹

A pessoa que assume o processo educativo de transformação constantemente está a buscar, indagar. Daí que o próprio ato de ensinar/aprender demonstra atitude de inquietude, de um eterno aprender e re-aprender. Desse modo, a prática educativa deve provocar processos onde a pessoa pode, desde as relações inter-pessoais, assim como a mulher acima, assumir sua própria história tal como seu ser e agir no mundo. Não basta constatar, a mudança é, neste caso, inevitável. Por isso é preciso estar disposta/o a correr riscos. Correr riscos é atitude de quem quer se aventurar, buscar, ousar, inovar¹²².

Não há criatividade humana, não há produção humana, não há mudança de mundo sem se correr risco. Não há curiosidade que não seja um permanente estado de risco, como não há criação humana que seja um permanente correr riscos, uma aventura.¹²³

O relato desta mulher abaixo mostra quando ela conheceu a pastoral, a partir daí ela se permite correr riscos, fazer perguntas a si mesma e perceber que ela era capaz, que podia dar passos.

Um dia, numa sexta feira da paixão, que todos os hotéis fica tudo fechado, aí eu resolvi ir...aí tinha até uma via sacra que a pastoral tinha organizado, aí eu participei, eles me colocou pra participar, aí eu disse: olha no primeiro dia eles já me coloca pra participar. Depois eu não entendia... As irmãs organizavam e as mulher participava, eu achei aquilo o máximo entendeu? Aí de lá pra cá eu comecei a participar, aí vi que ficar ali dentro (no hotel) direto ali não era legal,

¹²¹ Entrevista de Sueli, p. 3.

¹²² FREIRE, 1996, p. 69.

¹²³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. Organização e nota de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2004, p. 154.

ficar direto não era legal, entendeu? Parece que eu me dei conta que né? Que eu podia, que eu tava perdendo muito tempo presa ali, que eu tava numa prisão, que eu não tinha feito crime nenhum e tava numa prisão, mas no sentido de ficar ali trabalhando dia e noite, morando e tudo, uma falta de liberdade. Foi aí que eu comecei... Continuei batalhando no hotel, mas morando fora, porque aí eu tinha liberdade de ir e vir o dia e a hora que eu queria.¹²⁴

A tarefa da aprendizagem não é algo fixo e estático, mas marcado por um constante movimento. É, pois, no espaço pedagógico que este movimento acontece. O processo educativo leva a várias decisões, como a desta mulher acima que resolve sair do hotel, pois antes ela ficava todo o tempo no hotel, o que acabava por restringir seu olhar sobre si mesma e sobre o mundo. O fato de sair, de estar na pastoral ou em outros espaços lhe possibilita tomar outras decisões. Assim, ela se responsabiliza pelo seu processo e caminho.

Acontece o processo de autonomia que é um movimento pelo qual passa por várias experiências e decisões.

Para Paulo Freire, a autonomia é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um “ensinar a pensar certo” com quem fala com a força do testemunho. É um “ato comunicante, co-participado”. Todo processo de autonomia e de construção de consciência nos sujeitos exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico deve ser alinhado a sua aplicação. Assim, autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir.¹²⁵

Ninguém se torna autônomo de um dia para outro, mas é durante a vida, enfrentando as decisões que surgem no caminho que o conduzem a tal movimento. O processo educativo leva a várias decisões e estas com certeza trazem efeitos, por isso elas se tornam um processo que é marcado pela responsabilidade.

O processo marcado pela responsabilidade era a grande preocupação de Paulo Freire, pois segundo ele, não é possível “dar aulas de democracia e, ao

¹²⁴ Entrevista de Bianca, p. 2.

¹²⁵ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: MACHADO, F.C.R. *Autonomia*. Belo Horizonte: Autentica editora, 2008, p. 56-58.

mesmo tempo, considerarmos como absurda e imoral a participação do povo no poder”¹²⁶.

Ele fala em uma pedagogia da liberdade e política, sendo que estes dois eixos podem ser pontos fundamentais na construção de uma maior conscientização da realidade, abrindo assim espaços para compreender as estruturas sociais e seus mecanismos de dominação e violência.

Para Freire, a alfabetização como uma maneira de ler e mudar o mundo tinha que ser repensada dentro de uma compreensão mais ampla de cidadania, democracia e justiça que fosse global e transnacional. Tornar o pedagógico mais político, neste caso, significava ir além da celebração de mentalidades tribais e desenvolver uma práxis que colocava em primeiro plano “o poder, a história, a memória, a análise relacional, a justiça e a ética como as questões centrais para as lutas democráticas transnacionais.”¹²⁷

Neste sentido, o pensamento de Paulo Freire não pode ser entendido separadamente de um projeto social e político. Daí que seguir sua linha de pensamento implica assumir e comprometer-se na construção de “*outro mundo possível*”.

2.3 - Proposta pedagógica desde o jeito e fazer de Jesus

Uma proposta pedagógica embasada em Paulo Freire, que convoca à responsabilidade, faz com que as pessoas constantemente aprendam a reconhecer o mundo e o contexto em que estão inseridas.

Assim, o mundo em que vivemos, atualmente, sente as consequências das várias crises e entre elas a crise ecológica revela sinais de um mundo enfermo: consumismo, desrespeito às diferenças culturais, relações desiguais de gênero, raça, etnia, populações excluídas e em situação de extrema pobreza ou miséria e por isso mesmo invisibilizadas, espiritualidade do prazer sem compromisso visando apenas ao bem-estar pessoal, sociedade que industrializa os seres humanos. Dentre estes e outros aspectos, o mundo, o cosmo em que estamos inseridos pede

¹²⁶ FREIRE, 1982, p. 12.

¹²⁷ STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. In: GIROUX, H. Democracia. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 123-127.

cuidado. O cuidado, é assim uma forma de se responsabilizar por si mesmo, pelo outro , pelo mundo.

Nesta sociedade contemporânea, diz Boff, cada vez mais se percebe uma solidão crescente entre as pessoas. As relações são mediadas pela imagem virtual. Nesse sentido, o cuidado tem aqui valor fundamental, pois ele garante o suporte real da criatividade. Nele se encontra o ethos fundamental do ser humano.

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nas últimas décadas ameaça a essência humana [...] Nossa meditação procura denunciar semelhante desvio. Ousamos apresentar caminhos de cura e de resgate da essência humana, que passam todos pelo cuidado.¹²⁸

É preciso mudar a perspectiva de falta de cuidado com o mundo e para isso será preciso uma atitude de mudança de hábitos e atitudes, o que Boff irá chamar de *conversão*. Neste processo de mudança de atitude, o processo de aprendizagem e de uma outra perspectiva de educação será fundamental, uma educação como Paulo Freire já apontava, uma educação que possibilite a construção de “*outro mundo possível*” e, portanto, de cuidado com nosso ethos, nossa casa e morada.

Neste sentido, ao pensar neste cuidado com nosso ethos, nossa casa, é importante refletir sobre a grande importância que tem o cuidado de corpos, aqui neste trabalho, de corpos de mulheres. O cuidado com o cosmos depende, em grande medida, de como cuidamos de outros corpos e de como estes corpos são marcados. O cuidado expressa a amorosidade que falava Freire. Não há pedagogia transformadora sem uma pedagogia do cuidado. É uma pedagogia que é marcada pela espiritualidade libertadora.

No contexto da prostituição, algumas falas e gestos são cotidianamente escutados. Entre eles, quero ressaltar o de uma mulher que vem encontrando, em seu processo, formas de mudar sua realidade. Claro que com a ajuda de grupos (projeto no qual está inserida) que acreditam na transformação social e em um cuidado com mundo. Em determinado momento, quando perguntada sobre suas

¹²⁸ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petropolis: Vozes. 14ª-ed, 2008,p. 12.

perdas na vida, e neste contexto de prostituição, ela diz: “A integridade, porque por mais que você tome banho você sempre acha que tá suja, sabe? Não limpa. Aquela pessoa que te espancou, que te maltratou, que te... entendeu? Você fica parece que suja daquilo e não limpa mais.”

Esta fala expressa as marcas que são deixadas nestes corpos: “por mais que você tome banho você sempre acha que tá suja”. Como se dão os cuidados com os corpos em um mundo pós-moderno? De que modo mulheres que são marcadas em sua corporeidade, ou seja, des-cuidadas (pois falta o cuidado) podem continuar acreditando na transformação do mundo, de sua realidade, de seu ethos, se elas mesmas estão feridas e precisando de curas em sua corporeidade?

A questão da corporeidade está envolta em um conjunto de símbolos. Na perspectiva teológica, as religiões têm constantemente subordinado o corpo em um jogo de símbolos o qual por vezes tem feito dele instrumento, principalmente se este for corpo de mulher. Por outro lado, há também uma espécie de espiritualização do corpo. Assim, quando voltamos o olhar para a história, percebemos, por exemplo, que o sacerdote não podia trabalhar com as mãos, pois esta tocava a “hóstia sagrada”¹²⁹. Neste contexto, faz-se uma distinção entre o que é “sagrado” e o que “corporeidade”.

No Evangelho, entretanto, descobre-se que o corpo é o ser humano em si. Cada pessoa é o seu próprio corpo. A grande novidade trazida por Jesus é justamente a prática do amor que se concretiza no encontro com outros corpos. Desse modo, cada vez que se encontra um corpo “caído à beira da estrada”, alguma coisa, no cuidado com a casa, não vai bem. Por isso, próximo/a é todo aquele/a que se aproxima de corpos caídos à beira da estrada, próxima é quem se solidariza no cuidado com outros corpos. Desse modo, “cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais do que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e

¹²⁹ COMBLIN, José. *Cristianismo e corporeidade*. In: *Corporeidade e teologia* (Org.). São Paulo: Paulinas, 2005.

de envolvimento afetivo com o outro”¹³⁰. Aqui, pedagogia e teologia se encontram, pois ambas convocam à transformação da realidade.

Em uma sociedade como esta, marcada pela falta de cuidado, permeada por diversas crises, pelo capitalismo inculcando o culto ao consumo e competitividade, gerando cada vez mais violências, ainda resiste “*uma estranha mania de ter fé na vida*”, uma estranha mania de acreditar que “*outro mundo é possível*”, mesmo quando se visualiza corpos caídos, mulheres reclamando suas dores, nosso mundo clamando e gritando cuidado.

Ao ver pequenos grupos que acreditam em uma educação que seja popular e libertadora ou pequenos grupos de economia solidária buscando alternativas diferenciadas em meio à realidade vigente, grupos e mais grupos que são verdadeiros espaços de cuidado e solidariedade, percebe-se que “*este mundo tem jeito sim*”. Ainda é tempo de cuidar desta corporeidade. Cada vez que se cuida de uma única corporeidade, cuida-se de todas, localmente e globalmente.

A busca por uma ética do cuidado, como aponta Leonardo Boff, é também a busca desta mulher que relata sua dor, que reclama as marcas deixadas em sua corporeidade, mas é ainda e fundamentalmente a ética desta mesma mulher que se olha no espelho e reconhece quem antes não se via, e reconhece uma nova pessoa, reconhece que é possível reconstruir quando parece não haver mais possibilidades. Assim sendo, “é no cuidado que vamos encontrar o *ethos* necessário para a sociedade humana e principalmente identificar a essência do ser humano, homem e mulher”¹³¹.

Este cuidado, ou ética do cuidado, de que fala Boff, provoca uma transformação na realidade, o que se tem denominado de transformação social e é na prática de Jesus, no constante encontro que ele tinha com os corpos de seu tempo, que se visualiza a prática de cuidado.

Jesus acolhe e cura mulheres, de igual forma como o faz com crianças, pessoas doentes, empobrecidas e marginalizadas. Elas pertencem a esse grupo de minorias qualitativas. Jesus interfere em favor delas na questão do cumprimento

¹³⁰ BOFF, 2008, p. 33.

¹³¹ BOFF, 2008, p. 38.

da Torá: coloca a vida acima da lei e defesa da mulher adúltera (Jo 8, 1-11), mas faz valer a Torá quando, por meio de uma parábola, se percebe que o direito da mulher viúva está para ser violado (Lc 18, 1-8). Mulheres têm liberdade e são protagonistas nesse movimento e nas origens da Igreja, tanto na ação (Mc 5, 25-34; 14, 3-9) quanto na fala (Mt 15, 21-28; Jo 11, 17-46). Experiências de mulheres também são paradogmáticas nas parábolas de Jesus, que testemunham sobre a atuação e a imagem de Deus (Lc 15, 8-10). Enfim, mulheres fazem parte do ministério de Jesus desde o início, tanto como sujeito do discipulado (Lc 8,1-3) quanto como endereçadas à prática do amor e salvação.¹³²

A prática de cuidado de Jesus se expressa em uma pedagogia específica. Neste caso, a pedagogia utilizada por uma pessoa revela sua ética. Buscar então a pedagogia de Jesus é buscar o caminho que ele propôs e a forma como ele chamava as pessoas para trilhar tal caminho.

Na sociedade judaica do primeiro século da era cristã, os rabinos eram considerados os educadores. Eles se ocupavam de dois espaços na aldeia: o culto semanal na sinagoga e a escola que funcionava junto à sinagoga¹³³.

Jesus faz parte deste ambiente até os doze anos e pode ser que tenha frequentado a escola sinagoga, como era costume para os meninos de seu tempo. Entretanto, Jesus adota um estilo de vida diferente, uma pedagogia distinta da dos escribas. Assim, em vez de estar na sinagoga ou escola, Jesus resolve romper este esquema e torna-se um pregador. Ele vai ao encontro das pessoas, sua pedagogia é baseada não apenas nos ensinamentos, mas em sua prática. Desse modo, as pessoas começam a seguir Jesus. Assim, a proposta pedagógica de Jesus é a do discipulado. Jesus propõe às pessoas percorrer um caminho e a resposta da pessoa é seguir Jesus neste caminho.

A pedagogia proposta por Jesus supera todos os tipos de barreiras quanto a gênero, raça ou classe. Ele conversa e acolhe Nicodemos (cf. Jo 3,1) membro da alta classe judaica, assim como acolhe a Samaritana (cf. Jo 4,7).

A pedagogia usada por Jesus parte da realidade das pessoas, do seu cotidiano, tal como aquela apontada por Paulo Freire. Por isso, Jesus sempre conta parábolas como forma de chegar até o coração das pessoas. Sua pedagogia parte

¹³² REIMER, R. Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: Teologia Bíblica e Feminista*. São Paulo, 2005.p. 67.

¹³³ At 15, 21.

da observação da realidade e do cotidiano. Qualquer situação é para ele motivo de ensinamento e aprendizagem. No trabalho pastoral, junto às mulheres e na presente pesquisa, também foram feitas entrevistas com agentes pastorais e aqui, através desta fala, percebe-se que o aprendizado é de mão dupla, aprende e ensina o tempo todo, pois todos estão inseridos no processo.

Eu acho que minha experiência passa, todo o trabalho com a mulher passa, esse trabalho com a mulher me toca, me toca no sentido de que estar com ela é ligar também com a minha vida em particular, eu não acho que é um trabalho separado da mulher de certa forma, porque o processo que a mulher vai fazendo eu não me vejo diferente disso, eu acho que é um processo que eu também vou fazendo na minha vida, e agora que eu voltei pra pastoral eu pude ver isso com mais clareza.¹³⁴

No caso de Jesus, ele adota também uma pedagogia participativa, ou seja, escutar a parábola, por exemplo, implica atenção do ouvinte. “Com as parábolas, Jesus revela toda a sua pedagogia aberta e livre. Aos ouvintes ele faz uma proposta, exigindo de cada um uma tomada de posição diante do que ele está narrando (cf. Lc 10, 29-37). Desta forma, não podemos pensar que uma parábola, lida isolada de seu contexto, contenha todo o ensinamento de Jesus. Ou que qualquer detalhe ou imagem de uma parábola tenha um significado específico. As parábolas devem ser entendidas no seu conjunto e na sua situação”¹³⁵.

A pedagogia de Jesus gera maturidade e autonomia, pois para Ele o verdadeiro processo pedagógico é aquele que permite à pessoa ficar em pé, sustentando-se em suas próprias pernas, sendo sujeito de sua história.

Neste contexto, o relacionamento de Jesus com as mulheres de seu tempo é marcado por uma profunda liberdade. Ele deixa de lado os preconceitos que o proibiam falar com as mulheres e com elas mantém encontros frequentes. É certo, porém que tais encontros causam surpresa e admiração de muitos. Alguns dos exemplos vemos quando a pecadora (cf. Lc 7, 36 ss) se aproxima dele e o toca, ou quando no poço ele conversa com a samaritana. O texto joanino nos mostra a

¹³⁴ Entrevista com agente de pastoral, Cláudia, p. 1.

¹³⁵ OROFINO, Francisco. *Um ensinamento novo transmitido com autoridade: A ética pedagógica de Jesus*. Estudos Bíblicos 77, p. 52.

reação dos discípulos: “... os discípulos de Jesus chegaram. E ficaram admirados de ver Jesus falando com uma mulher” (cf. Jo 4, 7) .

Jesus não apenas fala com as mulheres, mas introduz também uma mudança radical junto aos mestres de sua época, ele se permite ter discípulas que o escutam (cf. Lc 10, 38-42), se deixa tocar por elas, como vemos em Mc 5, 25-34. A partir daí, Jesus traz uma importante mudança, pois de acordo com a tradição antiga, sobretudo farisaica, uma mulher que sofria de fluxo de sangue tornava impuro aquele que ela tocasse (Lv 15, 19-30). Jesus ao se deixar **tocar** por ela rompe o preconceito da impureza que caía sobre as mulheres. Para ele, o importante não é ser “puro” ou “impuro”, mas confiar nesta mulher e **aproximar-se dela**. Exatamente por isso que quando lhe trazem a mulher pega em adultério (Jo 8, 1-11) ele não a condena ou julga, mas aproxima-se e faz com que ela sinta seu Amor. A situação social da mulher no tempo de Jesus é marcada por uma estrutura patriarcal, onde a mulher não podia participar da vida pública.

Nestes encontros de Jesus com as pessoas, de modo particular com as mulheres, Ele expressa sua prática do cuidado, ou ainda, nos encontros, Ele cuida e assim provoca transformação da realidade. Jesus reconhece quais são as preocupações das pessoas que o cercam. Ele sente a mulher que tem fluxo de sangue há mais de doze anos como dito acima. Paulo Freire apontava que conhecer o universo vocabular do educando, e, portanto, sua realidade, é fundamental e Jesus em sua prática, já o concretizava. Desse modo, reconhecer quais são as preocupações das mulheres, quais são seus desejos e angústias, possibilita uma maior aproximação de sua realidade.

Na prática do cuidado, a palavra tem grande importância para Jesus. A pessoa deve se colocar em pé, andar com as próprias pernas, mas também dizer, expressar o que deseja, que caminho seguir. Segundo Freire, a palavra é o Evangelho. Escutá-la significa estar disposto a colocá-la em prática, a recriá-la, isto é, comprometer-se no processo de libertação do ser humano iniciado por Jesus. “A palavra é central em toda reflexão de Freire. Não há educação popular sem a

tomada da palavra. A palavra é poder, a palavra é criadora, transformadora de vida”¹³⁶.

Neste processo, Paulo Freire vai mostrar que a conscientização, visando à transformação social desde a ótica do cuidado, tal como aponta Jesus, é como a Páscoa. Ele utiliza da metáfora da Páscoa, da passagem da morte para a vida, para assim expressar: “A conscientização é uma Páscoa porque exige morrer para renascer de novo. O tema da Páscoa, da passagem da morte com os que não têm direito à vida, está no centro de uma reflexão de Freire sobre a responsabilidade educativa das Igrejas e dos cristãos”¹³⁷.

O processo educativo, assim como o processo de fé, é um caminho a se percorrer. Não é possível resolver tudo de uma única vez. É no caminho que se vai aprendendo a rever, a ultrapassar os desafios. Daí a importância de se romper com aquela ideia de resolver tudo no imediato. É certo que existem situações que requerem atenção especial e, neste caso, aquelas situações de extrema fragilidade humana têm sua preferência. Mas fala-se aqui de um processo, de um método próprio, de um caminho a percorrer.

Jesus introduz uma nova premissa, uma nova pontuação dos acontecimentos [...] Há uma dialética entre os valores do povo de Israel e a ruptura que Jesus introduz. Jesus se refere a uma tradição, a uma longa série de testemunhos. Este é o segundo elemento que permite passar dos valores à fé. A tradição constitui uma memória que, seguindo a metáfora biológica, jorra energia. É, por exemplo, a função que cumpria a sabedoria em Israel. Jesus se inscreve dentro de um grupo de testemunhos que aprendeu a aprender. Pertence a uma tradição e não a uma escola de pensamento: são as experiências que permitem aprender a aprender, e não a lógica dos argumentos.¹³⁸

¹³⁶ PREISWERK, 1998, p. 53.

¹³⁷ PREISWERK, 1998, p. 54.

¹³⁸ PREISWERK, 1998, p. 249-250.

3 PROPOSTAS PARA AÇÃO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO

3.1. Pedagogia e teologia se encontram formando uma Pedagogia do Cuidado

Ao abordar e refletir sobre a pedagogia como ação transformadora, uma questão vem à tona: não é possível falar em pedagogia transformadora sem falar em uma pedagogia do cuidado; esta é, pois a dimensão da espiritualidade que se faz presente neste trabalho.

O cuidado é muito mais que um ato, é uma atitude, irá dizer Leonardo Boff¹³⁹. Nesse sentido, abrange muito mais que um momento de atenção, mas revela um tempo de ocupação, preocupação, responsabilidade, o que requer grande envolvimento com o outro. Assim sendo, falar em pedagogia do cuidado dentro do processo de conscientização e humanização é ater-se à forma, ao sentido pelo qual uma ação é feita e realizada. Na pedagogia do cuidado, o fundamental é captar o verdadeiro sentido com que se realiza a ação.

Importa fazer a fenomenologia do cuidado. Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência, se mostra em nossa experiência e molda a nossa prática. Nesse sentido, não se trata de pensar e falar sobre o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar a partir do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo de ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado, deixamos de ser humanos.¹⁴⁰

De acordo com alguns estudiosos, cuidado vem do latim “*cura*”. É uma expressão utilizada em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. Do latim *cura* era escrito *coera* e era utilizado em contexto de relações de amor e amizade. Ainda,

Outros derivam cuidado de *cogitare-cogitatus* e de sua corrutela *coyedar*, *coidar*, *cuidar*. o sentido de *cogitare-cogitatus* é o mesmo de *cura*: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O

¹³⁹BOFF, 2008, p. 33.

¹⁴⁰BOFF, 2008, p. 189.

cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim.¹⁴¹

Entender o cuidado como algo presente numa pedagogia de trabalho, visando à transformação social, faz perceber que quem assim o faz toma posição e partido diante da realidade. Desde a década de 1970, vários foram os teólogos e teólogas latino-americanos que propuseram uma teologia que optasse pelos pobres. E é uma opção, pois não há como ficar neutro.

Uma das coisas que devemos fazer é não esperar que a sociedade se transforme. Se esperarmos, ela não se transforma, temos de fazer, e é nos metendo dentro do processo, na própria intimidade do processo em movimento, que descobrimos os caminhos e vamos desmontando coisas que se opõem à mudança.¹⁴²

O acompanhamento, desde a pedagogia do cuidado, pede um compromisso com as pessoas empobrecidas e, neste caso, compromisso com as mulheres inseridas em contexto de prostituição. O objetivo é sempre que elas se tornem agentes ativas de seus processos. Assim, elas podem tomar a palavra, falar de suas realidades e modificar sua realidade.

Parte fundamental deste processo é a apropriação da palavra de forma consciente e coerente, com delicadeza e firmeza... Com determinação e persuasão. Se a possibilidade de falar e de expressar-se faz parte de uma lógica negadora da barbárie e da desumanidade dos pobres, isto é especialmente certo para as mulheres. A falta de reconhecimento como sujeitos de pleno direito converte-se numa motivação para dar nome à sua própria humanidade no trabalho teológico.¹⁴³

Paulo Freire aponta isto quando afirma que conhecer, tomar a palavra é aprender a ler e reler o mundo. Assim, a pedagogia dos oprimidos e oprimidas, a pedagogia que leva à autonomia, que provoca perguntas, diálogo, a pedagogia que é um exercício da prática da liberdade, aponta para uma pedagogia do cuidado, pois todo este processo de conscientização, de leitura do mundo e da realidade requer sentido, requer cuidado, requer proximidade e delicadeza, requer, dizia Freire amorosidade.

Sendo uma pedagogia do cuidado, deve promover espaços de cuidado, ou seja, espaços onde as pessoas possam individual e coletivamente se olharem, se

¹⁴¹ BOFF, 2008, p. 91.

¹⁴² FREIRE, 2004, p. 141.

¹⁴³ AQUINO, P.M. *Nosso clamor pela vida: Teologia Latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 216.

perguntarem, se confrontarem, se cuidarem. Uma das mulheres assim o expressa, referindo-se ao projeto pastoral (espaço de cuidado) no qual está inserida:

Pra mim me ajudou muito, entendeu? É como se eu fosse uma criança aprendendo a andar né? E o projeto me ensinou os primeiros passos para eu estar me vendo, é como um espelho que eu me olho e estou vendo uma mulher ali, que antes eu não tava enxergando direito.¹⁴⁴

O espaço comum, os pequenos grupos, comunidades de vida, são espaços privilegiados onde acontece a pedagogia do cuidado; aliás, são nestes espaços que as pessoas se fortalecem, revigoram seus sonhos, estabelecem metas a serem cumpridas e, acima de tudo, alimentam a esperança em si mesmas e na possibilidade de construção de um “outro mundo possível”.

É no espaço comum que muitas vezes surgem com força situações que poderíamos denominar de situações limites. Estas situações expressam a falta de cuidado com a vida. E é exatamente aí que a pedagogia do cuidado entra em ação.

Percebe-se no contexto atual uma grande falta de cuidado com a vida, com o cosmos, com os corpos, principalmente os corpos empobrecidos e femininos.

O projeto de crescimento material ilimitado, mundialmente integrado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras. Encontramo-nos no limiar de bifurcações fenomenais [...] Estimamos que agora não será diferente. Há chance de salvamento. Mas para isso devemos percorrer um longo caminho de conversão de nossos hábitos cotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais [...] mais do que o fim do mundo, estamos assistindo ao fim de um tipo de mundo.¹⁴⁵

Há um grande descuido pela vida em todos os âmbitos. Segundo dados da Organização Mundial da Infância de 1998:

250 milhões de crianças trabalham. Na América Latina, 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada 3. E, na Ásia, uma em cada duas[...] Há um descuido e um descaso manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobrada virulência¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Entrevista de Virgínia, p. 3.

¹⁴⁵ BOFF, 2008, p. 17.

¹⁴⁶ BOFF, 2008, p. 18.

Dentre as tantas formas de descuidos apresentados na atualidade, voltar o olhar para as situações vivenciadas pelas mulheres em seu cotidiano e tentar reconhecer que Deus se faz presente nestes contextos é um convite ao reconhecimento partir de formas concretas de cuidado e zelo pela vida. O cuidado, neste caso, será uma profunda comunhão com sua realidade, suas dores, medos e anseios. Escutemos alguns relatos.

Eu tava numa situação que eu às vezes nem sabia onde eu dormia, se eu dormia no hotel, uma vez eu dormi cá em cima junto com os sem teto, dormi no bom preço, peguei o papelão e deitei no bom preço, eu tava grávida, mas tava sentindo frio e tive que fazer isso...isso pra mim foi ruim porque eu fiquei muito cansada, se eu tivesse dinheiro pra pagar um aluguel eu acho que seria melhor.¹⁴⁷

Nestes contextos, constantemente as mulheres se deparam com situações, fatos que são limites e ainda assim encontram sentido para lutar, buscando alternativas, lutando, mesmo que entre momentos de quedas e recuos.

Na época que meu ex-marido me roubou, eu falei que não era agora que Deus ia me desamparar. Chorei muito na verdade, porque só comecei a entrar em depressão porque uma coisa que você construiu uma vida toda é uma coisa que você tem que ajoelhar e falar muito com Deus e superar aquela perda que você teve materiais né, e com filho pequeno. Então minha luta com Deus é essa, eu tenho muita fé e Ele sempre me ajudou. Tudo o que eu tenho eu agradeço a Ele.¹⁴⁸

De acordo com Paulo Freire, uma pedagogia, mesmo em contextos e em situações-limites que se preze, tem em sua base o diálogo. Sendo assim, ter uma atitude dialógica é ter atitude de amor, humildade e fé nas pessoas, um acreditar no “seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar”. Por isso, Jesus conversa com a Samaritana, com a mulher adúltera e deixa-se tocar pela mulher anônima na casa de Simão. Ele escuta, dialoga, ele não faz para a mulher, mas a ajuda a fazer o caminho. Daí que uma pedagogia que humanize deve ser *com* a mulher e não *para* ela. É preciso sentir *com-paixão* e, a partir daí, “lutar com”.

O diálogo se dá através do encontro das pessoas, na relação eu-tu, que pressupõe um caminho a se fazer, dar tempo ao tempo. É a partir do diálogo que as mulheres começam a crer em si mesmas e se engajarem numa luta por sua

¹⁴⁷ Entrevista de Amanda, p. 1.

¹⁴⁸ Relatos de Agente pastoral.

libertação. O diálogo leva a ambos, mulher e agente, a se tornarem sujeito do processo feito, assim os dois crescem juntos. Não existe, pois, diálogo, se não há amor nas pessoas e o fundamento deste diálogo é o Amor.

A solidariedade é, neste percurso, fundamental, e solidarizar-se não tem nada a ver com relação de dependência. Assim, inclinar-se, tal como fez Jesus, é solidarizar-se com a mulher para que a mesma vá tornando-se cada vez mais sujeito. Desse modo, a verdadeira solidariedade está em “lutar com”. Por isso será fundamental escutar o que as mulheres trazem, o que pensam, como vêm as coisas. Por isso, fazer este caminho com a mulher supõe um comungar de sua realidade. Aproximar-se, sentir, a cada passo, a cada dúvida. É necessária uma convivência com elas para compreender suas formas de ser e de se comportar.

Comungar da realidade supõe estar atento aos medos, sonhos, receios e lutas cotidianas trazidas por estas mulheres. Cada fala, cada gesto, aponta o contexto, o mundo e seu entorno.

Os meus medos? Meu medo não é bem medo, é medo, medo de minha filha dar pra profissional, ser prostituta e eu olhar e ver que... ou ela tá seguindo o meu caminho ou foi falta de apoio, de condições que eu não pude dar a ela e ela foi pelo mesmo caminho. Eu tenho o maior medo dela engravidar e acabar indo pro mesmo caminho. E ela ainda virou e disse que tinha coragem de ir pra me ajudar, pra me sustentar...nos estudos ela faz igual a mim, vai e volta, vai e volta, vai e desiste, pelo menos ela já tem a oitava série. Eu só fiz até a quinta. Ela como ela já tem relação eu fico com medo. Eu tenho medo também da noite, por incrível que pareça eu tenho medo da noite. Tem hora que eu saio que chega de noite, se eu tiver até 9 horas ainda na rua eu fico com medo de não ter mais carro e eu ficar na rua. Porque eu já fiquei na rua por causa da prostituição, e é tão triste, tão frio. Aí eu fico com medo... eu fico o tempo olhando pedindo a Deus pra mandar um ônibus...¹⁴⁹.

As mulheres, em seus relatos, expressaram muitos medos, medo da noite, por exemplo, como nos fala Ana. A noite que traz o frio e a solidão. A noite que faz apertar em si o sentimento de abandono tantas vezes expresso por elas. A noite que mostra nua e cruamente os limites da vida. Medo da história se repetir, dos filhos e principalmente as filhas vivenciarem as mesmas situações.

¹⁴⁹ Entrevista de Ana, p. 4.

Eu tenho de eu ficar sozinha, eu tenho medo, ave Maria, se eu ficar sozinha no mundo eu não vivo não, sozinha assim sem ter gente íntima sabe perto de mim pra conversar...lá na pastoral eu converso muito, esses meses que eu não fui lá, minha autoestima foi lá pra baixo e só chorava, e só chorava, aí um dia eu contei que eu tava me sentindo só...¹⁵⁰

Dentre os medos trazidos, tão presentes em todo ser humano, o medo de ficar sozinha, da solidão é gritante neste contexto. A autoestima muito baixa das mulheres tem sido muitas vezes um grande dificultador no desenvolvimento de seu processo de busca e conscientização. Neste sentido, entre os relatos e histórias de vida fica claro que espaços alternativos, espaços de convivências, de troca, de encontro, de compartilhar os medos e sonhos têm sido de grande relevância neste processo. Dentre todas as mulheres entrevistadas, todas sem exceção falaram da importância de espaços como a pastoral e projeto e como tais espaços têm contribuído para que elas se sintam mais fortalecidas e continuem percorrendo seu caminho de crescimento.

A pastoral foi o lugar que parece que eu renasci de novo, porque, apesar de ...eu já tinha visto muita coisa sabe, comigo não, mas com minhas colegas, mas sempre eu tava ali de junto, era briga, era sangue sabe? Sempre eu tava ali mas aquilo ali me chocava, mas eu tava ali com minhas colegas, assisti muitas tragédias em bares, comigo foi pouco né, mas apesar que como mulher eu sentia também, e sinto, hoje mesmo eu ouvi uma mulher falando ali, a fala dela ave Maria chega a doer mesmo, ela falando que se prostituiu pra cuidar do filho dela, ave Maria aquilo ali me pegou e é isso. (pausa-silêncio-choro)¹⁵¹.

No espaço pastoral, no encontro com outras mulheres que vivenciam situações-limites parecidas, as mulheres compartilham suas dores e sentem as dores das outras. Assim sendo, o cuidado entre elas vai se estabelecendo. É certo que, na maioria das vezes, realidades como competição e disputas sejam “comuns” nestes contextos, mas é importante ressaltar que realidades de solidariedade e encontros também se estabelecem. Daí a importância de fortalecer estes espaços como elos de construção e resiliência dentro da proposta pedagógica.

Às vezes eu tô sofrendo, chorando e eu falo assim: o Senhor me dê forças, eu não quero essa vida Senhor. Eu converso com Deus, eu converso com ele, eu digo o Senhor eu tô aqui. Aí eu falo: o meu Deus manda teus anjos pra me acompanhar Senhor, você viu o que aconteceu com minha colega Senhor (referindo-se a uma colega que foi morta no hotel) uma menina que é igual a gente Senhor (e chora). Toma conta de mim. Eu peço pelas minhas colega, peço pra nenhum mal

¹⁵⁰ Entrevista de Sueli, p. 2.

¹⁵¹ Entrevista de Sueli, p. 3.

acontecer a elas, eu não falo, mas eu peço por elas, pois elas são pessoas como eu.¹⁵²

Nas situações-limites a dimensão da espiritualidade, ou pedagogia do cuidado, como quero chamar aqui é um elo integrador. No relato acima, a solidariedade da mulher faz com que ela entre em relação com o Sagrado pedindo não somente por si, mas pelas companheiras de luta e batalha, recordando as violências sofridas por elas, recordando as cruces cotidianas.

À medida que as mulheres vão tomando consciência de seus medos, sonhos, utopias, e, portanto vão falando, tomando a palavra, o que ocorre é um decifrar o mundo. Nesse sentido, para decifrar o mundo é preciso ter acesso à realidade que muitas vezes é problemática, é preciso ir além das aparências, olhar por detrás das máscaras e das ilusões. Este é o papel da conscientização de que tanto falava Paulo Freire.

Este olhar por detrás das máscaras supõe o caminho da dúvida, do desconfiar, da pergunta como se vem abordando. À medida que a dúvida surge,, mesmo em situações-limites, as mulheres buscam alternativas. É através da dúvida que é possível visualizar a mudança. Ela possibilita retomar o caminho, fazer rupturas e impulsionar a decisão. Através da dúvida, opera-se a passagem à consciência crítica ou ainda simplesmente à consciência.

A dúvida significa muito mais que qualquer processo metodológico. Ela é em si uma atitude existencial, um modo de ser. Sendo assim, cabe a cada pessoa configurá-la dentro de suas particularidades próprias e sua história. ,

A dúvida nos mete medo. Interrogar, determinar com exatidão, ir ver, situar-se, todos estes atos de liberdade, de decisão e de responsabilidade são terrivelmente angustiantes. [...] Esta angústia é inevitável, ela leva o selo da existência; nela se exprime a vertigem perante a liberdade e a finitude. [...] A educação participa inevitavelmente do debate no qual a nossa sociedade em crise se encontra envolvida e da angústia que ela suscita. A educação é atualmente um lugar onde toda a nossa sociedade se interroga a respeito dela mesma, se debate e se busca, educar é reproduzir ou transformar, repetir servilmente aquilo que foi, optar pela segurança do conformismo, pela fidelidade à tradição ou, ao contrário, fazer

¹⁵² Entrevista de Tânica, p. 3.

frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura; querer que o passado configure todo o futuro ou a partir dele construir outra coisa.¹⁵³

É a partir das dúvidas e perguntas que a mulher vai se fazendo que o caminho do crescimento vai se concretizando. Atentemos para o relato desta mulher.

*“Deus, eu acredito em Deus... porque Deus vai agindo na vida da gente de várias maneiras; só que tem maneira que é mais forte e a gente percebe melhor, né? Um dia eu tava ali encostada na praça e eu falei: o meu Deus, será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa? Eu não quero mais continuar fazendo programa. Daquele momento eu tive como se eu tivesse renascido, me deu um sentimento, uma coisa dentro de mim tão diferente, eu fiquei leve e fiquei assim como se eu tivesse renascido[...] Então é o momento que eu mais **senti Deus me carregando, entendeu?** Me transformando. Foi naquele momento. Tanto que eu não me esqueço. É uma coisa mais ou menos assim, eu me sinto leve, sentimento bom dentro de mim, uma esperança imensa, entendeu? De mudança e realmente naquele momento começou a mudar minha vida, né?” (sic).*

A partir do momento em que esta mulher se pergunta: “o meu Deus, será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa?”, ela visualiza alternativas e possibilidades. Aqui aparece a dimensão da espiritualidade como algo restaurador e, sem dúvida, como uma forma de cuidado, compreendida e percebida pelas mulheres. Aqui acontece a experiência de Deus. E quero ressaltar isso, pois dentro de situações-limites e de extremas fragilidades vivenciadas pelas mulheres é esta dimensão da espiritualidade, esta pedagogia do cuidado, que tem sido, muitas vezes, senão a maioria das vezes, o ponto de sustentação e fortaleza nos desafios.

A experiência de Deus se faz no cotidiano da vida, no ordinário e extraordinário dos dias. Então esta mulher capta a presença de Deus em sua vida. A partir daí, surgem perguntas, inquietudes. Segundo Ivoni Reimer,¹⁵⁴ a reflexão teológica, desde uma ótica feminista e libertadora, parte do cotidiano, do dia-a-dia, do trabalho, da dor, da esperança, morte, prazer, fé, espiritualidade.

O falar de Deus acontece a partir da experiência. Assim, segundo a teologia feminista, só podemos falar da divindade a partir da experiência, como esta se

¹⁵³ GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito*. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 200, p. 18.

¹⁵⁴ REIMER, 2005, p. 10.

relaciona à condição humana e sua finitude, seus anseios e esperanças, dando sentido à existência humana.¹⁵⁵

É no cotidiano que esta mulher se pergunta: “*o meu Deus, será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa?*”. Aí mesmo Deus lhe fala e ela sente como que renascida. Deus vê, como viu Agar (Gn 16), à beira do poço, e ela, por sua vez, sabe que Deus escuta sua voz. No poço, Agar realiza sua experiência de fé, já que ali era o lugar de se guardar memória, resistir e lutar por dignidade e emancipação. Para esta mulher de hoje, a praça é o seu poço. Neste lugar concreto, ela realiza uma experiência de fé.

Agar luta para sobreviver no espaço vazio do deserto. É ali, diz o texto, que Agar vê a divindade face a face, como alguém que se importa com ela. Esse texto descreve uma teofania extraordinária dentro da tradição bíblica, onde Deus é visto face a face: E ela deu um nome à divindade que falou com ela: Tu, Deus, me vê. Pois ela disse: Eu também não vi aquele que me vê? (Gn 16,13)¹⁵⁶.

Assim, as mulheres dentro de situações de extrema fragilidade e limites reconhecem na experiência com o Sagrado a possibilidade de reconstrução. Claro que aqui se fala de uma experiência que provoca perguntas e dúvidas. Neste sentido, a experiência com o Sagrado, como expressão do cuidado, impulsiona a um movimento de saída e busca. Vale ressaltar alguns pontos que aparecem como muito significativos nos relatos e histórias de vida contadas por elas.

- **Mulheres reconhecem Deus/ Sagrado como cuidador/a, resgatador/a:** as mulheres têm expressado a experiência de um Deus Cuidador/a, presente em momentos difíceis, principalmente quando se sentem sós ou em situações de perigo (que pode ser violência, machismo, descuidos dos mais variados possíveis). Uma delas assim expressa: “*Eu peço a Ele todo dia pra Ele me tirar desta vida. Sempre que acontece alguma coisa comigo eu chamo por Ele e Ele me ajuda. Ele está perto de mim. Deus é muito maravilhoso...*”.

É na realidade de discriminação e marginalização de mulheres que traz à tona toda uma reflexão sobre mecanismos de opressão e sobre estruturas patriarcais na construção de nossas identidades pessoais e sociais, na família, na sociedade,

¹⁵⁵ SUSIN, C.L (org.). *Teologia para um outro mundo possível*. In: DEIFEL, Wanda. Contexto social, imagens linguagem e imagens de Deus. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 263.

¹⁵⁶ TROCH, 2007, p. 93.

na igreja. Mas são também a nossa fé e espiritualidade que nos colocam sempre de novo diante da manifestação da revelação de Deus com as mulheres, em seus corpos, na família, na sociedade, na igreja. E essa revelação é e quer libertação!¹⁵⁷

- **Mulheres percebem através de símbolos e gestos a presença do Sagrado em seu cotidiano:** algumas mulheres falam de símbolos, gestos que expressam este cuidado tais como: *“Ele me segura em suas mãos”, “Ele me carrega”, “Sinto a presença dele...”* Tais imagens fazem recordar o Deus apresentado no primeiro testamento, o **Deus Goel**, aquele que resgata e restaura o povo de Israel e o conduz à *“terra que emana leite e mel”*. Ele era o defensor. A ação do **“Goel”** *do ano jubilar era e continua sendo: ação solidária a restabelecer os direitos dos pobres, acolher os excluídos e reintegrá-los à comunidade.*
- **Mulheres reconhecem o Deus que veem:** cuidado e culpa se encontram.

Ao mesmo tempo em que expressam a presença de Deus cuidador, resgatador, também aparece forte nas experiências das mulheres a experiência de culpa, relacionando muitas vezes o sofrimento que vivenciam como algo que Deus lhes permite passar. Aqui, mais uma vez, aparece uma ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que sentem que Deus lhes cuida, sentem também culpa.

As mulheres vivem uma culpabilidade por exercer a prostituição e aqui também aparece à imagem de um Deus masculino, dado que estão inseridas em uma cultura patriarcal que por vezes reforça este olhar de quem julga e condena. Alguns relatos das próprias mulheres:

Com Deus, quando é de madrugada, eu converso muito. Ele... Ele atende mais nós mais de madrugada porque é o horário que todo mundo tá dormindo e Ele tá lá ó, acordado, que Ele não dorme, aí Ele tá acordado olhando quem tá chamando por Ele e pedindo alguma coisa dele e cobrando dele. É de madrugada...É esse horário que eu converso com Ele...naquele horário, naquele silêncio é o horário que Ele tá ali. Agora mesmo Ele tá ouvindo o que eu tô dizendo, Ele tá lá , tá lá escrevendo, mas é tantos que tem lá que Ele tá ó...é o mundo inteiro...o mundo inteiro... Então Ele tá lá... Eu levanto de madrugada ponho o joelho no chão e fico perto da minha Santa Bárbara, de meu São Jorge que eu tenho ele lá ó, com minha vela acesa, porque eu tenho meu altazinho lá: Santa Bárbara, São Jorge, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

¹⁵⁷ REIMER, Richter Ivoni. *O belo, as feras e o novo tempo*. Petropolis: Vozes, 2000, p. 18.

De trás de minha porta eu boto o joelho no chão e fico pedindo: Senhor se eu merecer me ajuda, perdoe-me, se eu briguei com Ele...¹⁵⁸

- **Mulheres reconhecem a Deus como o Deus da vida: presente no cotidiano de suas vidas, fortalecendo os sonhos.**

Diante da busca pela vida, as mulheres têm constantemente lutado pela sobrevivência, principalmente no contexto latino americano. O amor a seus filhos e filhas, a alegria, esperança, carinho, o desejo de melhor qualidade de vida, amor ao Criador expressam como reconhecem a Deus como o Deus da vida, mesmo em situações de morte. Neste sentido, é importante:

Explicitar na reflexão teológica as experiências históricas e espirituais das mulheres, suas lutas específicas e suas propostas, porque elas, além de enfrentar a exploração econômica e a opressão sociopolítica e cultural, veem-se frente a frente com as ancestrais estruturas androcêntricas racistas e sexistas na sociedade, na igreja e na teologia¹⁵⁹.

A teóloga Lieve Troch citando o teólogo Pieris, aponta três lugares onde surge “revelação” e discurso sobre o divino. O primeiro é da liderança das igrejas cristãs, o segundo o dos teólogos e teólogas e cientistas ocidentais que lidam com a diversidade por meio de discussões sobre exclusivismo e exclusivismo, e por meio da teologia do pluralismo. Mas o terceiro lugar ele denomina de “*comunidades humanas de base*”, estes são lugares onde membros de diferentes religiões e pessoas não crentes podem se engajar em ações e discussões cooperativas em prol da liberdade de pessoas marginalizadas e das transformações de relações. Estas comunidades são assim, lugares de revelação, onde o falar sobre o divino pode acontecer de novas formas. Tal perspectiva coincide com aquilo que Elizabeth Fiorenza chama de “discipulado de iguais”, ou seja, uma comunidade de pessoas igualmente competentes que procuram superar as divisões de religião, raça, classe, gênero e cultura¹⁶⁰. Assim sendo, é neste lugar, marcado pelo cotidiano que o Deus da vida é reconhecido.

- **Deus da esperança**

¹⁵⁸ Diário de bordo.

¹⁵⁹AQUINO, 1996, p. 135.

¹⁶⁰TROCH, 2007, p. 91.

Acreditar no Deus da esperança tem feito as muitas mulheres continuarem lutando e buscando.

O processo de busca é em si mesmo esperançoso e se define como a esperança que se vive. Não importa que você busque algo que não encontre, mas que busque sempre com a esperança de encontrar. a esperança deve fazer parte inclusive do processo de buscar¹⁶¹.

Tal dimensão da esperança aponta para o futuro, mas com os pés fincados na realidade.

Vislumbrar o futuro implica ter firmes os pés no presente; contudo, exige, simultaneamente, a recuperação do próprio passado, da sabedoria ancestral de povos inteiros e infinidade de mulheres predecessoras na luta por um mundo mais justo¹⁶².

Segundo Ellacuría, esta esperança aponta para a capacidade de reverter a história.

Só utópica e esperançosamente se pode crer e ter coragem para tentar, com todos os pobres e oprimidos do mundo, reverter a história, subvertê-la e lançá-la noutra direção [...] O que em outra ocasião chamamos de análise corpo-histórica, quer dizer, o estudo das fezes de nossa civilização, parece mostrar que esta civilização está gravemente enferma e que, para evitar um desenlace fatídico e falta, é necessário tentar mudá-la a partir de dentro dela mesma¹⁶³.

No falar de Paulo Freire,

É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a aspereza da realidade sugira o contrario. A este nível, a luta pela esperança significa a denuncia, sem meias palavras, dos desmandos, falcatruas e omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade e também o gosto da esperança¹⁶⁴.

- **Deus da solidariedade**

A solidariedade é algo muito presente na vida das mulheres. Nos desafios cotidianos, elas se fortalecem umas às outras, seja através de gestos, tais como uma acolher a outra em sua própria casa ou compartilhar alimentos, seja através de acompanhar em hospitais, ou compartilhar as dores.

¹⁶¹ FREIRE, 2004, p. 186.

¹⁶² AQUINO, 1996, p. 125.

¹⁶³ SOBRINO, Jon. *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 67.

¹⁶⁴ FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 2006, p. 87.

No mundo dos pobres há valores importantes que, além disso, constroem uma civilização de solidariedade. E não é uma opinião isolada, mas repetida. Muitos buscam hoje uma humanidade humana - e dizemos isso sem cair em redundância - assim como Lutero buscava um Deus benévolo. E não a encontram em sociedades de abundância, nem na globalização, nem sequer em organizações democráticas. Encontram sim elementos importantes dela no mundo dos pobres: alegria, criatividade, paciência, arte e cultura, esperança, solidariedade. Tal experiência é dialética, pois encontraram vida humana no reverso do mundo dos ricos. E é experiência de graça, pois surge de onde se menos espera.¹⁶⁵

A solidariedade possibilita perceber o sofrimento do/a outro/a e neste sentido não é algo meramente teórico. Não basta conhecer as teorias dos sistemas e sua complexidade; a percepção do sofrimento do/a outro/a sempre provoca um processo afetivo. “Perceber o sofrimento alheio provoca uma experiência sensível e uma emoção a partir das quais se associam pensamentos cujo conteúdo depende da história particular do sujeito que percebe”¹⁶⁶. Neste sentido, a utopia que possibilita a unidade da família humana é urgente.

Para dar corpo a esta utopia, precisamos resgatar os valores ligados à solidariedade e à compaixão. Importa recordar que foi a solidariedade/cooperação que permitiu a nossos ancestrais, há alguns milhões de anos, deram o salto da animalidade à humanidade. Ao saírem para coletar alimentos, não os comiam individualmente, como faziam os animais maiores. Antes reuniam os frutos e a caça, levavam-os para o grupo de co-iguais e repartiam-os entre todos¹⁶⁷.

Neste sentido, uma proposta pedagógica marcada pelo cuidado é em si uma proposta da esperança. Assim, a pedagogia do cuidado aqui explicitada se encontra com a pedagogia da esperança, ou seja, a proposta pedagógica desde a ótica do cuidado é também a proposta pedagógica da esperança. Esperança de quem acredita apesar de... De quem aposta apesar de... De quem se lança... Enfim de quem tem a “estranha mania de ter fé na vida” como diz a canção.

3.2 – Pistas e caminhos na construção da Pedagogia do cuidado

¹⁶⁵ SOBRINO, 2008, p. 89.

¹⁶⁶ DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2ª-ed, 1999, p. 45.

¹⁶⁷ SUSIN, C.L (org.). *Teologia para um outro mundo possível*. In:BOFF, Leonardo. *Duas utopias urgentes para o século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 243.

A partir da reflexão feita até aqui e a título de concluir o presente trabalho, e reconhecendo que a pedagogia do cuidado é em si uma possibilidade pedagógica do agir com as mulheres em situação de prostituição alguns pontos ficam como pistas para um trabalho pedagógico de cunho transformador com mulheres em situação de prostituição, como veremos a seguir:

A) Mulheres tomam a palavra

O processo pedagógico de cunho transformador propõe um caminho onde as mulheres possam tomar a palavra, ou seja, que elas possam ser sujeitos, e sujeitos questionantes e dialogantes. Segundo Aquino,

Parte fundamental deste processo é a apropriação da palavra de forma consciente e coerente, com delicadeza e firmeza... com determinação e persuasão. Se a possibilidade de falar e de expressar-se faz parte de uma lógica negadora da barbárie e da desumanidade dos pobres, isto é especialmente certo para as mulheres. A falta de reconhecimento como sujeitos de pleno direito converte-se numa motivação para dar nome à sua própria humanidade no trabalho teológico¹⁶⁸.

É fundamental que as mulheres neste processo falem, tomem a palavra no sentido propositivo do termo, que elas falem de suas histórias, que elas tomem decisões como dizia Freire, ou assumam suas vidas como instigava Jesus, mas não apenas isto, que elas deem passos de transformação ante estas histórias e assim modifiquem seu entorno.

As mulheres, em sua busca por afirmação, muitas vezes sublinharam os princípios de igualdade, participação e reciprocidade. Palavras como parceria, comunidade e união são centrais nas conversas de mulheres. À medida que falam umas com as outras, começamos a descobrir que nossas experiências individuais de discriminação, desvalorização, abuso e distorção não se limitavam a determinadas mulheres, mas eram efetivamente universais em toda parte e em todas as gerações¹⁶⁹.

Esta capacidade de tomar a palavra se expressa muitas vezes na capacidade que estas mulheres têm de se reconhecer e de sonhar, buscar alternativas, capacidade de “martelar, martelar”, de não desistir, como expressa Sueli:

Eu acho que eu sou uma pessoa positiva sabe, muito batalhadeira, não desisto de meus sonhos, às vezes eu não realizo logo, mas eu fico com aquilo martelando,

¹⁶⁸ AQUINO, 1996, p. 216.

¹⁶⁹ SUSIN, C.L (org.). *Teologia para um outro mundo possível*. In: KANYORO, Musimbi. A forma de Deus por vir e o futuro da humanidade. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 259.

martelando até conseguir, eu não desisto fácil não, eu tenho muita esperança e força de vontade e parece que cada vez mais eu tô ficando idosa é que isso tá parecendo impossível, ave maria, quando eu quero fazer uma coisa, ou eu faço, ou eu morro...¹⁷⁰

Tomar a palavra e assumir posturas de quem deseja transformar seu entorno:

Eu sou S., não sabia ler, não sabia escrever e ficava perambulando... fui convidada por duas colega pra vir aqui no projeto ...aqui é minha segunda casa. Eu não sabia nem pegar em um computador, hoje já sei, nem caneta, nem ônibus... Hoje sei o que é sociedade, sei reconhecer muitas coisas, reconheço meus direitos e agora vamos pra frente.¹⁷¹

B) Mulheres reconhecem sua força na luta pela vida

A capacidade de sonhar demonstra que as mulheres continuam lutando. Para Freire, esta capacidade de sonhar não é apenas um ato político necessário, mas tem uma conotação histórico-social.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminarem por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança¹⁷².

Sandra nos fala de seus sonhos:

Meu sonho é ter minha casa própria e trabalhar pra mim, e ver isso aqui é meu, eu tô trabalhando aqui com minhas mãos, lutando, meu sonho é esse, não quero luxo, não quero vaidade, não, não quero uma casa cheia de som, tanto que nem geladeira eu tenho em casa porque a minha queimou e eu nunca mais tive condição de comprar, se eu tivesse na batalha como eu tava antigamente eu já tinha comprado, mas eu não quero mais.

O sonho se concretiza através das lutas cotidianas, no entanto com freqüência tem-se a tendência de menosprezar as lutas que as mulheres dos setores populares estabelecem. As lutas cotidianas pela sobrevivência são vistas como praticas de pouca ou nula eficácia histórica. Ao contrario, é necessário reivindicar para a proposta libertadora toda forma de luta pela vida criada pelas

¹⁷⁰ Entrevista de Sueli, p. 3.

¹⁷¹ Entrevista de Sandra, p. 3.

¹⁷² FREIRE, 1992, p. 91.

mulheres, porque, em si mesmas, manifestam a ineficácia do sistema capitalista em prover as necessidades vitais dos pobres¹⁷³.

C) Mulheres com capacidade de resistência

As mulheres inseridas neste processo têm demonstrado uma grande capacidade de resistência. No processo pedagógico, esta é uma grande característica. Tal resistência pode ser comparada à resiliência, ou seja, estamos falando de mulheres resilientes, mulheres com capacidade de se desenvolverem, de se projetarem, de irem para frente, superando desafios e reconstruindo suas histórias.

A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora.¹⁷⁴

Uma das mulheres assim expressa:

Quando o sofrimento tá muito grande, a gente pensa que não vai aguentar... aí nessa hora a lágrima cai mesmo. Na verdade, a gente tem que matar um leão por dia e ainda tem que enfrentar os olhares de discriminação da sociedade, mas nós somos mulher como qualquer outra e apesar do sofrimento que eu tenho hoje eu não me sinto derrotada¹⁷⁵.

A resistência, ou resiliência, é esta capacidade de enfrentar, vencer e sair fortalecida/o mesmo em situações adversas. Daí que as pessoas aprendem com suas próprias experiências e a partir de então se transformam e podem transformar seu entorno. Esta resistência demonstra a capacidade de reinvenção da vida, capacidade de recomeçar, de alçar e buscar alternativas.

Resistir tem sido o verbo mais característico das pessoas do sexo feminino, que melhor representam os injustiçados no âmbito das religiões. As mulheres ocupam uma posição ideológica indigna na maioria das instituições, mas são elas que mantêm a assistência aos cultos e ritos¹⁷⁶.

¹⁷³ AQUINO, 1996, p. 56.

¹⁷⁴ HOCH, C. Lothar; ROCCA, M. Susana. (Orgs). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2007, p. 10.

¹⁷⁵ Diário de bordo.

¹⁷⁶ FELIX, Isabel Aparecida (org.). *Teologias com sabor de mangostão: Ensaio em homenagem a Lieve Troch*. In: RODRIGUES, X.F.F. Para uma teologia do dia a dia: ouvindo vozes que ainda não foram ouvidas. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009, p. 42.

Esta capacidade de resistência ainda é visualizada quando as mulheres que tomam a palavra falam das violências sofridas e assim denunciam, rasgando o véu, como diz Deilfelt. É o basta. O grito pelo fim da violência. O basta diante da realidade da cruz. Este basta anuncia a esperança em meio às realidades de morte. Esta esperança leva à resistência e à solidariedade. O basta é em si o sinal da ressurreição, da vida que vale mais que a morte¹⁷⁷.

D) Mulheres desenvolvendo a criatividade, solidariedade e liberdade

A capacidade de transformação da realidade se visualiza em um movimento de desenvolvimento da criatividade, da solidariedade e liberdade. Esta transformação se expressa na constante busca, no constante movimento de aprender a aprender, de criar e recriar no cotidiano.

E) Mulheres aprendem com a própria história: Mulheres aprendentes

As mulheres neste processo são mulheres aprendentes, pois constantemente visualizam coisas novas. Isto expressa processo de escolha. Brandão vai falar em “vocação de escolhas” e isto implica em escolha de sujeitos, de modos a desenvolver o processo educativo. Nesse sentido o método não precisa necessariamente ser um só, mas pode ser modificados à medida que as escolhas são re-significadas. À medida que as mulheres vão redescobrando a si mesmas e aos outros. Assim,

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender. E mais: é preciso tempo para aprender e para sedimentar informação. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém.¹⁷⁸

¹⁷⁷ NEUENFELDT Elaine, BERGESH Karen e PARLOW Mara (orgs.). Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008, p. 25.

¹⁷⁸ GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo freire, 2008, p. 62.

Neste processo com mulheres em situação de prostituição quando se pensa em um processo pedagógico de construção da própria história é importante verificar em que momentos são feitas e re-feitas escolhas. Tais escolhas partem do cotidiano da vida e das perguntas que aí se estabelece, e assim tal percepção demonstra como estas mulheres aprendem com a própria história.

F) Mulheres desconstruindo, construindo e reconstruindo caminhos

Neste processo as mulheres, desde a proposta pedagógica libertadora, marcada pelo cuidado, mas que é também desde uma perspectiva feminista, possibilita o resgate da história, a visualização das experiências das mulheres em diferentes contextos, permite repensar os métodos tradicionais de propostas pedagógicas além de indicar possibilidades de caminhos.

Neste caminhar o processo de desconstrução de conceitos, desde uma hermenêutica da suspeita, muito marcada pela curiosidade possibilita processos de crítica e também de formação. A desconstrução aponta a um processo de reconstrução aonde o resgate da participação das mulheres é fundamental. Neste processo, uma hermenêutica da reconstrução é, pois uma hermenêutica da memória, ou seja, permite olhar as marcas e sofrimentos do caminho, mas também as lutas, conquistas e libertação. A partir daí, surge à novidade que é processo de construção de uma nova história de mulheres¹⁷⁹.

G) Mulheres com visão de mundo esperançosa

Na proposta pedagógica já se apontava que segundo Freire o pensamento é complexo, ou seja, não basta pensar ingenuamente. Entretanto, tal pensamento é além de crítico esperançoso, pois não se fecha diante das condições históricas que muitas vezes desumanizam. No caso das mulheres em situação de prostituição, perceber esta capacidade de manter a esperança contra toda a desesperança é um sinal e uma pista para verificar que o processo esta se concretizando. Segundo Zitzoski,

¹⁷⁹ NEUENFELDT, G. E. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero Lucas 11, 27-28*. In: STROHER, Marga. *Caminhos hermenêuticos*. São Leopoldo: Cebi, 2008, p. 8-9.

A visão de mundo que reforça o valor do sonho e da utopia numa perspectiva da história como possibilidade é coerente com a forma de pensar a Educação Popular como um caminho para a emancipação dos oprimidos. A denúncia dos fatalismos nos impulsiona para ver a condição humana do mundo segundo outro modo de pensar a existência humana.¹⁸⁰

Reconhecer então mulheres com uma visão de mundo esperançosa, superando a cada dia os desafios presentes na realidade e ainda sim mantendo a esperança é primordial neste processo.

¹⁸⁰ SCHINELO, Edmilson; CHAMORRO, Graciela; ZITKOSKI, José Jaime. *Teologia da libertação e Educação popular*. Raízes e asas. São Leopoldo: Cebi, Ceca, Ippoa, 2010, p. 35.

CONCLUSÃO

No encontro com corpos marcados e com mulheres permeadas de vida e sentido, surpreendo-me ao concluir o presente trabalho. Silêncios e ruídos se misturam. Olhares, toques, cheiros, tudo misturado na grande ciranda pedagógica.

Ciranda pedagógica... Estamos a construir cirandas pedagógicas. E na ciranda corpos se encontram, movimentam-se, ensaiam danças. Na ciranda o processo de conscientização acontece. Na ciranda o Sagrado se faz presente. O Deus do cotidiano, do dia a dia, da luta nossa de cada dia. É na ciranda que as histórias de vida são contadas e recontadas.

Na ciranda processo de transformação social é possível. Nos círculos que envolvem pessoas e aqui concretamente, mulheres, a vida recria seu pulsar.

Ao concluir o presente trabalho fica evidente que o processo de contar e recontar as próprias histórias de vida, realizada através da pesquisa de campo, possibilitou às mulheres rever seus caminhos, mas possibilitou primordialmente e rever o agir pedagógico junto das mulheres. Os relatos, os gestos, os silêncios, o choro, o sorriso possibilitaram um aproximar da realidade e a partir daí fazer uma “leitura de mundo”, uma leitura da realidade e conseqüentemente uma análise da mesma.

Este aproximar da realidade das mulheres, escutando suas histórias de vida, possibilitou rever o agir pedagógico, reconhecer limites, avaliar e retomar o processo pedagógico como espaço de saber e troca. Não há processo pedagógico que se realiza de um lado só. Ambas as partes crescem, pois, no diálogo que estabelecem entre si, constroem pontes.

Construção de pontes: eis a metáfora ao final deste trabalho. Ciranda pedagógica: eis o movimento deste construir e reconstruir.

O cuidado, a dimensão da espiritualidade é neste processo chave primordial. A dança desta ciranda se entrelaça com movimentos do Sagrado. É o próprio Deus que toca esta realidade. É o próprio Deus que, descendo, se encarna e, se encarnando, dança, provocando processos pedagógicos, provocando transformações necessárias.

Conclui-se então que esta proposta pedagógica de trabalho com as mulheres é viável. Ela pode provocar processos de transformação social, pois, partindo da realidade concreta das mulheres e de suas histórias de vida, impulsiona processos de conscientização. Mas, ela é ainda um espaço integrador, pois une ação transformadora à relação com o Sagrado: aqui fé e vida se encontram. Aliás, é justamente esta dimensão que dá sentido a todo agir pedagógico.

O processo educativo é um caminho a se fazer, o qual exige de cada pessoa paciência e persistência, pois é laborioso e constantemente transformador.

Lembro-me da fala de uma mulher que se colocou neste caminho de transformação. Dentre as atividades desenvolvidas no projeto social, da qual ela participava, foi-lhe pedido confeccionar um porta-jóias feito com palitos de picolé. Enquanto se confeccionava o objeto cada pessoa envolvida na atividade foi motivada a partilhar quais seriam as jóias de sua vida e quais jóias gostariam ainda de conquistar: “cavar túneis”, foi a resposta da mulher. Como assim cavar túneis? “Vocês estão me ajudando a cavar o túnel, é difícil, mas eu vou cavar até chegar à mina, hoje eu me considero cidadã e eu vou chegar lá” (sic). Espanto-me e ao mesmo tempo penso no processo pedagógico, educativo, o qual todo ser humano é chamado a fazer e sobre o qual o presente trabalho quis refletir.

Cavar túneis, que bela analogia para expressar o movimento de quem entra em si buscando respostas, buscando sentidos... Consulto o dicionário e encontro a palavra cavar entendida como “revolver (a terra) ou nela produzir cavidade, depressão ou buraco, com instrumento apropriado; abrir, extrair ou retirar por meio de escavação, favorecer o surgimento de rugas em..., buscar com afinco; investigar, lutar para.” Não seria este o processo educativo pelo qual as pessoas deveriam passar? Cavar túneis, revolver a terra, adubá-la, produzir cavidade, depressão... Mas com instrumentos apropriados. Que instrumentos temos usado no processo educativo das pessoas? Que ferramentas temos nas mãos? Nossas escolas, nossos projetos sociais, nossas igrejas, enfim a sociedade, o estado tem ajudado as pessoas a cavar túneis? São perguntas que me vêm.

Mas para que cavar túneis? Com que finalidade? Para chegar à mina, é a resposta daquela mulher. Penso, entretanto, que este processo é longo... É preciso “buscar com afinco, investigar, lutar” diariamente, continuamente. O processo de escavação pede paciência, atenção, cuidado. O lapidar educativo é processual e possibilita no “*entre-tempo*” da escavação um conhecimento de si mesmo e de outros que também estão a lapidar.

Volto então ao dicionário. Desta vez quero saber o que ele me diz da palavra túnel. O que significa? “Passagem subterrânea, galeria subterrânea de seção ampla que se comunica com algum lugar ou liga duas seções de uma estrada, via férrea, rua, etc.”. Passagem que se comunica com algum lugar ou liga duas seções... Cavar túneis...revolver a terra...lapidar... Fazer a passagem, ligando, inter-ligando estradas.

Mais uma vez me pergunto se os processos educativos nos quais nos inserimos têm provocado as pessoas, crianças, jovens, adultos a fazer a passagem, cavando túneis, revolvendo terras, lapidando solos. Os conteúdos ajudam a ligar estradas? As ferramentas possibilitam abrir caminhos?

É certo que “cavar túneis” não é tarefa simples ou fácil. Acredito que também educadoras e educadores deverão fazê-lo... Afinal de contas no processo de aprendizagem todas/os somos convocados a fazer esta passagem, a ligar estradas. Mesmo que para isto tenhamos que enfrentar o frio ou as noites escuras que os túneis possam vir a nos apresentar.

De acordo com a fé cristã, “cavar túneis”, ou vivenciar um processo educativo seria nada mais, poderíamos dizer, do que vivenciar a Páscoa, fazer a passagem... O seguimento em si é um caminho de aprendizagem, aonde diariamente a discípula, o discípulo vai lapidando, auscultando, latejando o solo firme e inflexível para que então se possa vislumbrar a pérola preciosa. Jesus, além de também ter feito este processo, ensinou aquelas mulheres e homens a “cavar túneis”. No encontro com a Samaritana, Ihe encorajou a olhar o poço, seu próprio poço, mesmo que parecesse fundo de mais, àquele homem que há 38 anos estava à beira da piscina o animou a ficar de pé e assim caminhar com as próprias pernas, à multidão fez partir e re-partir

os pães e os ensinou a se organizar em pequenos grupos... Enfim, ensinou aos seus a “cavar túneis”.

É certo, entretanto, que chegar à Páscoa, conforme nos relatam os textos bíblicos, supõe passar pelo Sábado de Aleluia. Antes do domingo da ressurreição nos deparamos com o vazio, o sem resposta e sem sentido. Talvez a educação tenha que se deparar com os vazios que se lhe apresentam e daí aprender a silenciar, para assim escutar os suspiros e gemidos que brotam, ou talvez tenhamos simplesmente que fazer como Maria Madalena: ir ao túmulo, bem de madrugada, quando ainda está escuro, inclinar-se e olhar para dentro... Inclinar-se... Cavar túneis... Passar pelo vazio do sábado de aleluia, para assim chegar á Páscoa.

Oxalá, nossas escolas, igrejas, projetos sociais e principalmente nós mesmos e mesmas possamos fazer tal processo educativo. Oxalá nossas filhas, filhos, alunas, alunos, mulheres e homens possam aprender a “cavar túneis”, para que assim possamos, pouco a pouco, chegar à mina, ao tesouro escondido.

Termino este trabalho que se torna, na grande ciranda pedagógica, uma das minhas tentativas de rascunhar cartas pedagógicas:

Estou a cavar túneis

Enquanto busco sentidos

Cavando túneis diariamente

Buscando minas insistentemente...

Estou a cavar túneis

Lapidando pedras

Rompendo solos

Tocando raízes

Estremecendo cascalhos

Difícil arte de cavar
Longo processo
Contínuo e preciso
O movimento de revirar

Cavando túneis diariamente

Buscando à mina chegar

Túneis a cavar

Até encontrar...

Descendo túnel

Na escuridão

Ou no clarão

Descendo...

Lapidando

Até o chão!

Difícil é cavar

Preciso, porém,

Àquel@ que ousar.

Fernanda Priscila Alves da Silva.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ANDRADE, Sérgio; SINNER, Rudolf (org.). *Diaconia no contexto nordestino: desafios- reflexões –praxis*. São Leopoldo, 2003.
- AQUINO, P.M. *Nosso clamor pela vida: Teologia Latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- ASSMANN, Hugo; SUNG, M.Jung. *Competência e sensibilidade solidária: Educar para a esperança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- ASSMANN, Hugo. *Curiosidade e prazer de aprender: o papel da curiosidade na aprendizagem criativa*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ASSUMPÇÃO, Raiane. (org.). *Educação Popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlo Alberto Medeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BERNARDO, Terezinha; REZENDE, A. Paulo (org.). *Ciências sociais: na atualidade: realidades e imaginários*. São Paulo: Paulus, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes. 14^a-ed, 2008.
- BOFF, Leonardo. *Princípio de compaixão e cuidado*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRANDÃO, Rodrigues Carlos (Org.). *De angicos a ausentes: 40 anos de educação popular*.
- BRANDÃO, Rodrigues Carlos; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CEBALLOS, M.Rita. *Agar, uma experiência de Dios liberadora*. Santo Domingo: Ediciones MSC, 2007.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2 ed, 1999.

Documento de Aparecida: *Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. *Um olhar a respeito da prostituição*. Salvador, 2008.

DREHER, S.S. *Costurando saberes e experiências de mulheres: uma perspectiva histórico-teológica*. São Leopoldo: Cebi, 2009.

Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião. Organizado por: Elaine Neuenfeldt, Karen Bergesh e Mara Parlow – São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

ESCLARÍN, Pérez Antonio. *Educar para humanizar*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FELIX, Isabel Aparecida (org.). *Teologias com sabor de mangostão: Ensaio em homenagem a Lieve Troch*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. São Paulo: Global Editora, 2008.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 13ª-ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. Organização e nota de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13ª-ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 2006.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 12.ed. São Paulo: Paz e terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné Bissau: registros de uma experiência em processo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d' água

FREITAS, C.M. (ORG.). *Teologia e Sociedade: relevância e funções*. In: LIBÂNIO, J.B. *Teologia no limiar do século XXI: relevância e função da soter*. São Paulo: PAULINAS, 2006.

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos A.(orgs). *Educação Popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez, 1994.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: Introdução à pedagogia do conflito*. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Práxis*. Cortez: Instituto Paulo Freire: São Paulo, 1995.

GADOTTI, Moacir. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. Publisher: São Paulo, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Educação integral no Brasil: inovações em processo*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, Moacir. *Educar para um outro mundo possível*. São Paulo: Publisher, 2007.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido*. São Paulo: São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Educar para sustentabilidade*. São Paulo, Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Fórum Social Mundial em processo*. São Paulo, Publisher, 2010.

GADOTTI, Moacir. *Fórum Mundial de Educação: Pro-posições para um outro mundo possível*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos: São Paulo: Paulus, 2001.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1997.

GÓMEZ, R.A. *Caída, Miserables, Degenerada*: Estudio sobre la prostitución em El siglo XIX. Madrid: Horas, 1994.

HOCH, C. Lothar; ROCCA, M. Susana. (Orgs). *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/ EST, 2007.

KAYSER, Arno; GEBARA, Ivone. *Teologia da libertação e Educação popular*. Terra Eco-sagrado. São Leopoldo: CEBI, 2008.

LAMPERT, Ernani (org.). *Pós- Modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT. 2.ed. rev. e atual. Organizado por Gisela I.W. Streck, Núbia M. Laux- São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

MEDEIROS, P. R. *Hablan las putas: sobre practicas sexuales, preservativos y SIDA en el mundo de prostitución*. Barcelona: Virus crônica, 2002.

MENEGHEL, N.S (org.). *Rotas críticas II: ferramentas para trabalhar com a violência de gênero*. Santa Cruz do sul: EDUCNISC, 2009.

MINAYO, S.C.M. (org.). 26.ed. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petropolis, Vozes, 2007.

MOSER, A. *O Enigma da esfinge: A sexualidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

NEUENFELDT Elaine, BERGESH Karen e PARLOW Mara (orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

NEUENFELDT, G. E. *Nossos caminhos e nossas opções metodológicas: ensaios de leitura bíblica popular, feminista e de gênero Lucas 11, 27-28*. In: STROHER, Marga. *Caminhos hermenêuticos*. São Leopoldo: Cebi, 2008.

NODDINGS, Nel. *Uma abordagem feminina à ética e à educação moral*. Tradução de Magda Lopes. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

OBRA SOCIAL DAS IRMÃS OBLATAS DO SANTÍSSIMO REDENTOR. *Quem levou o meu ser?* Mulheres de rua. Lisboa: 2005.

OROFINO, Francisco. *Um ensinamento novo transmitido com autoridade: A ética pedagógica de Jesus*. Estudos Bíblicos 77.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Traduzido por Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petropolis: Vozes, 2007.

Pesquisa em Trafico de Pessoas. Trafico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados(as) e não admitidos(as) que regressam ao Brasil via o aeroporto internacional de São Paulo. Brasília, fevereiro de 2007.

PLETSCH, Rosane. Violência e prostituição feminina. In: GAEDE NETO, Rodolfo, PLETSCH, Rosane, WEGNER, Uwe. *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo : Sinodal, CEBI, 2004.

PREISWERK, Matthias. *Educación Popular y teología de la liberación*. 1ª-ed. CR:DEI, SanJosé, Costa Rica, 1994.

POULIN, Richard. *Quinze teses sobre o capitalismo e o sistema mundial da prostituição*. p. 41-43. In: Cadernos Sempre Viva. Desafios do livre mercado para o feminismo. SOF:São Paulo, 2005.

POLETTI, Rosette; DOBBS, Barbara. *A resiliência: a arte de dar a volta por cima*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROBERTS, Nickie. Tradução de Magda Lopes. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos tempos, 1998.

REIMER, R. Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: Teologia Bíblica e Feminista*. São Paulo, 2005.

REIMER, Richter Ivoni. *O belo, as feras e o novo tempo*. Petropolis: Vozes, 2000.

RUETHER, R.R. (org.). *Mulheres curando a terra: mulheres do terceiro mundo na ecologia, no feminismo e na religião*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SANTOS, N.H. Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: Contribuições a partir da América Latina e Caribe. São Paulo: ASTE; São Leopoldo, RS: CETELA,2008. In: BALTODOMO, S. Rostos empobrecidos. p.195-206.

SANTOS, Souza Boaventura. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SELLA, Adriano. *Globalização neoliberal e exclusão social*. São Paulo: Paulus, 2002.

STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

STRECK, R. Danilo. *Correntes pedagógicas: uma abordagem interdisciplinar*. Petropolis: Vozes; Rio Grande do Sul: Celadec, 2005.

STROHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, Cebi, 2004.

- SUNG, Mo Jung. *Educar para reencantar a vida*. 2.ed. Petropolis: Vozes, 2007.
- SUSIN, C.L (org.). *Teologia para um outro mundo possível*. In: DEIFELI, Wanda. Contexto social, imagens linguagem e imagens de Deus. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SUSIN, C.L (org.). *Teologia para um outro mundo possível*. In: BOFF, Leonardo. Duas utopias urgentes para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SCHIPANI, S.D. *O caminho da sabedoria no aconselhamento pastoral*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- SCHINELO, Edimilson (org.). *Bíblia e educação popular: encontros de solidariedade e diálogo*. São Leopoldo: CEBI, 2005.
- SCHINELO, Edimilson; LESBAUPIN, Ivo; MELLO, Marco. *Teologia da libertação e Educação Popular: horizontes ainda que seja noite*. São Leopoldo, CEBI, 2008.
- SCHINELO, Edmilson; CHAMORRO, Graciela; ZITKOSKI, José Jaime. *Teologia da libertação e Educação popular: Raízes e asas*. São Leopoldo: CEBI, Ceca, Ippoa, 2010.
- TEIXEIRA, Marilena; MUSSKOPF, André Sidnei. *Gênero e mercado de trabalho: a divisão social e sexual do trabalho. Coletânea de trabalhos: Pastoral da Mulher de Juazeiro: Uma caminhada solidária com a mulher em situação de prostituição*, Juazeiro, 2006.
- TORRES, Fernando; TEIXEIRA, Faustino; EGGERT, Edla; SAMPAIO, A. Plínio. *Teologia da libertação e educação popular a caminho*. São Leopoldo: CEBI, 2006.
- TOURRAINE, Alain. *Pensar outramente: o discurso interpretativo dominante*. Petropolis: Vozes, 2009.
- TROCH, Lieve (org.). *Passos com paixão*. Tradução de Monika Ottermann. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007.

Internet

Adital. Tráfico infantil para fins sexuais é associado a altas densidades populacionais. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp>. Acesso em 17 de junho. 2009.

Adital. Tráfico infantil para fins sexuais é associado a altas densidades populacionais. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp>. Acesso em 17 de junho. 2009.

Adital. Análise de Conjuntura fev. 2010. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia>. Acesso em 25 de fev. 2010.

BOFF, Leonardo. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp.html>. Acesso em: 12 abril. 2009.

OLIVEIRA, R.A. Pedro. Análise de Conjuntura 2009, Assembléia Geral. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia>. Acesso em 23 de abril. 2009.

Revista

ROSSETI, Carla. *Degradação e violência no tráfico de mulheres. Caros Amigos*, São Paulo, ano 13, n. 147, p.12-15, 2009.

ANEXOS

Anexo 1: Ficha de entrevista feita com as mulheres.

Nome da mulher: _____

Local: _____

Data: _____

Idade: _____

Filhos: _____

Contatos com família: _____

Atividades que exerce hoje: _____

Tempo que ficou/ ou está na prostituição: _____

Desafios encontrados nesta realidade: _____

Perdas: _____

Violência sofrida: _____

Sonhos: _____

Conhece o projeto? Há quanto tempo? _____

O que acha do projeto? _____

O que gostaria de melhorar no projeto? _____

O que não gosta no projeto? _____

Relação com as outras mulheres: _____

Como se vê? _____

Drogadição: _____

Aprendizados: _____

Relação com Deus: _____

Situação limite: _____

Motivações para a vida: _____

Anexo 2

EST/ MESTRADO PROFISSIONALIZANTE/PRÁTICAS SOCIAIS E CUIDADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social.

Pesquisadora: Fernanda Priscila Alves da Silva

Orientador: Rodolfo Gaede

Cidadã participante...

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como finalidade verificar a possibilidade de cuidado junto a mulheres em contexto de prostituição, na perspectiva da transformação social e que participam dos projetos sociais dos quais o Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor se responsabiliza. Participarão deste estudo mulheres atendidas e agentes pastorais, aproximadamente 30 mulheres e 15 agentes pastorais.

Ao participar desta pesquisa você permitirá que a pesquisadora Fernanda Priscila faça-lhe algumas perguntas referentes à sua participação no projeto. No entanto, você tem a liberdade de se recusar a participar sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser pedir informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora deste projeto poderá fazê-lo pelo telefone que se encontra abaixo ou então, se necessário, através do Comitê de ética em Pesquisa.

As perguntas escolhidas neste estudo serão realizadas através de questionário, individualmente, e serão respondidas por escrito, aplicada e respondida de forma oral, para aquelas impossibilitadas de responder por escrito.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos critérios da ética em Pesquisa com seres humanos conforme resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua moral.

Todas as informações colhidas nesta pesquisa servirão de base para a realização do estudo proposto. O seu nome não será divulgado, apenas a pesquisadora e o orientador terão conhecimento.

Ao participar desta pesquisa você não terá despesa bem como nada lhe será pago por sua participação. Mas estará ajudando num estudo importante para avaliação de como vem se dando o trabalho desenvolvido pelo projeto.

Após estes esclarecimentos solicitamos sua permissão de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

TELEFONES

Pesquisadora: Fernanda Priscila Alves da Silva- (71) 33283610

Orientador: Professor Rodolfo Gaede (51) 21111400

Nome e telefone de um membro da Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa: Walmor Ari Kanitz – (51) 2111 1455

Anexo 3

Carta de Fernando Vahillo ao Governo de Madri

VAHILLO, F. de. *La prostitución y lãs casa de juego*. Madri, 1972. Impr. De Tomás Rey, D. Martín, 4 (folheto de 90 pp.)

Exmo. Sr. Ministro do Governo.

Exmo Sr.:

Nem bem se entronizou no poder o governo dos radicais, de que V.E. é digno presidente, e os jornais anunciam ter-se iniciado uma campanha contra a prostituição e as casas de jogo.

(...) Numa sociedade de indolentes e folgazões; numa população de parasitas, em que todos, grandes e pequenos, se entregam aos braços do vício devido ao afã de ostentar mais do que se tem, pela sede de figurar mais do que se pode, por querer gastar mais do que se ganha, tendo-se forçosamente como resultado de tão pernicioso sistema o devorar os poucos que trabalham... Numa sociedade assim constituída será possível moralizar por meio da lei? E onde está a lei que previne esses casos? Têm as autoridades força, ascendência, crédito moral para reprimir por um lado o que por outro fomentam direta ou indiretamente?

(...) Numa das capitais de menor população da Europa, vagam pelas ruas, no seio do vício, ou melhor, da desgraça, doze mil criaturas destinadas a ser mães, a ser esposas, a ser úteis à sociedade, e não passam de desditosos seres, escarnecidos e desonrados até pelos mesmos que as fizeram submergir no abismo de sua desonra.

Doze mil jovens belas, cheias de graça, dotadas de encantos, não se entregam voluntariamente aos braços do vício pelo simples prazer de se desonrar. Não se compreende que lutaram com os horrores da miséria, sofreram a ameaça da fome,

padeceram os tormentos de escassez e, depois de derramar lágrimas de sangue, secos os olhos e confrangido o coração, venderam o corpo aos déspotas que, mais tarde, vão repreendê-las acerbadamente, apregoando hipócrita e desumanamente seu castigo e até seu extermínio.

E os senhores, homens de governo que as perseguem, homens de todos os níveis, de todas as opiniões, de todas as esferas; os senhores, os que são pelos senhores chamados de honrados; os senhores que anatematizam, que fizeram, que fazem, que pensam em fazer para apartar essas infelizes criaturas do abismo em que os senhores as vêem rodopiar diariamente com o maior sangue frio?

Que fazem quando lhes é apresentada uma família perecendo de necessidade, sem trabalho, sem apoio, sem recursos para atender à sua existência?

Que fizeram para salvar da prostituição tantos milhares de jovens desgraçadas? Criaram oficina onde as jovens possam ganhar o sustento, possam cuidar de uma mãe enferma, a um pai velho, a irmãos pequeninos?

Que sociedades protetoras da inocência criaram, que atos beneméritos podem ostentar, que medidas tomaram para evitar a prostituição, para afastar de tão funesta senda as desditosas criaturas de que ousam escarnecer, que se atrevem a perseguir?

Podem os senhores citar um asilo em que a criada sem colocação, a órfã sem amparo, a viúva sem renda, a menina sem experiência, tenham sido recolhidas, tenham podido resistir aos agrados de sedução? E se nada disso os senhores fizeram..., com que direito se lamentam do que puderam corrigir? Em nome de que ousam perseguir aquilo que os senhores mesmos puseram fora do alcance de suas atribuições?

Num país sem indústria, sem comércio, sem agricultura, sem condições de vida, espoliado pelos grandes proprietários que vão ao estrangeiro consumir sua abundante renda, esgotado pela política, desgastado por discórdias internas, desgovernado por administradores ineptos, rotineiro por sistema, insolente por excelência e caro por acréscimo, que faz, a que se dedica uma mulher jovem que precise manter-se e ajudar sua

família, se todas as portas lhe são fechadas, se todos os recursos se esgotam e o único meio que resta é prostituir-se para escapar a uma morte certa?

A sociedade sabe tudo isso, vê, apalpa, percebe e dá de ombros ao mesmo tempo em que não manifesta, mas quando o mal tem remédio, quando a desgraça se apresenta em público, no charco do vício, a sociedade trina, os homens vociferam, as mulheres se espantam e as autoridades... moralizam.

(...) Digam-nos as autoridades de Madri, dos filantropos desta terra, que precauções se tomam para evitar que as jovens sem trabalho, sem colocação e sem apoio vão engrossar o número das infelizes vítimas de sua adversa estrela, toda vez que, quando falta o pão e sobram os sedutores, ninguém se condena voluntariamente a morrer de fome em meio a terríveis e dolorosos sofrimentos.

(...) Se os assusta o número dessas belezas noturnas que, ao que parece, os escandalizam, reprimam-nas por meios legais dignos da cultura dos povos; mas não recorram à lei, não se recordem das leis, não façam uso da força; introduzam a moral no seio das famílias; criem costumes que possam contrapor-se aos efeitos do vício, da fome, dos sofrimentos; proporcionem trabalho e preços baixos nas coisas necessárias à vida e, quando tiverem compilado um código de sãos costumes, quando sobrar trabalho e faltarem operárias, quando tiverem a certeza de que só folgazões e os viciosos carecem do necessário, os senhores terão o direito de reprimir com mão forte o vício e a libertinagem, porque os costumes terão criado leis paternais que agora nos faltam; a força será então impotente ou será escrava da razão, como a razão o é agora da força; os costumes ter-se-ão sobreposto às leis, porque leis sobram em todos os países, mesmo nos mais escassos em legisladores: o que faltam são costumes, costumes, costumes!!!

Anexo de Entrevistas

Mulher 1

Nome fictício para pesquisa: Patrícia

Local: Salvador- BA

Data: 27/04/2009

Idade: 49 anos

Filhos: 6

Cidade de Origem: Rio de Janeiro

Contatos com família: “Olha, eu...tem muitos anos, tem 9 anos que eu estou em Salvador, eu nunca mais vi ninguém da minha família. Há seis meses atrás minha irmã esteve aqui. Meu cunhado veio fazer um trabalho da Petrobrás, que ele é da Petrobrás e ai eu tive com minha irmã, mas a minha filha mais velha conversa muito com os meus pais...meus pais foi para o Paraná agora. Eu nunca mais conversei. Conversei uma vez no Natal e só. Mantenho um elo, mas na medida do possível eles sabem que tô bem.”

Atividades que exerce hoje: “Tem pessoas que acha que batalhar é ficar na praça... eu faço minhas coisas escondido, não precisa ninguém saber. Saio para outros lugares, tenho os meu coroa que eu vou em outros lugares ...pra todo mundo eu sou só a hippie e nada mais...”

Interesse em outra atividade: cabeleireira

Tempo que ficou na prostituição ou está na prostituição: “é muito tempo... mais de 20 anos...”

“Rapaz, eu trabalhei muito em... eu trabalhei em escritório, eu trabalhei na TV Globo, eu trabalhei em banco... só que na época, eu sempre fui muito rebelde e assim, eu trabalhava, eu tinha um trabalho, se eu sabia mais que todo mundo eu não admitia que a pessoa que soubesse menos que eu mandasse em mim. Então se eu sabia mais, então o chefe tinha que ser eu e não o outro que sabia menos que eu. Então eu sempre pedia demissão dos trabalhos porque eu não admitia que alguém que sabia menos do que eu mandar em mim. Entendeu? uma pessoa que não sabia o trabalho que eu sabia. Eu sempre pedia demissão dos trabalhos ta entendendo? E eu pedia demissão, mas sempre paguei aluguel, morava sozinha, tinha o meu filho que morava com minha mãe na época, meu primeiro filho, minha família não me deu apoio, é tudo cristã, ficou com o menino, mas não me dava apoio em nada e eu fiquei sozinha. Ai foi a época que eu arrumei o primeiro coroa, começou me ajudar,

arrumou casa pra mim, tudo entendeu? E foi assim...Quando eu ficava desempregada eu já sabia que podia arrumar um coroa que eu tinha dinheiro”

Desafios: “Desafios? Pra mim desafio... Pior coisa do mundo é você ir pra cama com um homem que você não suporta que você nunca viu na vida. Entendeu? Só bêbada ou drogada porque de cara não vai não.”

Perdas: “É mais perda do que ganho... porque você, acho que não esquece isso a vida toda. Entendeu? É um trauma, pelo menos pra mim. Tem pessoas que já está acostumada, mas pra mim cada vez que eu tenho que sair com um homem que eu não sinto nada por ele, só por dinheiro, para mim é um trauma.”

Ganhos: (não quis relatar)

Violência: “Violência psicológica, eu vou lhe matar, sua prostituta, sua vagabunda, ta entendendo, no meio da rua, na frente de todo mundo... violência psicológica... assim, são terríveis. Agora esse negócio de sair com as pessoas... eu procuro sair com gente bem velha...”

Sonhos: “Meu maior sonho é ter minha casa própria e ser cabeleireira, eu sempre quis ser cabeleireira e nunca tive condições de pagar um curso, eu mesmo tranço...”

Medos: “Medo de ficar velha, problema na coluna que eu sinto muita dor na coluna, problema de artrose que eu tenho e dói demais.”

Conhece o projeto: Há 5 meses, conheceu através de outra mulher.

O que acha do projeto: “eu adoro, todo dia eu já espero dar 13:30 hs pra vir pra cá...eu gosto, me sinto bem aqui...”

O que gostaria de melhorar no projeto? : “Gostaria que aqui tivesse computador e talvez também uma academia pra gente malhar...”

Não gosta no projeto: “tudo eu gosto, só não gosto quando começa aquela bagunça, todo mundo falando e ninguém presta atenção em nada, a falta de respeito de certas pessoas que vem aqui e não respeitam. Chega aqui e fica dando risadinha, olhando uma pra cara da outra... mas fora disso eu gosto de tudo.”

Relação com as outras mulheres: “Ótima, todo mundo gosta de mim ai na Praça, meu ouvido ai vira penico (DÁ RISADAS), eu sou a psicóloga da Praça”

Como se vê: “Eu sou pessoa independente, livre, trabalhadeira, esforçada né, quero sempre ter alguma coisa na vida, mas também sou muito triste entendeu? Sou cheia de problemas como todo mundo... e sou solitária, gosto muito de mandar, é por isso que eu quero ter o meu salão, ser a dona, porque eu gosto de mandar entendeu? Eu me acho uma pessoa ótima, honesta, não gosto de nada que é de ninguém, nunca

tirei nada de ninguém, nunca fui presa, nunca tive problema com a justiça entendeu? Mas sou uma pessoa também quando eu quero meio ruizinha, levo as pessoas de boa, mas quando começa querer atravessar meu caminho eu corto o mal pela raiz. Eu gosto de quem gosta de mim, entendeu? Eu me acho uma pessoa ótima.”

Drogadição: “Já e faço de vez em quando também, quando eu to com muita raiva de mim mesma eu uso e depois me arrependo, choro e vou pra igreja pedir perdão a Deus ou pelo menos eu tenho essa consciência...é mas eu vou pedir a Deus que me perdoe porque chega uma hora de fraqueza e tem hora que não é brincadeira viu...isso é um problema sério minha filha”

Relação com Deus: “Deus pra mim, é como eu perguntei... ninguém sabe explicar Deus, Deus é inexplicável. Deus pra mim é o que eu imagino natureza, mundo, porque eu tenho mais a coisa é com Jesus. Jesus a gente explica. Deus ninguém explica. Jesus... tem uma história de Jesus, entendeu? Que ele nasceu de alguém. Agora Deus ninguém explica, entendeu? Então, eu sou muito assim temente a esse Deus imaginário pra todo mundo e eu acredito que seja uma coisa muito boa. Entendeu? Gosto de ir a igreja, gosto de cantar os louvores, entendeu? Procuo não fazer nada de errado. Quando eu faço alguma coisa errada eu me arrependo e peço perdão entendeu? Porque eu não gosto....não maltrato ninguém, não gosto de ofender as pessoas né? De vez em quando eu uso droga, que eu me sinto mal, muito mal ...e eu acho que é isso que não me levou a ser uma drogada, nem uma alcoólatra, porque tudo o que eu faço que me faz mal...eu parei de fumar, eu fumei durante 20 anos. Da noite pro dia eu parei, tava me fazendo mal, acabou com minha voz, ta entendendo? Teve um dia que eu falei, eu não fumo mais e não fumei mais. Eu sou uma pessoa que eu sou poderosa comigo mesma, quando eu digo, eu não quero, eu não quero, ta entendendo?Eu tenho vontade própria, então quando eu quero uma coisa eu vou em frente.”

Situação limite: “Limite assim... que eu me traumatizei... foi até hoje quando eu saí de minha casa, porque minha mãe ela nunca gostou muito de mim, ela sempre gostou mais de minha irmã e meu pai sempre gostou muito de mim... para meu pai eu era muito linda, eu era muito inteligente, com quatro anos eu já sabia ler e escrever e minha irmã sempre foi a... com onze anos de idade ela não sabia ler direito, repetiu a terceira, quarta série três ou quatro vezes, eu terminei o segundo grau com quinze anos ta entendendo? Não pude fazer uma faculdade porque minha mãe não deixou. Eu queria ser psicóloga e ela queria que eu fosse professora, meu pai queria que eu fosse dentista. Todo mundo queria que eu fosse uma coisa que eu não queria ser. Ai foi uma vez que sumiu um dinheiro dentro de casa, eu tinha um gravador, porque eu pedi meu pai quando eu tinha 15 anos que me comprasse um gravador e minha mãe me humilhava muito e meu pai não acreditava, não acreditava e ele não podia brigar com ela como ele me falou. Então ele me deu um gravador, eu gravei tudo que ela fazia comigo. Mas sumiu esse dinheiro e ela me

acusou que eu tinha roubado, ela me bateu, mas depois ela achou o dinheiro. Não pediu perdão, nem nada. Eu gravei e mostrei a meu pai ele me disse: eu não posso me separar de sua mãe, você tá preparada pro mundo, eu não, nem ela... e eles estão até juntos. Então eu saí de casa e fui viver minha vida. Eu tinha 17 anos...Tá entendendo? Eu já tinha meu primeiro filho que eles me tomaram...não com 18...minto....eu saí de casa com 17, engravidei com 18. Quando ela soube que eu estava grávida ela foi atrás de mim pra pedir o filho, que era o primeiro neto né...ai chegou a criar mesmo...e agora ele tá com 31, vai fazer agora em maio. Ele tá na França agora e ele é gay. O maior castigo pra eles, sabe porque?Porque ela fez tudo para meu filho ter raiva de mim, até os 11 anos ele tinha muita raiva de mim. Hoje ele me ama loucamente. Ele é um homem lindo. Só que eu dizia a ela: tudo o que você tá fazendo...ele vai virar veado, eu falava assim ele vai ser gay, porque eu sou mãe, ele nasceu de mim e eu via nele que ele não ia ser homem, as atitudes dele, o jeito dele, não era de um menino, tá entendendo? Ele é meu filho, eu amo ele, tanto que todo mundo discriminou ele, eu não e agora ele se sustenta, é inteligentíssimo. É um homem maravilhoso, minha filha direto conversa com ele, a mais velha, que eles são muito amigos, então o que acontece? Ele realmente se tornou um gay. E eu disse a ela: eu disse a senhora que ele ia ser um gay. Agora se ele tivesse sido criado comigo ele não seria gay. Tá entendendo? A senhora tentou colocar ele de uma maneira, só que ele gosta de mim... Só que ela transformou meu filho numa coisa que eu não queria que ele fosse. Ele é lindo, meu filho é lindo. Ele tem quase 1,90. Meu filho é a coisa mais linda, poderia ser um homem né cara, ter altas mulheres, viagens pra outros países, mas fazer o quê?Então minha pior revolta que eu tive na minha vida foi essa, porque minha mãe me acusou de ser ladra, me espancou, me bateu, e mesmo depois que ela descobriu onde estava o dinheiro ela não pediu perdão até hoje. Entendeu? Acho que ela devia ter me pedido perdão, porque o que ela fez é muito grave. Tá entendendo? Apanhei por uma coisa que não tinha sido eu. E mesmo eu mostrando para meu pai o que aconteceu ele não pôde largar ela. Ele continua com ela entendeu?Ai eu fui seguir minha vida até hoje.”

Motivações: “O que me motiva é ter alguma coisa na vida pra provar pra todo mundo da minha família que eu sou capaz. Eu ainda sou capaz de ter alguma coisa na minha vida, tá entendendo? Porque minha mãe sempre diz que eu nunca vou ter nada na vida: você nunca vai ter nada na vida, e sua irmã teve agora ela teve porque casou com meu primo que tem, porque ela não faz nada, ela não trabalha, ela não estudou, ela não conseguiu se formar, ela tem grana e um carro na porta e não aprendeu a dirigir. A moto na porta e ela não aprendeu a pilotar, porque ela não é capaz de fazer nada. Ela vive as custas dele. E eu sou capaz de tudo, eu sou capaz. Entendeu? Então ela acha que ter dinheiro é ser capaz e eu não acho. Eu digo: você seria capaz se esse dinheiro tivesse vindo do seu esforço, mas é do homem que vem.Se ele morrer só vai viver da pensão dele, que nem um carro ela

sabe dirigir. Ta entendendo? Porque não é possível, você com um carro a tantos anos e não ter a capacidade de nem aprender a dirigir ta entendendo? Então eu quero provar pra mim mesma e pra todo mundo que eu ainda vou ter alguma coisa na vida...”

Mulher 2

Nome fictício para pesquisa: Lêda

Local: Salvador- BA

Data: 06/05/2009

Idade: 46 anos

Natural: Sergipe

Filhos: tem um filho, mas não sabe a idade do filho.

“Tem um... Você acredita que eu não sei o nome do meu filho? Eu tive ele com 16 anos né... já tive contato com meu filho, ele já veio aqui duas vezes... eu sinto falta, mas nem tanto porque eu não criei ele e Le não acostuma comigo mais, mas toda mãe sente falta de seu filho

Contatos com família: Não tanto.

Atividades que exerce hoje: Já cuidou de pessoas idosas.

Tempo que está na prostituição: 19 anos, sempre em Salvador.

“Quando eu cheguei aqui, eu não tenho parente nenhum, fui trabalhar em Brotas em casa de família, mas como a mulher não me pagava ai eu vim conhecer a feira da sete portas, porque tinha uma vizinha que sempre me chamava ai eu cheguei assim e disse: e é uma casa que tem sete portas? Ai ela disse: é vamos lá. Ai quando cheguei na feira, a feira era muito boa, logo que eu cheguei aqui, ai fiquei gostando de um feirante lá, ai eu engravidei dele, e tenho um filho aqui em salvador que eu não conheço. Esse filho não ficou com esse homem, como eu não tinha lugar pra morar, não tinha casa pra morar, ai quando eu sai da maternidade com três dias de alta, ai com três dias eu tive alta, ai eu dei uma mulher que tava lá...eu já tinha os meus 21 anos, eu não lembro.”

Desafios: “Na batalha? Dificuldades da batalha é que quando eu fui transar eu achei muito estranho, porque eu era, sou casada no civil no interior, separada, a minha maior dificuldade foi quando o homem mandou eu fazer sexo sem camisinha, sexo

oral sem camisinha...agora eu nunca gostei de fazer sexo anal, é eu não fazia sexo anal até hoje eu não faço, eu não faço, eu não gosto.”

Perdas: “Foi perda, porque a vida da prostituição não tem nada pra oferecer. A gente só faz envelhecer, se acabar, entendeu? Só estragar o corpo, porque estraga muito o corpo da mulher, porque tem vários tipos de pênis, é fino, é grosso, né? E também estraga doença, eu mesmo tive uma doença chamada codiloma, por isso que eu tirei meu útero, meus ovários, fiz tratamento de câncer durante 8 anos...fiz operação...tudo isso devido a vida da prostituição, então não é legal, só faz acabar e envelhecer e os ganhos de hoje...eu batalho lá na Ladeira da Montanha, é ...se a gente ganha R\$10,00, é R\$4,00 do dono da casa e R\$6,00 da mulher, se a gente vai pro quarto de R\$8,00, a gente dá R\$3,00 pro dono da casa e agente fica com R\$ 5,00. É por sorte a gente R\$ 20,00, R\$25,00, e o movimento ta muito devagar, tem dias que a gente não faz...quando dá pra ganhar dá, quando não dá a gente vai passando. Mas eu me considero uma mulher guerreira, você vê que eu não gosto de pedir nada a ninguém, eu gosto de correr atrás do que é meu, ou pouco ou muito, mas dá pra ir levar minha vida.”

Ganhos: não quis falar

Violência: “nunca... não nenhuma violência... não eu minto, eu já recebi uma vez um tipo de violência que foi quando o homem enfiou a mão na minha cara, quando eu tava fazendo salão, por uma grande bobagem porque eu tava no salão fazendo a vida, ai eu perguntei: Fátima já ta na hora de eu ir pra casa, ai porque tava chovendo muito e eu disse eu to com frio ai eu vou pra casa, ai o homem disse assim: tome no ... que o frio passa ai eu revidei pra ele assim: vá tomar você. Ai ele firmou a mão no meu rosto. Ai eu cai e quebrei a sola do sapato...ai como eu não aceitei aquele tipo de agressão ai eu parti pra cima dele com uma garrafa e cortei ele todinho... ai eu cortei ele todinho, ai eu passei três anos em Feira de Santana escondida em uma fazenda, quando eu voltei ai já tinha abaixado a poeira e os donos das casas gosta de explorar muito da gente, eles gosta de explorar da gente, eles gosta de mandar na gente, eles não dá nada a gente, até o cafezinho, o menorzinho eles não dá a gente de jeito nenhum , e quando a gente toma um tipo de um calote eles não dispensa o quarto não eles querem de qualquer jeito receber o dinheiro do quarto, começa a xingar. Lá onde eu trabalho mesmo, onde eu to trabalhando o dono da casa foi em cima de uma colega minha de trabalho pra dá na cara dela ai foi que eu não deixei, empurrei ele na parede e eu disse que dono de casa deve respeitar a gente porque a gente faz o programa que dá lucro na casa dele. Ai eu fui em cima dele, se ele batesse nela eu ia quebrar a cara dele todinha. Mas como eu sou uma mulher não tenho força com homem, eu tava pensando em pegar uma cadeira pra arrebentar nele, o dono da casa de onde a gente trabalha, e qualquer coisa eles ficam ameaçando pra gente ir embora, mas como é que a gente vai embora se agente perdeu a juventude ali dando lucro a eles, entendeu? Então eles não tem

direito de mandar a gente embora. Se a gente envelheceu lá dando lucro a eles... tem que existir uma lei pra isso.”

Sonhos: “Meu sonho é de sair da prostituição, fazer fotos, sair por ai, passear, caminhar na praia, ter um carro, ter uma amiga legal.”

Medos: “Tudo o que eu tinha medo passou, eu não tenho medo de nada da vida, nada. Esses dias que eu to triste, mas to um pouco alegre, eu não tenho medo de nada, não tenho medo de matar nem morrer, apesar de eu nunca ter ido nem numa delegacia, apesar de meus 19 anos nunca cheguei na porta de uma delegacia, nunca dei queixa de ninguém, nunca, nem por roubo, nem por droga, nem por nada, que eu nunca usei droga. A única droga que eu uso até hoje é o meu cigarro normal, de vez em quando eu tomo minha geladinha que eu não sou de ferro.” (deu uma gargalhada).

Conhece o projeto: Conheceu o projeto através das visitas.

“Eu conheci o projeto através das meninas do projeto que sempre vai lá em todos os locais de prostituição pra ajudarem as mulheres que fazem programa. E eu fico muito grata por isso pelas meninas da Força Feminina porque não é todo mundo que vai ao encontro da gente, porque o lugar não é legal, é um lugar de muita violência, elas vão porque elas quer dar uma força pra gente. Ai então eu fico muito grata pelas menina do Força Feminina, porque dá estudos, ajuda, vem aqui faz uma atividade, não aprende quem não quer, eu mesmo vou aprender a minha profissão ou de ser cozinheira ou de tirar fotos. Eu quero aprender uma profissão, porque eu já tenho 46 anos e já ta na hora de eu sair, eu não sai porque eu não tenho como me sustentar porque eu não trabalho.”

O que acha do projeto: “o que eu acho do projeto, porque o projeto ajuda muito as mulheres que batalha, que fazem a vida, prostituta, prostituta ta danado, garotas de programa, prostitutas mesmo.... (dá risadas...)”.

“Quando eu chego aqui no projeto eu sou bem recebida... e o projeto é legal, tem corte de cabelo, tem curso de sandálias, curso de bordado, tem a escola, foi através da escola Força Feminina que eu aprendi a ler, porque eu cheguei aqui na Força Feminina eu não sabia fazer meu nome, foi aqui a Força Feminina que deu força, e a gente continue dando força. E que Deus abençoe todas as irmãs aqui da Força Feminina, que elas tem essa garra toda, pra quando a gente precisar de um carinho, de uma palavra amiga, de um conforto, porque quando eu to nervosa eu venho aqui, tem psicóloga, eu venho aqui e conto toda minha situação, da minha vida de batalha porque a vida não é fácil, a gente é explorada no quarto, chupa o peito se a gente não quer chupar, tem gente que quer transar sem camisinha. Em um tempo atrás a gente transava sem camisinha porque se a gente não fizesse não tinha como se manter.”

O que gostaria de melhorar no projeto?

Não gosta no projeto: -

Relação com as outras mulheres: “Minhas colega de trabalho...minhas colega de trabalho, elas...pra mim eu não tenho o que dizer. Porque é assim, porque sempre tem algum problema no quarto, quando elas tão transando, o homem que brigar com elas, e ai junta a gente, vai lá dá uma força, acalma o homem, entendeu? Mas minha relação com minhas colegas de trabalho são ótima, eu não tenho o que dizer de minhas colega de trabalho.”

Como se vê: “De mim? (silencio) Oi, que mesmo assim eu sendo uma prostituta, mesmo assim eu sou feliz porque eu tenho ainda minha mãe que me ama, eu tenho os meus irmãos, eu tenho o meu filho apesar de eu não ter muita aproximação com ele entendeu? É por isso que eu to viva até hoje. É por isso que no meio da minha prostituição eu nunca fiz nada de errado, pra nunca chegar na porta de uma delegacia, pra não sujar o meu nome e o nome da minha família, porque o que mais a minha mãe me pediu: Olhe minha filha ande pelo mundo, se um dia alguém for lhe bater ou se um dia você tiver que matar alguém, se for pra se defender você faz alguma coisa, mas nunca caia numa delegacia como ladra, porque se um dia você cair na delegacia como ladra eu não chego na porta da delegacia pra lhe defender em nada.”

Drogadição: Bebida alcoólica.

Relação com Deus: “Minha relação com Deus ...eu acredito em Deus...eu tenho fé em Deus, porque sem Deus eu não sou nada entendeu? Minha religião é católica, mas eu gosto muito do espiritismo. Eu vou pedir a Deus, pra eu aprender, estudar bastante pra eu ler meu livro espírita.”

Situação limite: “Teve...Teve quando os home vai pro quarto com a gente que eles não paga, transa, depois sai correndo, a gente como mulher não pode fazer nada, entendeu? E a gente fica muito revoltada, fica muito revoltada mesmo, porque a gente já vai pro quarto na esperança de pegar aquele dinheiro, é tanto que quando acontecia isso, muitos homem a gente tirava a roupa dele, tomava a roupa dele, deixava ele descer a montanha nu, várias vezes a gente fez, porque não era eu sozinha, eu e minhas colega fazia isso...eu já tirei na montanha de um homem que deu um tapa na minha cara, quase matei, só não matei porque o dono da casa não deixou. Ontem aconteceu o que comigo dentro de um quarto com homem lá dentro de um brega lá na ladeira da montanha. Aconteceu ontem que eu fui transar com um homem, e ele dizendo que ia me dar R\$25,00, mas eu sou uma mulher sábia, mas sempre a mulher passa para o homem, não sei porque ta frágil, não sei porque, ai ele tava demorando de se realizar comigo, ai eu falei pra ele, olhe se você demorar mais os donos da casa vai cobrar mais caro. Ai ele disse: vamos continuar

transando que eu lhe dou R\$50,00, eu digo você tem que me pagar adiantado, mas como ele é cliente das menina eu confiei nele. Ai quando ele terminou de transar comigo ele não tinha R\$1,00 no bolso pra me pagar. Mesmo assim eu tirei o dinheiro do meu bolso e paguei o dono da casa, porque o dono da casa não aceita as mulher tomar calote, no brega se chama calote, tomar calote é não pagar. Ele pensa que o homem deu o dinheiro e a mulher, eu por exemplo que tava com o homem, não aceita a mulher, fica xingando a mulher, ai começa a baixaria, mandando ir tomar no cu, mandando ir me fuder, me chamando de puta, dizendo que vai me botar da casa dele pra fora. Então eu preferi tirar o meu dinheiro do meu bolso e pagar ao dono da casa. Ai o que foi que eu fiz, peguei uma furadeira de parede dele, peguei uma colher de pedreiro, e um martelo. Ai ficou empenhado pra ele me disse que hoje ele levaria meu dinheiro, mas ele não levou, se ele não levar, eu vou pegar a máquina, a colher de pedreiro e vou vender.”

Motivações: “Eu...o que me motiva continuar vivendo? Tem! Tem Fernanda que eu quero sair da vida que eu estou envelhecendo,eu to envelhecendo, to me acabando ali na ladeira da montanha e a vida da prostituição não ta dando dinheiro entendeu? Pra continuar sobrevivendo.Eu to vivendo na Ladeira da Montanha, todas elas, não é só eu não, todas as prostitutas da Ladeira da Montanha ta vivendo de teimosa que é porque aquilo já acabou. Ali só tem ladrão, o que não presta, sarcizeiro ta tomando conta da Ladeira da Montanha.”

Mulher 3

Nome fictício para a pesquisa: Amanda

Local: Salvador

Data: 29/04/2009

Idade: 36 anos

Filhos: 01

Origem: Salvador- “eu sou baiana”

Contatos com família: “Com minha mãe? Com minha família? Oie, per enquanto eu não peço nada a ninguém graças a Deus, eu dependo de mim mesma, sabe? Eu acho que eu sou um pouco... um pouco, quando a gente mora perto de família a gente é um pouco humilhada, entendeu agora? Porque minha tia me deu o armário e já ta pedindo o armário. Então eu to sendo o que? Isso é humilhação, dá o armário e depois quer tomar, entendeu agora? Ela deu, eu acho que ela deu pra mim, eu acho que ela não tomaria mais, deixava pra mim o armário, um armário pra eu colocar as coisas dentro, ela ta pedindo, quer que arranje uma caixa pra botar as coisas dentro pra dar o armário a ela, eu disse Deus vai me ajudar pra eu comprar

meu armário pra eu te dar o seu. Disse só isso a ela, ai ela pegou e não gostou sabe? Porque é de hoje que ela ta me cobrando, ela já arranhou uma caixa, ela pegou e deu a filha dela, a filha dela casou e agora ta pedindo o armário, ela me deu o armário e agora ta precisando o armário e quer o armário de qualquer jeito e eu vou ter que devolver, entendeu fia? Pra não ter confusão.”

Atividades que exerce hoje: vendas

Tempo que ficou na prostituição: “Eu batalhei tem mais de... eu acho que tem 4 anos viu... 4 anos porque aconteceu...eu acho que ...olhe...quando eu fui fazer o exame de HIV, já tem 8 anos isso ai que eu batalho, 8 anos nessa vida...porque a moça disse que eu fui fazer o exame de HIV já tem muito tempo e C. não tinha nem nascido ainda. Já tem 8 anos, porque C. não tinha nascido...Batalhei aqui em Salvador, batalhei por aqui na praça, é batalhava na pista. Hoje to querendo trabalho.”

“Quando eu comecei, eu cheguei na praça, cheguei na praça e sentei na praça ai, as mulheres ainda implicam comigo ainda, mandavam eu sair,mas eu sentei ai na praça e ficava ai na minha... eu já vim com esse objetivo já pra fazer programa mesmo. Ai fiquei, não sonhava nem ter filho, fui sem teto, fiquei morando lá na cidade baixa. Depois eu vinha pra cá, dos sem teto, da cidade baixa eu vinha pra cá pra praça...até chegava 1 hora, 2 hora da manhã. Eu já faço 8 anos de batalha... eu não sonhava fazer vida não, mas depois eu via as meninas ai na praça ai e comecei a pensar, minha mãe mandou eu descansar um pouco de trabalho...ai como eu num tava achando trabalho, tava difícil um pouco.”

Desafios: “Violência. Um homem colocou uma arma aqui em mim e me ameaçou e me deixou lá no...lá num lugar bem deserto. Lá na suburbana e o outro me bateu aqui, puxou meu cabelo, entendeu? Então agressão, agressão né? Você chega a chorar né? Você tem uma filha pra criar entendeu? E você diz: pelo amor de Deus não me mate, porque eu tenho uma filha pra criar e ai eu falei assim. Ele me deixou num lugar deserto e eu peguei uma carona e contei o que aconteceu comigo pro rapaz e ele entendeu. Ele disse assim: deixa ele pra lá, ele foi miserável, o que ele fez com você.”

Perdas: “A batalha a gente ganha dinheiro, tem aquele dinheiro ali, mas daqui a pouco quando a gente vai procurar aquele dinheiro já foi, entendeu agora? Têm muitas que a gente junta, se tiver... se for econômica junta e ainda dá pra sobreviver, mas se for, por exemplo, eu mesmo no meu caso eu batalhava, eu ainda tirava uma ponta e ajuntava, entendeu agora? Porque eu batalhei no cinema também. Mas no cinema é muita humilhação. Os homens humilham muito também. É outra coisa, o cinema que não presta, as mulheres... os programa lá é assim muito pouco, muito pouco dinheiro, a gente pede um preço, só o hotel é R\$30,00, fora eu lá dentro é R\$10,00. As mulheres quer fazer de tudo lá, entendeu? E lá é muito pouco, faz até

de R\$ 3,00, as mulheres lá. Tem uma que vai de R\$3,00, tem umas que vai de R\$5,00, entendeu? Ai a gente fica como, a gente fica, isso ai é discriminação, entendeu agora? Os homens discriminando? Ai quando eu resolvi sai do cinema no ano passado, e sai da praça e ai as mulheres fica falando: ah, você não faz isso, não faz aquilo, eu não ligo, tipo assim uma brincadeira sem graça, mas eu não ligo não, quem quiser ficar falando, deixa falar, quem quiser ficar falando deixa falar, mas eu não ligo não...entendeu?”

Violência: “Violência eu sofri esses dois... nenhum dos dois queria pagar. Entendeu agora? Não pagou o programa. Mandou eu descer do carro e não pagou, entendeu agora? E uma vez eu fui com o cara também e ele me deixou e um lugar bem deserto, lá pro lado de Lauro de Freitas. Ai foi meia noite isso ai. Doze horas. Ele me deixou num lugar bem deserto. Tive que vim andando, achei uma carona de um taxista, também. Sofri três violências. E eu não menti porque foi Deus mesmo que não me deixou morrer entendeu? Porque tem homem que mata mesmo e ai não tem nem ai, matou e deixou ali no matagalo entendeu? Mas Deus o livra acontecer isso, Deus o livra, nunca aconteceu isso não...é esse lance ai.”

Sonhos: “Meu sonho? É trabalhar pra criar minha filha. Ter minha casa própria, se Deus ainda vai me dar entendeu?”

Medos: “Medos? Eu não. Eu agora quero colocar minha cabeça pra frente, criar minha filha, não quero mais nada, nem homem, assim homem não quero mais não. Eu no meu caso, eu pensei isso... de agora colocar minha vida pra frente e cuidar de minha filha e não querer homem nenhum e ficar só, criar minha filha só, nada de homem, homem não vale nada não, porque, eu acho que é muita humilhação que a gente passa. Eu já passei muita humilhação por homem sabe? Chamar de prostituta... tirar da vida e ficar chamando de prostituta, humilhação, chamar de prostituta, ficar falando, esculhanbando, entendeu? Ficar jogando na cara, mesmo que ele já tirou da batalha. Eu só voltei a batalhar porque ele não tinha um trabalho, depois ele descobriu que eu tava batalhando e ele começou a me esculhambar a me chamar de prostituta entendeu? Eu ainda to morando na mesma casa, mas eu já vou ajeitar minha vida, entendeu? Deus vai me ajudar a ajeitar, entendeu agora? A geladeira que vai vim eu vou colocar no meu nome...entendeu? E ai eu tô por enquanto lá até ajeitar minha vida. C. é muito apegada a ele, mas vai ter que sofrer um pouquinho, mas ela vai ficar comigo de qualquer jeito. Entendeu? e ele, vai ver C. E eu não vou ficar me acabando com ele...porque eu to sendo humilhada. Eu vou pra igreja mesmo...domingo teve o abraço das família, a família se abraçar, porque minha não tava lá, ai o Pastor disse assim: quem tinha marido se abraçe e quem tiver com sua família, e não tiver sua família se abraçe como se fosse sua família, eu peguei pensei na minha família e ai fiz minha oração, acabou e eu nem olhei pra ele lá. Ele tava na saída, ele ai pegou e ficou conversando com a irmã da igreja, ai eu disse:por favor me dê a chave que eu vou levar C. porque eu sou assim quando

termina o culto vou logo me embora, eu não gosto de ficar conversando com ninguém não. Então acabou eu vou embora. Acabou o culto, eu vou embora entendeu? Mas ele gosta de ficar puxando muita conversa e eu não sou de muita conversa. Ai eu disse: me dê a chave por favor, que eu vou levar C. ai ele mandou eu segurar a Bíblia... eu não tem nem ai Ô...não to nem me esquentando mais. Eu mesma não vou dizer a você que eu não to com mágoa dele. Mas se a gente ta na igreja tem que perdoar sabe? Falar eu vou falar, tratar bem eu vou tratar, mas quando chegar dentro da minha casa eu não quero ele na minha casa entendeu agora? Eu to ajustando, por enquanto, sabe? Eu pago aluguel, mas voltei pra lá porque eu quero ajustar minha vida.”

Conhece o projeto: “O projeto eu conheço... quando as outras irmãs tava, já foi tudo embora. Eu não me lembro mais...não to dizendo que há cinco atrás eu fui fazer o exame do HIV, cinco anos atrás eu acho que já tava participando do projeto já...por isso que o pessoal me deixa participar das atividades tudo, eu já sou velha da casa entendeu agora? Eu acho que eu nem tinha a C. quando eu vim pela primeira vez do projeto. Depois que eu engravidei de C. que eu comecei a vim também...”

O que acha do projeto: “eu acho bom, eu acho que ensina muitas coisas, eu acho que distrai a mente... entendeu? é bom conversar com as irmãs, brincar, entendeu? As irmãs têm paciência com a gente, tem mulher ai que chega muito estressada, não sei como vocês agüenta quando chega com stress ai, com nervoso ai, com essa ignorância, é ou não é, fala a verdade. Eu não porque já to acostumada na coisa e não faço ignorância com ninguém, tem hora que to com meu stress, mas não faço ignorância com ninguém...eu não vou brigar com ninguém, com as irmã, eu trato todo mundo bem...”

O que gostaria de melhorar no projeto? “eu? Trabalho... fazer alguma coisa pra ganhar dinheiro”.

Não gosta no projeto: “antes, eu fiquei um tempão sem vir aqui no projeto, fiquei sem vir, foi uma coisa passada entendeu? As mulher ficava implicando comigo, ai eu me arretei... e ai eu fiquei sem vir, entendeu?...Mas depois eu que eu voltei pro projeto, essa Irma já tinha ido embora, mas eu continuei e não desisti e continuei vindo sabe?”

“O projeto é muito bom, se não fosse esse projeto eu não sei nem o que seria de mim...”

Relação com as outras mulheres: “Ah, as mulher ficava brigando comigo toda hora brigava comigo, nem me batia, brigar pode só não pode bater, porque se bater o bicho pega... eu ficava sentada ai na praça, ganhava dinheiro e ai elas se implicava comigo, porque é uma concorrência né? Uma mulher com a outra, essas

mulher ainda briga ai na praça ainda, uma só falta engolir uma a outra, entendeu? Eu quando ficava na praça pra ganhar meu dinheiro eu sentava e ganhava dinheiro e elas diziam: ah, lá vai ela pra ganhar o dinheiro dela, mas eu nem ligava”.

Como se vê: “Eu?... Eu me vejo bem, eu me acho bem...”

Drogadição: Não

Relação com Deus: -

Situação limite: “Eu tava numa situação que eu as vezes nem sabia onde eu dormia, se eu dormia no hotel, uma vez eu dormi cá em cima junto com os sem teto, dormi no bom preço, peguei o papelão e deitei no bom preço, eu tava grávida, mas tava sentindo frio e tive que fazer isso...isso pra mim foi ruim porque eu fiquei muito cansada, se eu tivesse dinheiro pra pagar um aluguel eu acho que seria melhor.”

Motivações: “Trabalhar... guerreira pra criar minha filha... lutar por ela. Já passei muitas dificuldades, mas eu agradeço a Deus porque eu não passo mais as dificuldade que eu passava não.”

Mulher 4

Nome fictício para a pesquisa: Sueli

Local: Juazeiro-BA

Data: Setembro de 2009

Idade: 36

Filhos: 04

Contatos com família: tem relação com a família

Atividades que exerce hoje: tem uma venda – “eu faço uns bico, eu tenho uma venda em casa, tudo o que apreço pra fazer, eu já lavei roupa, arrumei roupa em casa, faço artesanato, to sempre cuidando da minha casa, cuidando dos meus bicho”

Tempo que ficou na prostituição: “eu passei de oito a dez anos mais ou menos, porque eu não marquei assim sabe, porque eu também não esses tempão todo não, eu já fui casada, depois que eu separei do marido, ai eu fiquei só, ai chegou a dificuldade, desemprego, a condição de vida ficou ruim ai eu cai na prostituição, eu entrei por dificuldade financeira, porque o pai dos meus menino ficou doente e a gente separou, apesar da dificuldade financeira né e eu sai de casa com uma colega

porque ela disse que ia ganhar muito dinheiro lá em Juazeiro da Bahia, eu morava em Sobradinho nessa época, aí eu vim com ela, eu pensava que era um emprego de verdade olhe, uma casa mesmo, quando cheguei lá era um bar...e no início foi ruim, eu não sabia fazer programa porque eu nunca tinha ficado com outro homem a não ser o pai dos meus filhos, foi uma barra mesmo...mas depois de um mês...logo que eu entrei na prostituição eu entrei na casa de uma mulher muito boa, aí a mulher me acolheu lá, e eu fiquei como uma filha dela, eu fazia as coisas que uma prostituta faz, mas não era assim tão obrigada que nem essas outras, elas tinham todo respeito comigo porque sabia que eu era de família carente e pobre e não tinha condição e ela viu que eu não tinha jeito de fazer programa assim que chegasse e ela ainda foi me ensinar...esse tempo que eu passei na prostituição eu batalhei, ganhei dinheiro, mas eu vivia mais com medo por causa das drogas, e eu não falo da maconha, é droga pesada, pois a mulher quando tá se prostituindo se envolve muito com os homens, aí eu tinha medo de sair com colega que roubava, de ir pra longe com elas, porque no lugar que a gente mora todo mundo dá uma palavra e lá fora não, eu tinha medo, tanto que eu nunca levei um tapa na cara, por isso que as vezes eu falo que... dessa vida que é muito maltratada através de outras mulheres também que já passou sabe? É porque eu acho assim que tudo que a gente for fazer a gente tem que fazer com capacitação, com capricho, seja o que for, mesmo o programa, porque tem mulher que vai fazer o programa aí rouba, vai fazer o programa e quer ganhar o dinheiro do homem fácil, não, eu trabalhava mesmo, se é pra trabalhar vamos trabalhar, eu não tinha esse negócio, eu tinha era sorte porque os homens faziam era me bancar, mesmo do jeito que sou, mas me bancavam mesmo...Menina, aí vinha as queixa da mulher...aí depois já foi ficando pesado pra mim, e eu já outras mais nova me olhar com outro jeito, aí não tava dando.”

Desafios: “As drogas e doença, porque mulheres que tem filho muitas vezes... Hoje por causa dessa Aids tá mais difícil viu a mulher sair sem preservativo, mas antes quando não falava tanto nessa Aids até mesmo mãe de família se arriscava, eu mesma me arrisquei a sair sem camisinha porque foi no início, não tinha outro meio, depois que a gente fica mulher veterana a gente aprende sabe, até a criar mais lábia, mas eu me atrevi até a fazer sem camisinha pra sobreviver...”

Perdas: “as amizades que a gente deixa pra trás, a gente arruma também muitos homens que fazem a gente feliz naquele momento né, dá muito carinho, homem compreensivo também, eu mesmo eu não olho só para o lado negativo, avé Maria, achei companheiro assim na noite que parecia que já tinha me visto a dez anos, fazia de mim uma princesa, isso eu sinto muito falta, do bate papo assim na beira da pista, que eu gostava eu tratava eles como uma profissão de verdade...muitas vezes eu não ganhava nada mas ia só pra bater pão com as colegas...”

Ganhos: “os ganhos é a gente olhar os filhos da gente, ver crescido, menino que ali quando tava com 4 anos eu comecei a batalhar, não na vida de prostituição, mas

trabalho duro mesmo, na rua... e ver que não foi em vão..eu vejo que o meu lado da prostituição, porque hoje eu olho pra minha filha e vejo o resultado, e olho para os meus filhos e vejo o resultado.”

Violência: “sofri, como falei não foi tanto, às vezes eu acho ate divertido por mo das amizades que a gente tem, eu acabo dando risada, você vê na lá no posto como é, todo mundo amigo, mas eu sofri uma vez um homem me pegou lá, botou a arma na minha cabeça, queria que eu transasse a pulso, e quis que eu fizesse essas coisas comigo e quem me socorreu foi minhas colegas, pra mim foi difícil, mas ao mesmo tempo pra mim foi uma força ó que minhas colegas me deu, porque eu tinha medo quando eu tava fora, mas se tivesse uma ou duas perto de mim parece que eu tinha uma força, porque eu não tava só.”

Medos: “Eu tenho de eu ficar sozinha, eu tenho medo, ave Maria, se eu ficar sozinha no mundo eu não vivo não, sozinha assim sem ter gente intima sabe perto de mim pra conversar... lá na pastoral eu converso muito, esses meses que eu não fui lá, minha auto estima foi lá pra baixo e só chorava, e só chorava, ai um dia eu contei que eu tava me sentindo só...”

Sonhos: “Ai meu Deus, é que eu ainda quero ter um emprego fixo sabe, que eu saia todo dia de casa, eu quero o da minha casa, porque sempre vai ter gente, quero ter o meu negocio em casa e quero trabalhar fora, ter meu salário certinho, poder tirar na loja e poder pagar certinho sabe, porque eu já ganho mas não ganho o suficiente pra isso, eu ganho só básico mesmo pra comer, pagar energia, comprar remédio né? Mas eu ainda quero comprar minha roupa, ir na loja roupa pra meus meninos, poder ajudar minhas colegas que ta precisando...e tem mais eu ainda quero retornar o meu trabalho de grupo.”

Conhece o projeto: Conheceu a 9 anos, conheceu através dos agentes.

O que acha do projeto: “A pastoral foi o lugar que parece que eu renasci de novo, porque, apesar de...eu já tinha visto muita coisa sabe, comigo não, mas com minhas colegas, mas sempre eu tava ali de junto, era briga, era sangue sabe? Sempre eu tava ali mas aquilo ali me chocava, mas eu tava ali com minhas colegas, assisti muitas tragédias em bares, comigo foi pouco né, mas apesar que como mulher eu sentia também, e sinto, hoje mesmo eu ouvi uma mulher falando ali, a fala dela ave Maria chega a doer mesmo, ela falando que se prostituiu pra cuidar do filho dela, ave Maria aquilo ali me pegou e é isso (silencio e choro)”.

O que gostaria de melhorar no projeto? “União, mais capacitação para as mulheres, eu buscava acolhimento pra elas, mas acolhimento de verdade, porque às vezes elas ta lá e elas não tem nada pra comer né, ai chega elas, e diz, mas tu não ajudar (chora... chora), eu tenho colega que tem vontade de andar lá, que se acha assim capacitada (falando porque as mulheres não vão à pastoral), porque é longe,

já ta cansada da batalha, que a mulher cansa né, ai elas diz assim, eu vou de pé, eu vou quando não tenho o que comer muitas que ta lá menina, eu vejo hoje, não vou falar de ninguém, muitas coisas às vezes a mulher diz: olhe a gente vem pra cá às vezes não tem nem o que comer, faz um cuscuz com ovo ai rapaz pra nós, que às vezes a gente vem, mas não tem nem o que comer... melhorar, dá mais um reforço, eu mesma não vou mentir, eu já to muito cansada demais, cansada de andar pra aquela pastoral, andei de pé, e eu tenho uma venda e eu vou chegar e falar, mas tirar todo dia R\$ 4, 00 pra pagar de transporte pra eu ir eu não vou sabe? E vou ajudar elas também, porque eu não quero só puxar de lá porque eu sei que é muita mulher pra elas dá o retorno, eu vou andar de bicicleta...porque as vezes elas vê que a gente ta na terceira etapa né, ta na capacitação a gente já ta capaz de enfrentar tudo...não...e as vezes depois que a gente já ta nesta terceira etapa as coisas pra nós fica pior na condição financeira, fica porque eu não quero mais me deitar com ninguém e ai eu fico ali dependendo do que vendo, tem dia que eu vendo R\$40,00 mas tem dia também que eu não vendo nada, tem aquele R\$ 1,00, R\$ 2,00 e eu não vou tirar pra pagar passagem, as vezes tem uma coisa lá que eu tenho vontade de ir, mas eu não vou não, uma hora dessas, sol quente, eu sei que ela ta dando a mão pra gente, eu não vou...ai eu digo: ó eu não vou porque eu também to cansada...”

Não gosta no projeto: -

Relação com as outras mulheres: boa

Como se vê: “Eu acho que eu sou uma positiva sabe, muito batalhadeira, não desisto de meus sonhos, às vezes eu não realizo logo, mas eu fico com aquilo martelando, martelando ate conseguir, eu não desisto fácil não, eu tenho muita esperança e força de vontade e parece que cada vez mais eu to ficando idosa é que isso ta parecendo impossível, ave maria, quando eu quero fazer uma coisa, ou eu faço, eu morro...”

Drogadição: Maconha: “quando eu batalhava tinha que usar mesmo pra agüentar”

Relação com Deus: “Eu tenho muita fé, eu rezo, eu peço, eu tenho muita esperança, lá agora mesmo ta tendo um jogo de vale da sorte que eu não tenho dinheiro junto então eu peço muito a Deus, tem dia que eu sonho eu já ganhando no vale pra realizar... e tem dia que eu to na esperança... tenho muita fé em Deus porque foi ele que me curou porque eu tive um problema ai, chamei muito por ele, por ele e meus remédios.”

Situação limite: -

Motivações: “Primeiro: meus filhos, eles são destrambelhado, mas são meus filhos e não só eles, mas o que me motiva é a minha vida, eu tenho que viver, eu posso

morrer com 70 anos, mas fiz uma casa, eu vou viver assim, se Deus não me agora eu ainda quero trabalhar ate 40 ou 50 anos, e outra o que me motiva ainda é eu ter uma vida bem tranqüila sabe? Um dia eu posso não ficar me acabando.”

Mulher 5

Nome fictício para pesquisa: Virginia

Local: Salvador

Data: 19/04/2009

Idade: 50 anos

Filhos: “um casal, quer dizer meu filho eu não vi mais né porque ele ficou no Rio com a família do pai e eu não tive mais contato. Só a menina que tive aqui na Bahia.”

Contatos com família: nunca mais teve contato. Perguntada por que não teve mais contato com a família? Responde: “por que... eu acho que, eu não tive apoio entendeu? Foi uma infância difícil. Minha mãe é uma pessoa, foi difícil pra mim entendeu? então ela ficou assim como se eu... eu sei que tenho irmãos que me amam, amo meus irmãos, tenho boas lembranças deles, mas não tenho vontade de é... ir sabe para mim mãe foi... eu peço perdão a Deus todo por isso porque ela é minha mãe, mas acho que ela não foi legal comigo.” Perguntada pela mãe, se Lea é viva. C. responde: “eu acredito que sim, eu posso falar que a minha filha entra em contato com tio, mas se eu escrevo... natal às vezes dá vontade de escrever, mas a minha filha escreve...”

Atividades que exerce hoje: “Trabalho como autônoma né, eu vendo saladas de frutas e pretendo ampliar minha guia”

Tempo que ficou na prostituição: “Comecei mais ou menos com 20 anos... era porque um tempo antigo, trabalhava e ia pra prostituição, trabalhava e ia pra prostituição... eu já batalhava no Rio... eu trabalhava num prédio na Lagoa Rodrigo de Freitas e uma colega minha me achava muito bonitinha sabe, porque eu era toda magrinha, e ela dizia: ‘menina você com um corpo desse’ ficar trabalhando ah não... e ai ela me levou pra conhecer e esse conhecer né, sempre tem um amigo dela que gostou daquela mulher e que ela já diz: ‘ah, nunca batalhou, é primeira vez, é primária...ai quer conhecer aquela mulher. Eu casei com 15 né obrigada porque houve uma história que eu tinha perdido a virgindade, ai meu namorado foi e contou pra minha mãe e ela chamou a polícia. Eu tava no último ano do colégio né, eu tava fazendo a quinta série, faltava dois meses pra terminar o ano, foi que ela fez esse escândalo todo. A diretora proibiu de eu ir no colégio porque não podia mais me

misturar com as meninas que era virgem. Ai eu perdi. Ai tomei um remédio...entendeu? fui parar no hospital, fiquei envergonhada, eu não tinha mais amigas, não podia ir pro colégio, não podia mais nada, na minha cabeça eu não podia, a vida terminava, ai eu tomei um remédio sem cheiro, sem gosto, mata rato, eu tomei e fui pro médico, fiquei muito tempo internada, mais de um ano, porque ela dizia que era macumba, o médico sabia que era alguma coisa, porque caia até o cabelo da sobrancelha, eu fiquei careca, foi uma fase muito difícil. Depois dessa recuperação toda né que eu tive o filho. Eu tive essa criança, depois que eu tive ele é que eu fui casar no cartório só e né teve que esperar este tempo todo, porque eu fiquei internada, ganhar a criança, pra depois...pra depois a gente se casar, porque casada, nós ficamos um ano casada. Eu fiquei em casa de família. Depois eu já tava com 20 anos que começou essa coisa de boate entendeu? Quando a gente tem 20 anos tudo deslumbra entendeu? Não que seja uma coisa maravilhosa, mas pra mim ganhar dinheiro era ótimo, é uma fase que você quer ganhar comprar muito roupa entendeu? Eu era uma menina elogiada pelos donos da boate porque eu tava sempre muito bem vestida então comprava vestido caro, sapato caro naquelas botiques de Copa Cabana, então eu queria ta bem de vida e levei muito pra chegar a questão, pra mim no inicio era flores.”

Desafios: “A violência né, porque a violência é... você vai vendo que você entra, vê uma pessoa, bebe com ela, conversa e pra você depois de repente isso muda como se caísse uma máscara né e que você ser violentada, você faz sexo que você não quer fazer entendeu? Você pode ser estropada mesmo que está ali, porque você é uma mulher que ta ali e pode estropada, espancada.”

Ganhos e perdas: “Ganhos? Eu acho que não ganha nada, apesar dessa idéia que ganha dinheiro mais que um salário mínimo trabalhando dignamente. Você perde muito a sua integridade física, moral, mental, entendeu? Psicológica. Porque você se se degrada saindo com um com outro, você tem que se multiplicar, sorri pra quem você não gosta, deitar com quem você não gosta, fazer coisas que você não gosta, eu acho que não têm ganhos nenhum. O dinheiro não paga essa falta, essa perda de tanta multiplicação de que você tem que ser mil mulheres ao mesmo tempo. Então o distúrbio é muito grande, psicológico na mulher.”

Perdas: “A integridade, porque por mais que você tome banho você sempre acha que ta suja sabe? Não limpa. Aquela pessoa que te espancou, que te maltratou, que te... entendeu? Você fica parece que suja daquilo e não limpa mais.”

Violência: “Já muitas vezes... uma vez o cara me furou entendeu? Aqui (mostra o pulso) Isso aqui foi um garfo de cozinha, aquela ponta que pega carne assada. Ele ficou na minha casa em São Cristovão, na minha casa. Eu fui ele foi passar um final de semana com ele no apartamento dele... na minha casa, eu não gostava de colocar homem na minha casa, porque assim só ele, porque eu fui muito com a cara

dele, ele era carioca. Ele foi à minha casa, eu fui passar o fim de semana com no apartamento dele, e chegando lá fomos pro bar de um conhecido dele, na volta ele simplesmente ficou dizendo que tinha incorporado sei lá uma santo ruim nele e veio pra me matar com esse garfo, eu botei a mão porque ia enfiar no meu coração... e o apartamento ficou espirrado de sangue... foi uma das violências... tem outra em rua, você entrar no carro, o cara quer te levar lá pra cima, e lá lá em cima você não ter pra onde correr ... o cara te espanca, faz o que quer, quer que você faz sexo oral com ele, sem tomar um banho, sem camisinha e você é obrigada a fazer tudo isso.”

Sonhos: “Meus sonhos? Ah, ser cozinheira, ou ampliar minha guia. Ampliar com salgados, porque eu to que as pessoas querem é comer, salgado, alguma coisa até com leite, mingau... o meu negócio é panela.”

Medos: “no momento o medo que eu tenho é a pessoa que eu vivi com ela, que ele é uma pessoa que não tem projeto de vida, então quando uma pessoa não projeto tudo que ele puder fazer pra prejudicar o outro pra ela ta bom. Então eu acho que ele diz que gosta de mim, mas eu acho que ele é uma pessoa que me prejudica muito. Eu tenho da capacidade de maldade.”

Conhece o projeto: “Uns seis anos” “Conheceu o projeto através de outra mulher”

O que acha do projeto: “Pra mim me ajudou muito entendeu? É como se eu fosse uma criança aprendendo a andar né e o projeto me ensinou os primeiros passos para eu estar me vendo, é como um espelho que eu me olho e estou vendo uma Cordélia ali, que antes eu não tava enxergando direito.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “Eu acho assim que nós devíamos organizar melhor as festas... porque há aquelas que trabalham, se dedicam , dão o melhor de si, pra organizar uma festa com amor, com carinho, e tem aquelas que nunca pisam no projeto e quando tem uma festa vem entendeu? Eu acho que devia ter mais organização.”

Não gosta no projeto: “Não, só isso organizar mais as festas sabe porá ter uma qualidade de entrada sabe, porque quem realmente vem ao projeto, frequenta, eu acho que não é uma coisa assim de dizer que não pode, porque o projeto é pra todas, ta entendendo? Mas que tenha uma , uma... fiscalização pra ver se aquela mulher tem um projeto de vida, se ela quer aprender alguma coisa, se ela traz alguma coisa, isso aqui não é um restaurante que elas vem merendar entendeu e ir embora, é uma lugar pra ... que oferece ajuda para quem quer ser ajudada.”

Relação com as outras mulheres: “olha a gente tem que tratar as pessoas individualmente, você não tratar todo mundo por igual porque cada pessoa tem um jeito né, mas também não procuro transparecer isso, porque é claro tem algumas que não me agradam muito, mas procuro não demonstrar... tenho aprendido muito

com P., com você, como todo mundo do projeto, eu falo pra todas vocês aqui do projeto a ta me policiando, me vigiando pra eu não ta maltratando, mas eu procuro se eu respeito todo mundo, pra não ta, maltratando ninguém.”

Como se vê: “ah, nossa senhora, eu me acho o máximo, maravilhosa, eu tenho muito orgulho de mim.”

Drogadição: “já usei, mas não uso mais... eu fumo pacaia, uma coisa que eu ainda não estou preparada pra parar, mas é uma coisa que ainda, é como se eu fosse um companheiro, eu preciso fumar pra digerir algumas coisas sabe?”

Aprendizados: “ah... controlar mais os impulsos pra ter paciência com o outro porque isso pra você uma boa convivência, se você não tiver paciência, respirar, contar até dez, você nunca vai conseguir com o outro e ninguém pode viver sozinho, hoje eu to menos pitbul.”

Relação com Deus: “olha eu não é que não tenha tempo, eu tinha separado tempo para as terças para eu ir à igreja da ajuda, é uma missa, porque é uma coisa que faz bem, eu saio dali bem sabe? Mas eu rezo, eu acordo de manhã e me benzo e coloco livro de oração né e a benção de Chico Xavier, leio algumas palavras de fortalecimento e eu tenho minhas orações e eu acho que a gente tem que pedir a proteção a Deus pra sair, pra levantar, pra respirar, pra se aumentar, ta bem...”

Situação limite: “Teve várias, mas o que mais me marcou foi um rapaz que eu sai, ele foi assim educado sabe, que não ia fazer nada comigo, só queria conversar, que tava brigado com a mulher e não sei o quê, me levou pra um motel , mais ou menos no jardim ... chegando lá ele mandou pedir um sanduíche, ficasse a vontade e eu pedi o sanduíche, quando eu tava terminando ele me mandou que fizesse sexo oral, eu que aquilo foi uma falta de respeito, de humanidade, sem limites, tinha acabado de comer e botar a boca do xixi de um homem, eu achei que eu não valia um tostão sei lá, e eu jurei pra mim mesma que eu não queria mais fazer programa. O cara tá pagando então ele vem a fazer isso e aquilo do jeito que ele quiser, você não pode recusar apesar de você ter acabado de comer um sanduíche, foi uma coisa que marca até hoje.

Motivações: “Meu neto que eu amo demais, minha filha né, quero que ela me veja uma mãe digna, e eu mesma, eu quero o melhor pra mim, só o trabalho que tenho com o homem.”

Mulher 6

Nome fictício para pesquisa: Gabriela

Local: Salvador

Data: 22/08/2009

Idade: 33 anos

Filhos: 01

Origem: Ipirã-Bahia

Contatos com família: “raramente, vez ou outra”

Atividades que exerce hoje: “trabalho assim: eu vendo comida na praia”

Tempo que ficou na prostituição: “ah tem muito tempo, eu entrei na batalha com 20 e poucos anos, sempre na praça da sé... eu fui procurar trabalho e minha amiga disse assim: ah você pode ganhar dinheiro lá na praça, ai eu fiquei na praça batalhando.”

Desafios: “muitos homens bons e muitos homens ruim...”

Perdas: “as perdas é a pessoa que você gosta não ficar com você”

Ganhos: “e os ganhos, o dinheiro da prostituição não vale a pena não porque entra aqui e sai ali.”

Violência: “Já...uma vez eu sai com um homem, eu sai com o homem, e ele perguntou quanto é, e eu disse é RS 20,00, ai ele me disse: te dou RS40,00. Ai eu falei: tudo bem, vão bora. Chegou lá ele queria sem camisinha, ai começou a ligar pra moça da portaria pra chamar a polícia, ai quando terminei de ligar e disse ta pronto eu sai correndo, ai a moça da portaria veio, quando ele chegou sai correndo... ah o cara transou comigo sem camisinha, eu tava grávida do meu filho n e ele mandou eu fazer, ai você tem que fazer com uma arma do lado, ou faz ou você morre.”

Sonhos: “Ah, meu sonho é sair da prostituição... ter meu trabalho e ter minha casa toda arrumada, ter paciência com meu filho, porque eu sou muito estressada.”

Medos: “Meus medos: Que meu filho siga o caminho do bem, trabalhe, que ele não seja como o pai que faça filho e não assume.”

Conhece o projeto: “Ah o projeto eu conheço há muito tempo, minha gravidez toda” (06 anos) / Conheceu através de outra mulher.

O que acha do projeto: “Eu gosto muito do projeto porque ela não tem discriminação contra mulher de programa, trata tudo bem.”

O que gostaria de melhorar no projeto? -

Não gosta no projeto: -

Relação com as outras mulheres: “Norma, eu trato todo mundo bem”

Como se vê: “Ah, eu acho que eu não sou feliz... (silêncio e pranto profundo) por causa da prostituição, a gente é muito discriminada, qualquer lugar que a gente vai é discriminada. As pessoas acha que a gente que faz programa é sarcizeira, é droga, e ninguém é melhor que ninguém, todo mundo é igual, a gente não pode discriminar ninguém, tem que tratar todo mundo igual. Eu não me sinto uma pessoa feliz, eu procurei o caminho errado, prostituição é um caminho errado, eu acho que é um caminho que não volta mais, você pode arrumar outro trabalho mas as pessoas ta sempre te vendo como prostituta pra toda vida entendeu? Você pode estar em mil lugar, sempre alguém ta vendo você: olha aquela menina fazia programa na praça da Sé, você ta sempre vendo a pessoa como um objeto... O Brasil tem muito preconceito, quando não é com preto, é com prostituta. O Brasil tem muito preconceito.”

Situação limite: “Minha gravidez, eu fiz programa até os 09 meses... ai quando eu não agüentei mais eu vendi salgadinhos, ai eu dizia: compre ai e eles diziam: eu vou comprar porque você está grávida...minhas amigas tudo me viraram as costas, as pessoas que não fazia vida que me ajudaram”

Drogadição: Bebida alcoólica

Relação com Deus: “Ah, Deus é fiel. Quem não acredita em Deus minha filha? Nem Deus agradou todo mundo né? Tem pessoas que não gosta de Deus. Deus é bom e agente tem sempre que ajudar o próximo.”

Motivações: “Ah, sair da prostituição, trabalhar, colocar meu filho no colégio, e ele não seguir o caminho das drogas, porque o caminho das drogas não volta mais, o jovem ta se acabando na droga e no crime... quero que ele seja um bom marido, pegue uma mulher e trate ela bem, construa a casinha dele...”

Mulher 7

Nome fictício para pesquisa: Ana

Local: Salvador

Data: 18/06/2009

Idade: 34 anos

Filhos: 04

Origem: Ubatã, BA

Contatos com família: “tem tios e tias aqui...”

Atividades que exerce hoje: “eu tento ajeitar de tudo que é jeito, eu tomei o curso de bisqui, tomei o curso de sandálias....tenho uma mercearia que ta empurrando que quase cai mas não cai, e tem meu marido também que ganha um salário, só que um salário pra quatro bocas, ai já tem a cachaça dele e o maldito cigarro dele ai com isso não dá, ai a gente vai sobrevivendo, e tem ajuda também, minha mãe mesmo, as vezes tem ajuda dela e agente vai fazendo uns cambalacho também...”

Tempo que ficou na prostituição: “Eu tinha 17 anos mais ou menos ai eu tive minha menina com 17 anos, ela nasceu em janeiro, eu fiz 17 em dezembro, quando foi em janeiro ela nasceu e como eu não tinha onde ficar nem nada eu comecei a... até que um dia eu recebi um tapa na cara do pai da minha menina ai com isso eu consegui um quarto, fiquei morando debaixo de uma escada com ela e ai tive que batalhar pra sustentar ela, e me sustentar, não tinha fogão, não tinha colchão, não tinha nada. Ai comecei a batalhar, e tentei várias vezes sair, mas por falta de trabalho e até estudo também , porque o estudo facilita eu cabei voltando de novo, e eu saia e voltava... eu comecei com 17 e sai mais ou menos com 21 pra completar 22 anos, ai comecei a trabalhar, ai o rapaz foi e me fez, disse que ia assinar minha carteira e no dia de eu receber ele virou pra minha e disse que não dava não que eu não tinha dado lucro pra ele que no caso eu trabalha direto, e ai no caso eu tinha que levar cliente pra lá, mas eu tive culpa, pois eu trabalhei, sol a chuva, ai depois disso ai eu tive que voltar de novo a batalhar. Ai fiquei batalhando e fiquei tentando sair, ai eu comecei a trabalhar de garçõnete em uma boate também, só que ai eu só fazia programa de vez em quando e eu tava querendo sair, mas acabei tendo de voltar de novo por conta que eu já tinha uma filha, depois eu engravidei do meu menino. Depois que eu engravidei dele ai eu parei de trabalhar quando ele nasceu e quando eu voltei de novo ele já tava mais ou menos com 7 meses. Então passei mais ou menos um ano sem ter de novo atividade de prostituta ai depois voltei de novo até que conheci R. meu marido, no que eu conheci ele ai a gente foi morar junto em 98 e quando a gente foi morar junto eu larguei. Ai quando foi em 2004, ele sem trabalhar, ai a gente passou até mais que necessidade, eu tinha que pedir, ai até que a primeira vez eu me arretei com ele, ai sai de casa, no que eu saí de casa, eu não batalhei, ai eu não batalhei, ai voltei pra ele, ai depois de um tempo ele virou pra minha cara e mandou eu ir batalhar pra poder arrumar o dinheiro pra abrir a venda, só que ai eu me arretei, eu fui pra vida mas larguei ele, passei uns doze dias ou 15 fazendo vida, depois voltei pra ele e fiquei também continuando fazendo vida mais ou menos um mês.”

Desafios: “Na prostituição eu acho que os maiores desafios é você ir pro quarto com um homem que você nunca viu, ai você não sabe como é que vai ser lá dentro, as vezes é bom mas as vezes é perigoso porque ele se torna agressivo principalmente porque ele quer que você faz um tipo de sexo que você não é

acostumada a fazer, principalmente o traseiro, é o anal, que eles querem e ai nem todo mundo faz, no caso eu mesma eu não fazia e ai já tive problema por causa disso. Uma vez eu entrei no quarto com um homem e eu gritava e ninguém me ouvia porque o som de lá de baixo da boate estava alto e a janela tinha tela e eu ficava com medo dele me jogar lá em baixo...ai lutei com ele até que eu consegui fugir...engraçado ninguém vi ele fugir..eu acho que o cara ajudou ele. Engraçado que questão da Aids, que é uma doença perigosa, a gente não tem tanto medo porque a gente usa camisinha, o medo é de estourar, mas o medo mesmo é quando a gente vai para um quarto principalmente com pessoas mau encaradas que faz a gente ficar imaginando...mas precisa né do dinheiro então tem que ir.”

Ganhos e Perdas: “Bom, o ganho... o Jesus olhe se a gente for botar na balança o ganho que tem eu acho que não é nenhum porque ainda que o dinheiro como diz é fácil, fácil não tem nada, não tem nada é doloroso, porque tem homem que faz forte e ai machuca a gente por dentro, quando não é isso eles não quer pagar, tem gente que não quer pagar, quer passar calote e a gente se sente suja, fedendo, tem cada homem fedendo e quer lhe agarrar, quer lhe beijar e só o fato de você ir com uma pessoa que você não gosta já é uma perda bastante e ainda por cima você acaba as vezes brigando, não vai pelo dinheiro que você pede mas as vezes pra não deixar de pagar o aluguel ai você vai. A perca é a moral também que você fica com vergonha de alguém lhe ver você , alguém do seu bairro, ou sua família, muitas pessoas fazem escondido de sua família, eu não, eu não comentava com minha família sobre isso, mas com certeza eles sabiam e eu não dava ousadia pra eles falar nada, e também não é porque a pessoa ta nessa vida que não tem que ser respeitada como se fosse uma moa de família que não fizesse nada disso, porque tem as vezes os filhos, você tem que esconder dos filhos, para os filhos, para o coleguinha não ficar falando: “sua mãe é sua prostituta”, as vezes até os donos do bordel toma seu dinheiro, como tinha uma que tomou minha carteira de trabalho, minha identidade, meus registros, tomou minha roupa, tomou tudo, eu quando sai de lá sai sem roupa nenhuma e tomava meu dinheiro, como eu era de menor, tomava meu dinheiro e me deixava lá escondida e toda vez que chegava a policia eu tinha que me esconder. Ai quando eu chegava os barão que tinha dinheiro, ai como eu tinha peitinho durinho, toda durinha, elas me apresentavam porque ai elas ganhava mais, ai eu tinha repartir com elas, ai eu ficava sem o meu e sem o delas... as vezes a gente tem que viajar, ai você tem que lidar com o homem que ta lhe dando carona, ai ou você dá ou corre o risco de sofrer alguma coisa, então sempre tem coisas ruim, Tem drogas, tem outros que querem usar drogas, querem que você use...tem hora que eu fico olhando assim e digo meu Deus, eu não me enxergo neste trabalho, nesta profissão, eu acho que ela era uma outra G., mas não era eu ... E a vergonha de vestir as roupas... Eu olho assim meu Deus, e ai como é que as pessoas fazem as coisas, eu assim e fico com vergonha, muitas coisas, atitudes, gestos, pensamentos e até sentimentos também. Eu acho que... Deixa quieto (faz uma

pausa)... Eu acho que por causa desta vida não sei até a suruba, e a mulher tem que fazer porque o homem tá gozando, e aí a gente mulher beijando outra e aí a gente tinha que beijar...o que é que a gente, quer dizer, mulheres que não se dão valor, eu na realidade acho que são mulheres que não se dão valor é que faz vida, porque as pessoas, todo mundo passa necessidade mas tem tantas pessoas que passa necessidade e passa até fome e não vai pra prostituição porque? Por que se dá o valor. Agora pessoas que são mente fracas... Sempre tem alguma pra dizer: borá ali, então é o que? Não se dá o valor... vai fazer vida e ser alugada e toda vez que a gente aluga nosso corpo a gente tá disposta a fazer o que a pessoa quer e isso não é se dar o valor. Então, hoje em dia eu não passo mais necessidade, as vezes eu não tenho o açúcar, não tem pão, mas aí eu já invento outra coisa, vou e pego com alguém emprestado, mas não precisa ter essa vida. Você vai às vezes e fica lá o dia todo, mas às vezes nem ganha, porque, aí quer dizer, fica falada de qualquer jeito, e só de você ficar naquele ambiente você já considerada uma prostituta e todo dia você recebe alguma dinheiro, é R\$ 5,00, R\$ 10,00, você pro mercado e não faz quase nada, então quer dizer: você se vendeu a toa. “Na realidade eu penso isso, pessoas que não se amam, não se dão valor, tem que dizer assim: eu tô passando hoje, eu vou conseguir, amanhã vai ser diferente.”

Violência: “Olha eu sofri uma... deixa ver, duas, é vou botar só duas, não vou botar três não. Eu vou botar duas e uma foi com um rapaz que era empresário de Tânia Alves, aquela cantora, ele foi lá num hotel, no vigésimo primeiro andar... e aí lá quem que grita, quem é que te ouvir. Menina, eu lutei com ele de 7 horas da noite até 2 horas da manhã. Lutei, lutei, lutei com ele, e nada e quando eu vi que não podia eu mordi o pinto dele, quando ele viu que saiu sangue, ele fez eu chupar o sangue mesmo e aí eu tive que fazer tudo o que ele queria, depois que terminou ele graças a Deus deixou eu ir embora e eu fui embora. A outra foi esse que eu contei que foi em uma boate, aí eu subi com ele, fiquei lá e ele queria porque queria que eu desse a ele...que fizesse sexo anal, e ele: não você vai e eu não, e aí eu fiquei naquela luta com ele, aí ele me puxava, teve uma vez que ele me puxou e eu bati a testa na cama, aí quando eu bati, aí inchou, aí por causa disso eu pensei, é vou ter que tapiar ele e arrumar um jeito até o rapaz chegar, aí tava assim se aproximando o horário do rapaz bater na porta, porque tava acabando o tempo, aí quando rapaz bateu que ali ele foi buscar a carteira que tava na calça dele que tava pendurada, aí eu peguei e sai correndo nua. Sai correndo nua e desci e me escondi atrás da cortina aonde ficava o palco de fazer o show, e aí foi que ele viu que eu tinha sumido, ele até queria que eu colocasse o pênis dele no ânus e eu não coloquei não. Aí quando foi um tempo depois, eu ficava com medo de encontrar ele na rua, aí depois de um tempo eu encontrei ele, mas acho que ele não lembrava de mim, eu lembrei, porque quem bate esquece na, mas quem apanha se lembra. Então aí eu lembrei dele. Então o forte mesmo foi essas duas vezes. Já teve que o homem não querer me pagar, mas violência sexual só foi essas duas.”

Sonhos: “Dar uma vida melhor aos meus filhos, principalmente a mais velha pra ela não ir pro mesmo caminho que eu vim... Marido eu já tenho, casa eu já tenho, então quero que Deus conserte ele porque ele ainda ta torto, e é viver feliz, ter um pouco de paz, comida na geladeira, ainda hoje é ruim, mas ainda vou melhorar, porque é duro meus filhos pedir uma merenda e não ter é ruim mandar beber suco de saquinho pra tapiar a fome...”

Medos: “Os meus medos? Meu medo não é bem medo, é medo, medo de minha filha dar pra profissional, ser prostituta e eu olhar e ver que... ou ela ta seguindo o meu caminho ou foi falta de apoio, de condições que eu não pude dar a ela e ela foi pelo mesmo caminho. Eu tenho maior medo dela engravidar e acabar indo pro mesmo caminho. E ela ainda virou e disse que tinha coragem de ir pra me ajudar, pra me sustentar... nos estudos ela faz igual a mim, vai e volta, vai e volta, vai e desiste pelo menos ela já tem a oitava série. Eu só fiz até a quinta. Ela como ela já tem relação eu fico com medo. Eu tenho medo também da noite, por incrível que pareça eu tenho medo da noite. Tem hora que eu saio que chega de noite, se eu tiver ate 9 horas ainda na rua eu fico com medo de não ter mais carro e eu ficar na rua. Porque eu já fiquei na rua por causa da prostituição, e é tão triste, tão frio. Ai eu fico com medo... eu fico o tempo olhando pedindo a Deus pra mandar um ônibus...”

Conhece o projeto: sim, “eu acredito que deve ser uns onze anos... acho que deve ter uns anos, porque eu conhecia, mas eu não freqüentava.... eu conheci através de uma Irmã que ia lá na Montanha”

O que acha do projeto: “Eu acho que se tivesse gente como quem fundou o projeto, eu acho que se existisse mais pessoas como quem fundou eu acho que existia menos violência no mundo, menos violência e o importante não é você estar bem, é você estar bem e quem estar bem e quem tiver perto de você e quem não tem oportunidade ta bem também, porque hoje em dia o mundo ta tão horrível, tão cruel, tão só eu, eu, eu, que ninguém pensa nem mais nos parentes, então eu acho lindo se preocupar com as pessoas, principalmente as mulheres da vida que são tão discriminadas por todo mundo, as vezes até pelos parente então se depende de uma mãe principalmente... então já não tem apoio, já é sofrido o dia e a noite e a preocupação de voltar pra dentro de casa e chegar e sempre tem um que implica, fica atrapalhando... e você fica por conta de home, e a gente se sente como se fosse, um coelho na toca de uma cobra, de um leão. Ai ainda por cima sozinha no mundo, sempre tem uma pessoa que dê a mão e diga assim: eu vou lhe ajudar. Porque no caso o projeto, no fundo no fundo, ele diz que não, mas o projeto quer é tirar a gente da vida, assim, porque ele vai dando oportunidade pra você tomar um curso, pra você aprender um outro tipo de atividade pra ganhar dinheiro, ai automaticamente acontece o que, a pessoa acaba ou desgostando, ou até aprendendo a trabalhar de outro jeito e crescer na vida. Ai o que acontece? Eles diz

que não, mas eu acho que o projeto deles não é fazer a gente ficar na vida não, sair a gente sai se a gente quiser, mas no fundo...quantas mulher já saiu da vida....”

O que gostaria de melhorar no projeto? “não tem muito que melhorar”

(A partir desta pergunta a mulher não pôde continuar a entrevista, pois sua filha de alguns meses precisava amamentar).

Mulher 8

Nome fictício para pesquisa: Cintia

Local: Salvador

Data: 19/08/09

Idade: 37 anos

Origem: Brasília

Filhos: 03

Contatos com família: mantém por telefone

Atividades que exerce hoje: batalha

Tempo que ficou na prostituição: Está na prostituição desde 13 anos de idade

Começou na prostituição para ajudar sua família: “Olha desde que eu comecei, eu nunca fui boba, não aceitava fazer qualquer coisa comigo não, por exemplo, esse negócio de sexo por trás eu não aceitava não... eu não sou boba não...nunca fui.”

Desafios: “Olha, a coisa mais difícil na prostituição é a gente ter que agüentar um homem em cima da gente, a gente ter que fazer amor com um homem que a gente nem conhece... é ruim demais, às vezes fico pensando se fosse só um...mas são vários...”

Ganhos: “A vida de prostituição não tem ganhado... quando o movimento está bom ainda vai, mas quando não ta... eu acho que não tem ganho não.”

Perdas: “Perdas? O perigo que a gente enfrenta quando a gente entra para um quarto com um homem e a gente não sabe quem ele é também pegar alguma doença... é isso, tudo é perda, eu pra mim se tivesse outra coisa deixava essa vida.”

Violência: “eu já sofri uma violência. Uma vez eu sai com um cliente e eu não sabia que ele era policial... ai quando a gente terminou o programa ele ficou me agarrando sabe? Ai teve uma hora que eu consegui sai e disse que a gente já tinha terminado,

mas ai ele foi e trancou a porta do quarto. Nessa hora eu vi a bolsa dele caída e vi que tinha uma arma lá dentro. Foi então que eu parei, ele me deu um tapa na cara...com muito custo eu consegui sair do quarto mas ele começou a falar pro dono do hotel que eu tinha tentado roubar ele e pra se defender ele me deu um tapa e é claro que o dono do bar não ia acreditar em mim. Eles disse que ia chamar a policia e eu disse que podia chamar pois eu não tinha nada pra temer. A gente foi parar no batalhão e quando eu falei pro tenente ele xingou o policial e disse pra: Oi, você não podia bater nela não, mesmo que ela seja uma prostituta, mesmo assim você não podia bater nela... Sabe, esse homem ficou com tanta raiva de mim que ficava sempre me ameaçando, as vezes ele vinha aqui na praça pra me ameaçar. Ai eu voltei lá no batalhão e falei pro tenente, ai ele me deu um papel por modo de acontecer alguma coisa... até hoje eu tenho esse papel.”

Sonhos: “Ah eu queria ter minha casa e ter trabalho.”

Medos: Silêncio... “tenho medo do meu filho entrar nas drogas. Ai na praça tem um menino da idade do meu, ele é tão bonito, eu fico vendo ele na rua e no meio da droga, eu fico pensando: ai meu Deus se isso acontecesse com meu filho... todo o dia eu peço a Deus pra proteger pra isso não acontecer com meu filho.”

Conhece o projeto: sim, há 2 anos. Conheceu através de outra mulher.

O que acha do projeto: “Acho bom”

O que gostaria de melhorar no projeto? “Eu ia melhorar a escola, às vezes as mulheres ficam brigando e isso não dá...”

Não gosta no projeto: -

Relação com as outras mulheres: “Minha relação com as outras mulheres ai não é muito boa. Sabe prostituta não amiga, cada uma tem inveja da outra...tá sempre de olho na outra...”

Como se vê: “Eu acho que eu sou muito corajosa, pois já passei por cada coisa. Quando eu vim de Brasília pra cá eu morei na rua, mas nunca deixei de cuidar de meus filhos, eu fazia de tudo pra ele andar limpinho, eu cuidava, ia atrás das coisas, fazia de tudo... então eu acho que eu sou muito corajosa.”

Drogadição: Sim, já usou maconha e hoje em dia usa pacaia.

Relação com Deus: “Oi, eu não acredito nesse Deus ai da Igreja, mas eu acredito naquele Deus lá de cima sabe? Todo dia de manhã eu faço minha oração pra Ele e a noite também... eu peço e ele me atende... outro dia estava tendo um tiroteio lá no bairro ai eu pedi pra Deus: O Deus coloca seus anjos aqui na minha casa. Você sabe que não aconteceu nada? Se Ele me atende é porque eu tenho fé né?”

Situação limite: “uma vez eu fui com outra mulher pra fazer programa com um homem e ele tinha dinheiro ai ela me disse que ia roubar ele. Ela disse: oi, você vai me ajudar. Ai a gente foi pro bar, ela colocou um remédio na bebida dele e depois a gente levou ele lá para calçada, no meio do caminho ele ficou tonto, ai ela pegou o dinheiro dele e a gente dividiu. Depois eu fiquei um tempo sem vir aqui na praça, e ela também, depois de um tempo ela me ligou e falou que ele tinha vindo ai na praça e disse que não ia deixar em paz se não devolvesse o dinheiro. Ela me disse que ia levar ele lá em casa. Oi, eu fiquei desesperada, eu ficava pensando nos meus filhos, não sabia o que fazer... Ai eu pequei os menino, tirei as coisa de casa e nós fomos para Feira de Santana e ficamos por lá um tempo. Quando eu voltei a poeira tinha abaixado, ai a mulher, vizinha do meu barraco me disse que tinha aparecido um homem e uma mulher me procurando, mas graças a Deus depois disso eu nunca mais vi este homem.”

Motivações: “meus filhos me motivam”

Mulher 8

Nome fictício para pesquisa: Roberta

Local: Salvador

Data: 30/06/2009

Idade: 22

Filhos: 02

Origem: Salvador

Contatos com família: “Difícil, porque eu não dou certo com meus parentes, porque essa mulher que me criou não é minha mãe mesmo. Ela é de candomblé, ela é de candomblé, ai não certo e ela tentou bater no meu filho e dá pra uma moça que não é nada minha, é minha irmã de criação. Ai eu tenho medo de uma hora eu passar e ver coisas que a gente não gosta... A menina ta registrada no meu nome e o menino ta com ela... Já tem seis meses que não vou lá...E toda vez que eu vou lá minha mãe ta bebendo e vem me bater. Minha mãe é muito enjoada. Ai eu prefiro viver aqui na rua, pagando o meu hotel, vou pra casa do pai do meu filho.”

Atividades que exerce hoje: Não

Tempo que ficou na prostituição/ Como começou: “Eu comecei com 14 anos...Já tem oito anos. Eu comecei a batalhar no meu bairro, em Piripiri. Eu dizia pra minha mãe que ia pra escola e da escola eu vinha pra uma tal de segunda de lei, na beira

da praia e daí eu comecei a me perder, eu ia pra BR, um lugar perto da Ceasa e depois eu fui pra Pituba ... e sofri muito, e to sofrendo nessa vida de se prostituir. Ai eu tava pensando ontem que eu acho bom eu arranjar um trabalho do que eu ficar vendendo o meu corpo, me jogando fora, que eu dinheiro que ganho não dá nem pra mim me sustentar. Já basta o vício de usar drogas . Eu queria também ter meu quarto para um dia eu dormir com minha filha.”

Outra atividade: “Querida aprender a costurar... é tão bom a gente ter uma profissão.”

Desafios: “Sofrer muito, já apanhei muito de homem tomar meu dinheiro, já sofri muito. Já tomei muito calote. (silencio) Eu queria me livrar disso, isso não é vida.”

Perdas:

Ganhos: “Eu ganho muito dinheiro sabia? A droga me prejudica muito. Eu já pedi uma casa de recuperação pra mim, mas dizem que casa de recuperação não adianta, mas tem que ter fé em Deus, eu ficando aqui é que eu não vou pra frente.”

Violência: “Essa semana mesmo... Olha aqui ô (aponta para o braço), briguei com a mulher, a mulher me jogou no chão, ai eu cai no chão, desmaiei, e eu apaguei, ai a PM me deu socorro e essa menina ta proibida de ficar na praça. Ela achou que ia atrasar meu lado, mas ninguém vai atrasar meu lado, tem que ter fé em Deus e quem vai ficar atrasada é ela... Outra violência foi brocada na Pituba (aponta para as costas), aqui foi o pai do meu filho (aponta o ombro)...brigas...tem o meu dedo partido, de homem. Eu não dou certo com homem, meu negócio é viver sozinha. Não dou certo nem com homem, nem com família. Meu pai é polícia e eu não conheço, ai eu fico assim imaginando: será uma hora eu sai com meu pai e eu não sei. Será que uma hora eu já sai com uns parente meu, primo, irmão e eu não sei. Imagine se eu dormir com uns parente. Imagina uma hora eu conhecer meus parentes e ver assim, eu já sai com ela. Imagine como vai ser.”

Sonhos: “Meu sonho é sair dessa vida e ter meu canto, minha casa, cuidar dos meus filhos.”

Medos: “Medo da violência. Tenho medo de eu morrer.”

Conhece o projeto: “Eu conheci o projeto eu tinha 16 anos.” / Conheceu através de uma colega.

O que acha do projeto: “O projeto é muito bom, é maravilhoso. Aqui não tem outro projeto igual aqui né? Tem? Nunca vi um projeto desse...Acho o projeto muito bom, nem todos lugar faz isso, nem um governo, nem João Henrique. Eu vejo o projeto...assim, esse negócio de mulher, que é difícil né? Eu agradeço a Deus, ter

esse projeto, porque sem esse projeto ...é muito, faz a pessoa ficar bonita, a pessoa ta feia ai a gente fica bonita. Ah eu me sinto bem. Gosto daqui...”

O que gostaria de melhorar no projeto? “Ter mais atividades como costura.”

Não gosta no projeto: -

Relação com as outras mulheres: “Eu não tenho colega. Minha colega é Deus, minha mãe e meus filhos.”

Como se vê: “Eu acho de mim mesma? Eu acho eu bonita, charmosa, elegante. Eu acho eu uma nega muito bonita, mas só que to me jogando fora. Eu tenho que acordar pra vida enquanto é tempo, que quando eu tiver velha, ninguém ... eu não vou voltar quem eu era né? Eu tenho que me aproveitar ...eu tenho que me dar valor né, porque eu não to me dando valor, eu to me jogando fora. Eu sou uma negra bonita, todo mundo fala. Eu sou uma negra bonita.”

Drogadição: Crack, bebidas alcoólicas.

Relação com Deus: “Eu peço a Ele todo dia pra Ele me tirar desta vida. Sempre que me acontece alguma coisa comigo eu chamo por Ele e Ele me ajuda. Ele está perto de mim. Deus é muito maravilhoso... Tem uma música que diz assim: Caminhando sem destino... era assim que eu andava, dando um passo para frente e dois passos para trás... Ao lugar que eu chegava.... Carregava a minha cruz, que eu não ia conseguir sem a ajuda de Jesus ...eu tentei sozinho e quase me acabei... Essa música é minha vida. Minha cruz é meus dois filhos né? Que sozinha né eu não consegui carregar eles. E a todo tempo eu chamo a Ele e Ele me ajuda. Tem muita gente que não acredita em Deus não, mas eu acredito.”

Situação limite: “Foi que um cara saiu comigo e partiu a minha orelha... e eu quero me livrar também da cachaça. Quando eu fumo droga eu bebo cachaça e todos os tipo de bebida... e eu não era assim.”

Motivações: “Ser feliz”

Mulher 9

Nome fictício para pesquisa: Sandra

Local: Salvador

Data: 16/06/2009

Idade: 52, sou de 1957.

Filhos: 01

Origem: “Eu mesma nasci no Estado de Pernambuco, mas foi no mato, no mato mesmo, no mato mesmo sem nada, a casa de meu pessoal era tudo casebre, umas casinha de palha, dentro do mato, só tinha vereda e caminhozinho pelo meio do mato. Eu vivi lá até 14 anos. Eu caçava pra comer, de noite meu pai ia pra caçar, eu ia com ele, a gente... de manhã a gente trazia cutia, preia, paca, trazia veado, trazia juriti...tudo isso. A gente era quatro filhos, duas mulher e dois homens. Mas hoje eu perdi contato com minha família, tem mais de 20 anos.”

Contatos com família: Não mantêm.

Atividades que exerce hoje: “Às vezes quando encontra uma lavagem de roupa, uma faxina, eu faço.”

Tempo que ficou/ está na prostituição: “Tem 25 anos.”

“Eu trabalhei na casa de uma senhora, de lá eu fugi...ai pronto eu vim pra salvador, comecei com as colega chamando que era bom, que o trabalho a gente recebia por mês, e se a gente for batalhar toda hora a gente tinha dinheiro, eu novinha né? Doida mesmo. Ai eu digo eu vou. Você fica ai trabalhando por mês, não dá pro você comprar suas coisa boa e você vai ganhar seu dinheiro, toda hora você ganha seu dinheiro. Ai eu fui pra casa de uma mulher, numa boate. Daí então fui para Aracaju. Ai eu fiquei nessa boate...Passei 4 anos, 4 anos lá dentro. O dono me adorava. Oche, eu ganhava dinheiro, eu andava de avião, passeava de avião, eu nova, eu ganhava dinheiro fim de semana, eu ganhava dinheiro segunda, terça, quarta, quinta, sexta. Sábado de noite eu me picava pra Maceió, chegava lá ia pras praia de Maceió, curtir, não me lembrava do futuro. Agora eu ganhei muito dinheiro. Mas só empreguei em curtidão. Nem luxo não era, que eu nunca gostei de luxo, esse negócio de passar lame, me maquiar, andar cheia de jóia, eu tinha condição de comprar jóia...eu nunca liguei pra isso, luxo não, eu gostava era de curtidão, chegar na praia colocar uma mesa de cerveja e ficar lá...eu já vim do anterior, eu passei na casa de uma senhora, essa senhora me colocou na casa de uma família pra eu trabalhar e lá as menina começou a conversar, ai nós começamos a vida de batalha, até hoje, e até hoje eu não achei futuro.”

Desafios: “Já encontrei muito... Já encontrei revólver na minha cara, já fui baleada, já encontrei cara pra me dar murro, dizer que tinha ciúmes de mim. E já encontrei muita violência. Só não encontrei violência, porque eu sempre me cuidei. Quando era de manhã eu ia pra feira comprar óleo. Lá na boate eu no é de caju buscar casca de caju, cozinhava, fervia, aruera, essa coisas tudo, eu fui esperta, nunca peguei doença nenhuma graças a Deus. Sempre me cuidei, mas esse negócio de dinheiro pra guardar, agora me cuidar da minha saúde, sem médico, agora que ainda to indo, é muito difícil eu ir no médico, eu to com vontade de ir no médico

porque eu to sentindo uma dor aqui assim,mas eu fiz um xarope de babosa e o suco da batata inglesa, ralei a batata, espremi, bebi, as dores são aqui nas mamas...mas eu tomo meus remédio, eu mesmo me cuido, eu me lavo com água, com chá e me sinto bem.”

Perdas: “Pra mim foi péssimo, pra mim foi péssimo, não tem futuro nenhum, só levei muita humilhação. Curti muito também, mas levei muita humilhação, fui muito sacaneada, por dono de casa, quando entrava uma dona de casa boa tudo bem como aqui em Camaçari eu morei 5 anos numa boate, 5 anos com Angelina, ela me tratava como se fosse uma filha... Todo o lugar ela me colocava no carro dela eu ia com ela passear pra todo canto, 5 anos eu morei na casa dela. Mas também eu era *paviola* (expressão pra dizer quer danada), eu calcava o dente em bebida quente,era bebida gelada, era tudo pra dar lucro a ela, fazia de tudo, mas aquilo que eu gostava, não era pra puxar o saco dela, é que eu gostava de beber, ficar azoadada, os home chegava me achava engraçada que eu ficava dançando em cima das mesa, aquilo pra mim era um presente que Deus me dava, só que o contrário, era um presente que alguém lá no fundo do poço me dava, pra não dizer aquele nome feio, aquilo não era de Deus. Eu hoje me sinto envergonhada de fazer vida. Eu não me sinto bem de sentar nesta praça, nunca me sentei nela, depois que eu vim pra Salvador, nunca me sentei nessa praça, nunca me misturei com elas ai, conheço, passo, oi oi, fico ali batendo papo co uma batendo papo com outra já saio logo, não me sinto bem. Vou pro bar. Agora mesmo eu tava ali comendo, eu tava comendo, e o senhor pagou a comida pra mim, eu almocei, eu, ele e uma menina que tava ali, mas não me sinto bem e ta batalhando, tanto que eu to procurando um lugar pra colocar a guia. Porque se eu botar minha guia e me perguntar: você repõe o prejuízo eu reponho, porque eu não quero nada dado, porque ninguém ta pronto pra dar. Eu chorei lá no CRAS quando eu fui, porque a mulher deu 20 conto pra eu pagar minha passagem, pagar meu transporte pra ir atrás deste meu registro. E eu chorei, chorei, ela disse: não chore não e ela me disse vá e venha sempre onde estou. Gostei muito dela. Então, se fosse pra mim fazer outra coisa eu queria trabalhar...eu quero trabalhar pra mim e também esse negocio do projeto, pra gente fazer a feirinha, já to alegre, eu disse até pro meu companheiro. Porque ele nunca sabe que eu batalho, eu tenho medo de um dia ele saber, acontecer uma coisa pior como eu vi essa menina ai que mataram, esta noite, tava grávida, a criancinha morreu agora de manhã, quando tava levando ela pra tirar ai ela morreu, a criancinha, oito meses ”

Violência: “Já sofri muita violência. Aqui na Barroquinha mesmo agora ultimamente, tem uns 5 meses, aqui na Barroquinha que quase que eu vou caluniada de um senhor que eu tava bebendo com ele e tava eu e outra, a outra pegou o dinheiro dele e ele achou que tinha sido eu e me levou pra delegacia. Quando chegou o soldado que ia me bater, ai eu disse: se você me bater eu vou levar pro ministério público, eu passo lá de vez em quando ele vê que meu comportamento é outro ai ele diz: olha o comportamento dela é outro...por isso que eu me revolto, eu não quero

estar nesta vida, eu não quero mais estar nesta vida não. É tão provável que eu to mais vivendo deste Ticket, to mais vivendo deste ticket, eu arrumo um dinheirinho, eu compro uma carne, compro uma verdura, que o ticket não tem carne nem verdura, eu compro um tempero. Mas eu ta assim nessa batalha, eu não to mais, eu não me sinto mais, eu me sinto envergonhada pela minha idade, eu me sinto envergonhada.”

Sonhos: “Meu sonho é ter minha casa própria e trabalhar pra mim, e ver isso aqui é meu, eu to trabalhando aqui com minhas mãos, lutando, meu sonho é esse, não quero luxo, não quero vaidade, não, não quero uma casa cheia de som, tanto que nem geladeira eu tenho em casa porque a minha queimou e eu nunca mais tive condição de comprar, se eu tivesse na batalha como eu tava antigamente eu já tinha comprado, mas eu não quero mais, deixa como Deus quer, como Deus...queimou minha geladeira e Ele ainda não me deu condição de eu botar outra dentro é porque Ele acha que tudo tem seu tempo.”

Medos: “Medo é esse de eu sofrer uma decepção, de o home querer vir me usar mais do que eu puder, explorar sexualmente, e é o que mais acontece, fazer coisas que eu não quero fazer e ele exigir que eu faça...já aconteceu isso, só que eu sai de dentro da quarto, abri a porta, mas aconteceu várias agressões comigo assim, eu largo lá e vou-me embora, não vou brigar, eu falo: peraí peraí e vou caminhando até a porta, ai eu abro a porta, deixo roupa, deixo tudo...mas já aconteceu comigo.”

Conhece o projeto: “Já em mais de 8 anos.” Conheceu através de uma agente (irmã)

“Foi depois da escola, da minha escola que eu me apeguei mais, que eu tomei mais conhecimento do que é o projeto”

O que acha do projeto: “Pra mim é maravilhoso, eu na rua eu to numa tristeza, em casa eu me sinto muito só, me sinto... aqui eu me sinto com os meu parente.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “a relação entre as mulheres”

“eu ia fazer uma reunião e dizer assim: olhe aqui é uma casa de vocês, mas é uma casa que merece respeito, consideração de tudo, não é pra ta aqui com nome, não é pra ta aqui xingando, não é... ninguém é dono daqui...não é pra querer mandar...tem muitas coisas errada aqui entro que eu olho abaixo a cabeça, eu na mina concepção tinha uma reunião pra falar disso.”

Não gosta no projeto:

Relação com as outras mulheres: “A minha relação com elas ai é oi, bom dia, boa tarde, é assim, problema meu eu não converso com elas e elas não vão me dá jeito,

que elas também são o mesmo meu caminho, são o mesmo eu, eu sou mesmo elas, elas são o mesmo a mim. Que adianta eu ir me queixar pra elas o meu problema, passar minha dor pra elas que elas já são doídas né? Que elas já estão machucadas...pra quê? Pra quê? Então eu tenho que conversar com elas coisas alegres, minhas conversa com ela é pouco, são pessoal tudo desatinada na vida, igual a mim, que eu não vou dizer que eu também não sou desatinada e pronto. As únicas pessoa que eu conto os meu problema são vocês aqui, mas pra elas eu não conto, que são iguais a mim, são desatinadas, né? Não tem caminho, não adianta eu falar : ã fulana eu to num sofrimento assim, assim, se ela ta no mesmo sofrimento.”

Como se vê: “Eu acho em mim que eu sou muito autentica e autoritária. Eu sou muito guerreira, olha pra você vê: meu companheiro ta sem trabalho mas ele não deixa de comer, ele não dorme no chão, eu corro atrás, porque quando ele tinha ele me dava, então eu to aguardando ele trabalhar, ele ta correndo atrás de um trabalho, então enquanto ele não ta trabalhando a mulher e o homem tudo sou eu dentro de casa, corro atrás.”

Drogadição: Bebida alcoólica.

Relação com Deus: “Com Deus quando é de madrugada eu converso muito Ele. Você sabe, você é filha de Deus, você conversa com Deus e você sabe que Ele atende mais nós mais de madrugada porque é o horário que todo mundo ta dormindo e Ele ta lá ó, acordado, que Ele não dorme, ai Ele ta acordado olhando quem ta chamando por Ele e pedindo alguma coisa dele e cobrando dele. É de madrugada. Uma hora dessa Ele ta olhando todo mundo, mas de madrugada ta silêncio, é o silêncio da noite que Ele ta lá olhando tudo e botando no livro dele, então é aquele horário que Ela ta. É esse horário que eu converso com Ele. Eu não converso com Ele assim 6 horas da noite, que todo mundo ta 6 horas da noite. O mundo inteiro que confia nele, que acredita nele ta 6 horas da noite. O mundo inteiro que acredita nele, que confia nele ta meio dia. De madrugada, 2 horas, 3 horas, 3 e meia, já 4 hora já ta tumultuando, a mente já ta tudo poluído... naquele horário, naquele silêncio é o horário que Ele ta ali. Meia noite tem muita gente fazendo oração pedindo a Ele, clemência pra Ele. Ele vai me ouvir, mas é tantos, é tantos que aquele horário ele bota tudo lá, tudo que a gente pede Ele. Agora mesmo Ele ta ouvindo o que eu to dizendo, Ele ta lá , ta lá escrevendo, mas é tantos que tem lá que Ele ta ó...é o mundo inteiro...o mundo inteiro... Então Ele ta lá... e é de meia noite em diante é que Ele ta silêncio, é o horário que eu chamo por Ele e converso com Ele e peço a Ele, se ainda não fui atendida é porque Ele tem muitos caminhos, e tem muitos também no horário que ta acordado pedindo a Ele, clemência a Ele. Eu levanto de madrugada ponho o joelho no chão e fico perto da minha Santa Barbara, de meu São Jorge que eu tenho ele lá ó, com minha vela acesa, porque eu tenho meu altazinho lá: Santa Barbara, São Jorge, Nossa Senhora do Perpetuo

Socorro e a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo. De trás de minha porta eu boto o joelho no chão e fico pedindo: Senhor se eu merecer me ajuda, perdoe-me, se eu briguei com Ele...”

Situação limite: “Eu andei numa pista, eu andei numa pista 300 Km de pé, noite e dia, de noite eu andava pelo mato, de dia eu ia pra pista, porque um homem me deixou em Barreiras, na estrada de Barreiras, eu não sabia nem onde era a Bahia, ele me trouxe pra aqui e me meteu lá em Barreiras e lá ele me largou porque eu não fazer o que ele queria. Ai ele me largou, me deixou lá debaixo de um pé de umbu, você vai ficar aqui , eu vou me embora, mas você vai ficar aqui na sombra, sol quente e eu andei 300 Km pra alcançar um posto de gasolina, alcancei este posto de gasolina, arrumei lá um rapaz que despachava gasolina lá dos carros, contei minha situação e ele disse: você já comeu? E eu disse: Não. Eu comi, ele me mandou tomar banho, tomei banho, ai ele disse: olhe você vai tomar banho, vai comer, e eu vou esperar um carro conhecido que passa aqui pra lhe botar, pra você ir pra Camaçari.”

Motivações: “Primeiro: se eu soubesse ler, eu acho que eu dava nó em pingo d’água, se eu soubesse ler eu tava num bom emprego porque eu sei conversar e eu tenho muito conhecimento, tem um cidadão disse assim: tire seus documentos que eu coloco você comi minha secretária, como que eu vou fazer? E ia me pagar muito bem...Ainda hoje eu tenho o endereço, mas eu não fui não, pra dizer assim, eu não sei ler, mas agora eu to aprendendo.”

Mulher 10

Local: Belo Horizonte

Data: 18/05/2009

Idade: 51 anos

Filhos: 3

Origem: Teófilo Otoni

Contatos com família: “Com meu filho, porque eu não fui criada com minha família, minha mãe morreu eu tinha 7 anos...lá em Teofilo Otoni. Meu pai me deu para os outros eu tinha 7 anos.Então a relação que eu tenho é só com o meu filho.”

Atividades que exerce hoje: Artesanato (aprendi aqui na pastoral), pintura de pano de prato, se interessa fazer corte e costura

Tempo que ficou na prostituição: “Lh tem bastante tempo...tem anos eu não sei dizer porque, eu entro e saio, porque as vezes eu trabalho em casa de família também, quando aparece um bico assim eu faço faxina. Sempre trabalhei em Belo Horizonte, em praça pública, desde...comecei com 20 anos...vai e volta...estive casada né? Mas meu ex marido me roubou meu dinheiro o dinheiro que eu tinha de uma vida toda, ai eu fiquei sem nada né? E foi com muita luta pra mim criar meus filhos, foi com a ajuda das professora deles, a ajuda de outros pais, as vezes a gente dividia marmitta de comida com meus filhos, mas graças a Deus eu venci e meus filhos são formados...”

“na batalha eu conheci uma colega que é evangélica né? Ai uma vez eu tava sem, fazia dinheiro pra comprar um quilo de cada coisa, com camelô. Ai essa colega minha falou assim comigo: que eu tava fazendo, que tinha uma coisa que eu podia fazer pra conseguir dinheiro pra sustentar meu filho. Ai, me perguntou: por que você não vai pra rua? Lá você consegue dinheiro, num dia você consegue dinheiro pra você pagar suas contas sustentar seus filho. Ai um dia, eu com muita vergonha, eu vim fiquei de cara no chão, depois... isso foi agora né? Porque na outra época foi outra colega que me induziu e to falando dessa época de agora. Ai eu peguei e vim e custei me acostumar de novo, mas acostumei, consegui criar meus filhos, estudar, agora eles estão formados graças a Deus. Hoje todos três são formados.”

Desafios: “Prostituição... os maiores desafios são porque os homens não respeitam mais a garota de programa, porque uma fazer de tudo com ele, eles acha que a gente tem que fazer de tudo com ele, de tudo assim né? Dar atrás, em chupar eles, e... e... outras coisas mais, então isso pra mim é uma barbaridade... pra mim é desafiante.”

Perdas: Perdas? É ... (pensativa) porque as vezes muita gente, considera a gente como gente de verdade, considera que a batalha da prostituição é como outra profissão qualquer e a perca é aquela que outras pessoas acha que a gente é bicho e ai passa e reza o credo na gente...pra mim é perca porque eu não sei qual o pensamento destas pessoas que passa por a gente e reza o credo né? E eu nunca fui mulher de ficar em hotel, sempre o meu negocio foi trabalhar na rua que na rua eu vou no hotel e se eu ganhar aquele é meu e se eu não ganhar eu vou embora do mesmo jeito... ou eles fazem e acha que a gente tem que ir pro quarto com eles assim mesmo e é uma coisa que eu não aceito.”

Ganhos: -

Violência: “já sofri violência com colega...ela foi me violentar e foi agredida por um segurança”

Sonhos: “meu sonho? Ah, mas esse sonho é bem difícil, que o meu sonho é produzir bastante colcha e produzir, e eu joga na mega sena de vez em quando, o maior sonho é ganhar na mega sena”

Medos: “Meus medos é ser contaminada por uma coceira, por uma HIV porque ai assim naquele negocio de abraçar e o cara fica querendo coçar na gente..”

Conhece o projeto: “eu conheço há muito tempo, só que na época eu não freqüentava muito, eu vinha por aucauso... porque não era aqui...tens uns 17 anos a 18 anos”

Conheceu através de uma amiga.

O que acha do projeto: “A Pastoral é muito bom, porque eu aprendi muito aqui, aprendi...tava aprendendo a ler e escrever, tem os curso que a gente aprende que é vários cursos...e os cursos de bolsa ta sendo outro curso que eu gosto...e agora vai ter o curso de corte e costura que eu vou aprender também.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “Se fosse pra eu melhorar, ou se eu pudesse melhorar né? Eu acho que eu melhoraria a vida de algumas mulheres das drogas que so conhece a pastoral na hora do lanche.”

Não gosta no projeto: gosta de tudo

Relação com as outras mulheres: boa

Como se vê: “de mim mesma? Eu sou alegre, dócil, eu uma pessoa muito boa e por ser dócil já sou boa né? Uma pessoa alegre e feliz por ter meus filhos comigo...e todos trabalhadores e hoje estou construindo minha casa, já to dentro dela, hoje eu dou gloria a Deus por ter minha casa, dou gloria a Deus por tudo né... minha vida já foi boa e depois meu ex marido me roubou, ficou ruim de novo e agora eu levantei, ta tudo bem, graças a Deus.”

Drogadição: não

Relação com Deus: “Minha relação com Deus é porque tudo o que eu peço, desde menina que eu perdi minha mãe tudo o que eu pedi a Ele, ele me deu. Na época que meu ex marido me roubou, eu falei que não era agora que Deus ia me desamparar. Chorei muito na verdade, porque só comecei a entrar em depressão porque uma coisa que você construiu uma vida toda é uma coisa que você te que ajoelhar e falar muito com Deus pro CE puder superar aquela perda que você teve materiais né, e com filho pequeno. Então minha luta com Deus é essa, eu tenho muita fé e Ele sempre me ajudou. Tudo o que eu tenho eu agradeço a Ele.”

Situação limite: “Na minha vida teve, porque na minha vida, é como eu estou te falando: foi quando meu marido foi embora, fechou a minha conta no banco como se

eu não morasse mais em Belo Horizonte, comprou um atestado em São Paulo e disse que eu tava entre a vida e a morte no CTI em São Paulo, assim falando pra gerencia do banco do Brasil. Então o pior momento da minha vida foi esse porque o dinheiro que eu ajuntei uma vida toda, trabalhei desde os 17 anos e minha patroa sempre ajuntando meu dinheiro e quando eu tinha 13 anos minha patroa me deu a caderneta e falou, me explicou como eu depositar. Então meu ex marido me roubou eu já tinha 24 anos quando ele me roubou meu dinheiro. A situação pior pra mim foi essa, porque eu mais meus filhos passamos até fome. Agora hoje não, hoje graças a Deus com todo trabalho e na época ele falou assim que meus menino ia virar ladrão, que é os filho dele também, falou que minha filha ia virar prostituta, mas graças a Deus minha filha é virgem ainda.”

Mulher 11

Nome fictício para pesquisa: Tânia

Local: Salvador

Data: 18/06/2009

Idade: 52

Origem: Itapetinga- BA

Filhos: não tem

Contatos com família: “Tem dois anos que eu fiz contato com minha mãe. Agora eu falo assim com minha irmã que mora aqui em salvador. Agora mesmo ela vai viajar e eu vou ficar só.”

Atividades que exerce hoje: Fazer sabonetes

Tempo que ficou/ está na prostituição: “Eu sou mulher da vida desde 11 anos de idade. Só que eu já saí e voltei. Fiquei muito tempo doente entendeu? Já tem 4 anos que to doente que eu sofri derrame. São 4 anos. Ai eu passei mais ou menos 3 anos afastada daí. Depois eu voltei. Eu comecei assim lá no interior, a gente trabalhando, ai foi um patrão, que eu trabalhava na casa de babá, ele me fez mal, eu tinha 11 anos entendeu? Ai depois eu passei... Ai quando foi já que eu tava com 16 anos ai eu sai com ouro homem, ai eu bebi, ele tornou me pegar de novo. Foi duas vezes já. Foi a força. A gente tava bebendo. Quando eu acordei eu tava num lugar lá que ele me levou cheia de sangue. Foi duas vezes já. Duas vezes, que ele...quando eu acordei eu tava lá no lugar, porque no interior tem esses lugares que alugam quarto, sabe? Ai pronto, ai ele me fez mal, quando eu acordei tava toda...i uma mulher ficou me tapeando, eu dizia que ia dizer a minha mãe ... Ai passou, ai quando eu fiquei de

maior eu fui pra Vitória, Espírito Santo, fugi de lá, passei dois anos sumida, depois apareci, a depois eu sumi de novo, fui pra um mucado de lugar...depois fui pra Recife. Trabalhei também em São Paulo, teve uma época que eu fui pra São Paulo, trabalhei um anos e seis meses lá, mandava dinheiro pra minha mãe, porque meu pai morreu. Depois que eles me fizeram mal fui pra São Paulo. Depois eu voltei pra lá e fugi de novo. Ai não voltei mais pra casa, fiquei no mundo e me criei pelo mundo entendeu? Eu me sinto sozinha. Eu não dou sorte com colega, até minha própria irmã quando eu morava no interior eu morava com um homem e ela pegou meu homem. Quando eu tomo amizade, aquelas que eu mais amo assim,não dá certo...”

Desafios: “Ah, é pegar o pessoal que você nunca viu, todo tipo de gente ta entendendo? Como ai agora mataram essa menina dentro do hotel ta vendo? E gosto de mim. Policial tudo me ama... Eles mesmo falam: qualquer coisa que acontecer...o quê? Você é das antigas.Então essa coisa que aconteceu comigo, mas eu deixo pra lá (referindo-se a violência sofrida por outra colega), ela é uma pobre coitada também. A gente bebida junto. Eu me pego com Deus e não guardo mágoa de ninguém.”

Perdas: “Pra mim minha filha o que a gente ganha na prostituição não vai pra frente. Eu fui uma mulher pra ser rica, pra ser dona de casa, dona de carro, ganhei dinheiro, mas depois peguei doença e ai são essas coisa, mulher da vida só morre de doença brava ou matada...porque eu também sou geniosa, se eu for pro quarto e não querer pagar eu vou brigar mesmo... As perdas é que a gente ganha o dinheiro e parece que o dinheiro não fica, o que fica é esse dinheirinho ai que eu ganhei, foi trabalhado ... agente compra roupa, compra tudo e parece que some. Agora eu ganho aqui e guardo e ponho lá e vou juntando.”

Violência: “O homem me deu um murro uma vez, ele não me pagou e me deu o murro no olho, meu olho ficou inchado...Comigo agora isso não acontece mais, porque eu quase não to mais ficando, Deus tá me dando força e eu to fugindo daí. Ai ele ficou comigo, eu andava cheia de ouro, tinha uns anel muito bonito, eu era mulher da praça e ladrão nunca me tomou, ai ele chegou disse que ia me dar R\$ 50,00... ai eu fui com ele, ele chegou meteu a porta assim, ai ele pegou e falou assim (depois do programa) você vai me dar o dinheiro que eu lhe dei, ai ele me deu um murro aqui, ai eu peguei e dei o dinheiro a ele, ai ele queria tomar minha corrente entendeu? Ele queria tomar minha corrente, ai eu fiz assim, a corrente estava no meu pescoço, eu disse: não, não vou te dar minha corrente não, já te dei meu dinheiro, você me usou ainda tomou meu dinheiro, ai ele chegou desceu, desceu correndo, ai eu peguei fui chorando lá pra baixo ai os cara veio assim, veio quatro homem pra procurar ele, e não achou ele, ai passou um tempão ele parou ali na esquina e me deu uma goelada, era copa do mundo quando perdeu pra Argentina, ai ele me deu uma pesada e eu revidei, quando ele caiu eu disse: é esse ai que me deu calote, que me bateu, quando eu falei, eles bateram nele...eu então

andava sempre com um facão na cintura, eu falei pra ele: você é ladrão, você usou, você me roubou... ele sumiu depois, acho que mataram ele.”

Sonhos: “Botar um negócio pra mim entendeu? Trabalhar, ter o meu dinheiro, que eu ganhe um bom salário. Dar uma volta nesta vida que eu levo entendeu? Cuidar da minha saúde e ter uma casa pra morar, sair do aluguel, que isso não é vida, pagar aluguel, eu moro trinta e tantos anos na Bahia pagando aluguel, é brincadeira? Era pra mim ta pagando aluguel? Não era. Era não... Se eu cheguei aqui com 20 anos, 20 anos, eu tenho aqui 52 anos, são mais de trinta anos...eu vim nova, bonitinha, magrinha, se alguém batesse em mim eu arranjava briga, hoje não e aqui que comecei a mudar neste projeto porque antes eu era geniosa, hoje eu não sou não, você não vê não, antes eu chorava, xingava, agora elas brigam comigo e eu nem ligo.”

Medos: “Eu tenho medo de continuar nesta vida e as pessoas me fazer um mal a mim. Eu nunca tive medo, mas agora eu tenho medo porque eu to aqui e se tem uma mulher, se ela sabe que sou danada, ela sabe que se me bater eu vou voltar com uma faca, alguma coisa, fazer vingança porque eu jurei que a próxima mulher que encostar o dedo em mim agora eu vou lascar, eu falei mesmo, eu falei pra minha irmã, minha irmã disse: pelo amor de Deus M. saia desta vida, ela fala, porque eu sei que você tem coragem de fazer mesmo, e eu tenho medo esse negócio e ficar me batendo. Eu ganhei o mundo, não dei pra ladrão, não dei pra vagabundo, nunca gostei de ladrão, nunca. Uma mulher, 30 anos nesta vida, só fui presa uma vez brigando, uma, detida. O cara (policial), entrou no quarto, me deixou assim, eu toda bonita, ele disse: você ta linda, você é uma menina toda arrumada, não é o tipo de mulher que...ele me puxou no conto e disse vá embora vá, era ali na 2 de julho...eu sou ,mulher doente, nunca entrei no crime, tenho os meus direitos...agora bater em mim como eu vejo, chega pá pá, bater na cara, na minha não.”

Conhece o projeto: “Vai fazer 10 anos... desde quando era lá na igreja.”/ Conheceu através das Irmãs.

O que acha do projeto: “Eu gosto do projeto. Pra mim é tudo. Se eu pudesse eu ficava aqui direto no projeto, trabalhando, eu gosto muito do projeto. Quando eu fiquei doente mesmo, poxa as irmãs foram até lá no hospital comigo, quando elas souberam que eu tava internada encheu o HGE, e toda chorosa, eu com a perna quebrada, ai elas fora lá levaram fralda..elas iam direto...todas elas iam...ai elas diziam: venha cá, borá pra casa, borá e elas iam comigo, eu andava de cadeira de roda e elas me ajudavam.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “mais coisa pra gente fazer, um trabalho, se fosse ter um trabalho pra gente sobreviver daqui mesmo tava era bom, se fosse todo mês eu ia ter meu dinheirinho, ai eu ia pra casa, eu não tenho filho, ai eu me

virava bem... eu compro minhas coisas tudo lá na feira, ainda dava pra comprar minhas coisa, porque eu sou vaidosa mesmo, agora não vou ficar com fome pra comprar roupa...”

Não gosta no projeto: “às vezes tem algumas mulheres assim, do projeto nada... só quando algumas mulher assim...”

Relação com as outras mulheres: “Elas não são muito chegada a mim não... elas não são vaidosa, anda de qualquer jeito, eu não, sou vaidosa, sempre fui... Depois eu cai fiquei doente, os coroa gostava tudo de mim, tinha um que me dava caixa couve, as mulher ficava tudo de olho em cima, depois que quebrei essa perna que eu voltei que ficou mais difícil...”

Como se vê: “Eu acho assim que eu fiquei, mas eu sempre fui vaidosa, eu sou caprichosa, e vivo sozinha. Mas eu agradeço a Deus também, todo poderoso, Ele é maravilhoso... Eu acho assim sabe apesar de tudo eu me acho um mulherzão mesmo, eu digo: eu sou muito mulher, sou muito aceada, você precisa ver minha casa, minha cama, eu, eu fico em casa, eu cuido mesmo.”

Drogadição: -

Relação co Deus: “Pra mim Ele é tudo. Se eu pudesse ver Ele perto de mim, mas eu não sei nem como Ele é, mas eu sei que Ele é muito presente. As vezes eu to sofrendo, chorando e eu falo assim: o Senhor me dê forças, eu não quero essa vida Senhor. Eu converso com Deus, eu converso com ele, eu digo o Senhor eu to aqui. Ai eu falo: o meu Deus manda teus anjos pra me acompanhar Senhor, você viu o que aconteceu com minha colega Senhor (referindo-se a uma colega que foi morta no hotel) uma menina que é igual a gente Senhor (e chora). Toma conta de mim. Eu peço pelas minha colega, peço pra nenhum mal acontecer a elas, eu não falo, mas eu peço por elas, pois elas são pessoas como eu. O Fernanda, eu lhe digo, essa é uma vida que eu não desejo pra ninguém, é tanta menina bonita que chega ai, e eu digo: o filha você ta entrando sai daí, ai elas me dizem: você ta toda lenhada e ta dizendo isso e eu digo: não filha, isso não é vida. Ai eu digo: Deus mostre meu caminho para mim. Mostre um caminho pra sair daqui, se o Senhor achar que eu to demais o Senhor mostre um caminho pra mim, ajuda eu.”

Situação limite: “Teve... aqui na Bahia tem esse negócio de macumba, a gente que não acredita, mas olho grande, coisa ruim acontece. As mulheres botava meu nome, depois eu ficava assim, ai tinha uma mulher ali dentro do pelourinho e eu ia lá. Na Bahia tem isso, era alguma coisa que elas fazia pra eu não ganhar dinheiro... Tem uma fase, diz que mulher da vida tem uma fase, quando a pomba gira abre e fecha, assim dizem né, mulher da vida... é fase ...quando eu fui pra Belo Horizonte eu pegava 30 homem por dia, a gente fica toda machucada, isso não é vida de gente, por isso que eu me acabei entendeu? Se eu não fosse mulher que faz exame todo

ano e olha que peguei todo tipo de doença, todo tipo, isso não é vida, pegar todo tipo de homem, eu não desejo isso pra ninguém.”

Motivações: “Deus. Eu digo pra Ele: Senhor mostra um caminho e não me abandona neste lugar e eu digo mesmo, esse lugar aqui não é vida. Será que o Senhor vai me deixar, o Senhor não me deu nenhum um filho. Eu tirei meu útero eu tinha 30 anos...Já peguei tipo de doença na rua, doença venérea, qualquer uma que vê eu conheço.”

Mulher 12

Nome fictício para pesquisa: Luana

Local: Belo Horizonte

Data: 18/05/2009

Idade: 48 anos

Filhos: 01

Origem: Paulo Afonso- BA

Contatos com família: sim

Atividades que exerce hoje: “vendo cosméticos e pinto pano de prato pra vender”

Tempo que ficou na prostituição: “De 1983 pra cá, só que muito tempo eu fiquei junto né, eu vivi 17 anos juntos, depois me separei, ai vim pra João Molevade, passei 3 anos sozinha e depois vim pra cá, pra Belo Horizonte...o inicio foi que eu me separei do meu marido ai eu fui pra casa da minha mãe, ai como minha mãe é daquele povo antigo e não queria que eu arrumasse homem, que era pra ter só um marido e pronto, ai ela chegou a me acorrentar né...ai minha irmã foi atrás de meu cunhado pra eu sair, mas eu não podia ficar na cidade...eu tinha 22 anos, ai eu fui pra uma zona lá...ai fui pra lá, quando eu cheguei lá deu tudo errado, porque eu tava começando, não sabia de nada, então chegou lá um menino novo, estudante, ai pediu pra mim, ai assim, que eu fosse pro quarto e eles fossem assim, eu transava com um e transava com outro, pra sair o preço que eles pagava, eu era inocente, eu era boba demais, só que na hora que os meninos entrou acho que alguém dedurou, ai bateu na porta né, ai bateu na porta...ai entraram no quarto e gritou comigo... e falou que eu não podia ficar lá e isso já era tarde da noite me deixou pra pegar carona, eu sem dinheiro, com a roupa do corpo, fiquei lá no trevo sem dinheiro sem nada, ai tinha um restaurante que tava começando a fazer uns andar em cima, ai um rapaz me chamou e perguntou: quer um cafezinho, e eu falei: não to sem dinheiro e

ele disse: não pode tomar. E ele me deu um cafezinho, ai ele disse: ó se você quiser dormir lá em cima, estão fazendo uns quarto novo, só tem cama e um colcha e depois eu vou lá. Ai eu falei: então te. Ai eu subi e não tinha janela no quarto ainda, tanto que eu passei a noite acordada com medo daqueles morcego né e o cara não subiu nem nada, ai quando foi de manhazinha eu desci ai ele me deu um cafezinho. Ai eu tomei um cafezinho e fui pra a estrada pegar carona, e o primeiro carro que passar eu pensei eu vou voltar pra onde eu tava claro...ai peguei uma carona no posto, ai eu disse: bom pra onde você for eu vou (risadas). Ai fui pra um lugar né... interiorzinho né, ai lá ele me deu dinheiro pra mim comprar roupa e tudo, e eu não fiquei com ele nem nada, porque ele tava a trabalho né, ai quando eu peguei o dinheiro eu voltei pra mesma cidade que eu tinha saído, mas ai eu fui pra outra boate....mas eles não me aceitou porque eu era novinha, ai eu peguei e falei: e vou pra rodoviária e chegar lá vou pegar um taxi e perguntar onde é que tem zona... Ai eu perguntei pra um taxista, ai ele falou: ó tem uma zona, agora se a pessoa levar, tem que pagar até o carro, ai eu disse: então me leva lá...ai quando cheguei lá comecei a ficar, ficar, ai depois minha mãe descobriu que eu tava lá, e depois eu fui com ela numa boa mas depois eu fui pra Petrolandia, em uma boate, ai lá eu conheci um rapaz, que era solteiro, que tinha a minha idade, ai começamos a se gostar. Ai eu trouxe ele na casa de minha mãe, minha mãe gostou muito dele, ai com três meses que a gente, no mês que a gente comprar outro móvel pra gente morar ele sofreu um acidente e morreu de acidente. E ai foi meu desespero né...porque eu já tinha saído da boate, tinha voltado pra casa de minha mãe, todo mundo gostando dele. Ai foi o fim...ai depois de muito tempo eu esqueci ele, quer dizer eu lembro até hoje. Ai depois eu comecei a sair, a minha colega me levou pra zona, ai eu fui ficando e fiquei um tempo lá...Ai eu trazia as coisas pro meu filho que tinha 4-5 anos. Ai depois minha mãe me proibiu de ver o menino, eu só via o menino de longe, porque ela dizia que eu vivia fazendo vida e ela não queria isso né...Ai depois eu peguei e juntei com um coroa, mas depois ele começou a me agredir, ele era ciumento, ai eu peguei e larguei ele e fui pra João Molevade. E ai quando eu fui pra João Molevade, namorei, mas... Depois eu fui pra Bahia e quando eu cheguei lá na Bahia eu conheci um amigo meu que ele era doido por mim e ele era casado, e na época eu não queria saber dele, ai quando eu vi ele, ele disse que tinha separado. Ai ele me perguntou se eu queria ir lá conhecer a família dele e eu disse: quero...ele trabalhava em Maceió, mas ai ele foi e veio pra João Molevade e ai eu sofri, sofri o pão que o diabo amassou com esse homem, porque ele chegou e bebia, não me agredia porque eu não tinha medo de enfrentar ele não sabe? Ai, mas ele não deixava eu dormir a noite, abria a porta, não deixava, ligava a luz e não apagava, e ligava as quatro boca do fogão e eu tinha medo e ele fumava e eu tinha medo de incendiar, eu ficava com medo...ai eu disse: ah não eu vou deixar esse homem pra lá...mas ai ele ficou me perseguindo, me ameaçando...ai depois eu peguei e larguei ele, ai pra ele deixar o meu pé, eu tinha que vir pra cá... ai vim pra cá, fiquei ai dia e noite, mas eu sempre sonhava em ter uma pessoa pra me tirar de

á sabe? Cada home que entrava na porta eu dizia: o meu Deus me manda um homem pra me tirar daqui... Era meu sonho, porque tinha hora que eu acordava assim na zona e eu dizia: meu Deus que que eu to fazendo aqui, eu pareço que eu acordava assustada do lugar onde eu tava, ai o tempo foi passando, eu ficava em João Molevade, depois ficava aqui. Ficava pra lá e pra cá, depois as menina me disse: deixa de ser boba vai de carona, ai eu vinha de carona, mas ai eu arrumei esse serviço no super né? Eu pedi a Deus um emprego ou homem bom...ai arrumei um emprego na, não foi bom mas dá pra ir levando...ai meu irmão me pega eu lá, ai um dia eu tava lá, meu irmão passa, olhou pra mim, arregalou assim, ai eu fechei assim a porta do quarto e saí correndo atrás dele pra ele não contar pro meu filho, mas ai eu não vi mais ele, diz ele que falou pra minha irmã, mas acho que ele não falou pro meu filho, porque pelo que eu conheço meu filho, nossa se tivesse falado entendeu? Ele pra saber que eu tava numa zona... Nossa, ai ele foi embora..."

Desafios: "Ah, desafios de enfrentar as coisas...assim, eu não tenho medo, assim eu nunca fui agredida porque eu trato bem as pessoas, porque eu trato bem eles, eu tenho paciência, porque tem mulher que não tem paciência..."

Perdas: -

Mulher 13:

Nome fictício para pesquisa: Bianca

Local: Belo Horizonte

Data: 18/05/2009

Idade: 59

Filhos: 01

Origem: Governador Valadares-MG

Contatos com família: Relação com a família boa

Atividades que exerce hoje: Revendedora de cosméticos

Tempo que ficou/está na prostituição: "São 33 anos vivendo do dinheiro da prostituição. Foi em vários lugares, foi no Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, e aqui em Belo Horizonte faz 25 anos."

"Minha entrada na prostituição? eu tava trabalhando de empregada doméstica numa casa e tinha conhecimento com uma senhora lá do Rio e ela foi e me convidou pra ir pro Rio de Janeiro e ela foi pra trabalhar de empregada doméstica na casa da

filha... mas quando eu cheguei lá era pra fazer programa. Eu tinha uns 18 anos, uns 19 anos por ai. Ai chegando lá... era pra fazer programa. O primeiro dia que eu fui fazer programa, como empregada doméstica eu tava ganhando 15 mil cruzeiros por mês. Na prostituição eu ganhei 150 cruzeiros por dia. Ai claro né que eu continuei. Na verdade, quando eu conheci essa senhora eu tava em Vitória, no Espírito Santo, ai foi que ela me levou lá pro Rio de Janeiro, que a filha dela era cafetina, entendeu? Inclusive foi eu e uma outra menina.”

Desafios: “Olha, eu vou ser bem sincera, foram vários, mas o que mais me marcava na prostituição era a rejeição do cliente, entendeu? Quando aquele cliente, eu não entendia que ela simplesmente um objeto, eu não entendia que eu era isso. Então quando o cliente ele escolhia outra, não vou nem dizer cliente que eu não conhecia, um cliente meu, que era acostumado ficar comigo, quando ele queria variar, eu sentia, sentia muito mesmo então eu não sabia lidar com essa rejeição.”

Perdas/ Ganhos: “Se for materialmente as perdas foram todas. Ganhos foi uma vida, uma qualidade de vida assim, um pouco de glamour, né? De ter as coisas, de ter calçado, isso eu não tinha, antes da prostituição, na vida de empregada doméstica... Agora emocionalmente as perdas foi totais.”

Violência: “Na batalha não.”

Medos: “Meus medos? Atualmente pra ser bem sincera não tenho nenhum mais. Eu tive muitos, mas agora atualmente eu não tenho medo não...quando eu tinha era de ficar velha na prostituição, não ter perspectiva de futuro, eu tinha medo do amanhã, isso ai me aterrorizava demais.”

Sonhos: “Meus sonhos no momento: viver mais, viver bem, cuidar da minha saúde, ainda ter minha casa própria, entendeu? E ter uma qualidade de vida boa e ter meus amigos.”

Conhece o projeto: Há dez anos. Conheceu através de dois agentes.

“Um dia numa sexta feira da paixão, que todos os hotéis fica tudo fechado ai eu resolvi ir...ai tinha até uma via sacra que a pastoral tinha organizado, ai eu participei, eles me colocou pra participar, ai eu disse: olha no primeiro dia eles já me coloca pra participar. Depois eu não entendia... as irmãs organizava e as mulher participava, eu achei aquilo o máximo entendeu? Ai de lá pra cá eu comecei a participar, ai vi que ficar ali dentro (no hotel) direto ali não era legal, ficar direto não era legal entendeu? Parece que eu me dei conta que né? Que eu podia, que eu tava perdendo muito tempo presa ali, que eu tava numa prisão, que eu não tinha feito crime nenhum e tava numa prisão , mas no sentido de ficar ali trabalhando dia e noite, morando e tudo, uma falta de liberdade. Foi ai que eu comecei... continuei batalhando no hotel,

mas morando fora, porque ai eu tinha liberdade de ir e vir o dia e a hora que eu queria.”

O que acha do projeto: “Eu gosto de tudo.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “Melhorar? Ah eu não sei...tudo ta tão bom, sempre melhorando...eu acho que ta tudo legal.”

Não gosta no projeto:

Relação com as outras mulheres: “Minha relação com elas é boa”

Como se vê: “Ah, hoje eu me vejo muito crescida entendeu? Como pessoa, como ser humano entendeu? como amiga, com relação com as outras pessoas, com minha família, minha relação sempre foi boa, mas melhorou muito. Melhorou porque eu aprendi aqui na pastoral a gostar de mim né e ao gostar de mim eu passei a gostar das pessoas, a valorizar as pessoas que estão em volta de mim. Eu acho que quando eu comecei a participar da pastoral eu não gostava de gente, eu não gostava de pessoas, eu preferia até os bichos do que as pessoa, não gostava de música...então tinha muita coisa boa que eu não gostava. Depois eu comecei aqui na pastoral, esse trabalho que a pastoral faz de auto estima, de valorização de si própria, enfim, ai eu passei a gostar, agora eu gosto de música, eu tenho até som eu tenho em casa agora, que antes eu não tinha entendeu? Eu gosto das pessoas, ver as pessoas como ser humano, não ver as pessoas como inimigo, porque antes eu via as pessoas como inimigo, agora não.”

Drogadição: não

Relação com Deus: “Deus, eu acredito em Deus... uma das vezes... porque Deus vai agindo na vida da gente de várias maneiras só que tem maneira que é mais forte e a gente percebe melhor né? Um dia eu tava ali encostada ali na praça e eu falei: o Meu Deus será que eu sirvo só pra isso? Só pra fazer programa? Eu não quero mais continuar fazendo programa. Daquele momento eu tive como se eu tivesse renascido, me deu um sentimento, uma coisa dentro de mim tão diferente, eu fiquei leve e fiquei assim como se eu tivesse renascido.Eu fiquei com uma coisa tão boa dentro de mim que parecia que nascia naquela hora. Então é o momento que eu mais senti Deus me carregando entendeu? Me transformando. Foi naquele momento. Tanto que eu não me esqueço. É uma coisa mais ou menos assim , eu me sinto leve, sentimento bom dentro de mim, uma esperança imensa entendeu? De mudança e realmente naquele momento começou a mudar minha vida né? Não financeiramente, porque ta todo mundo na luta, mas assim como pessoa, no meu trabalho, foi muito bom, é uma coisa que eu não esqueço, me sinto como se eu tivesse nascendo de novo. E a relação com Deus é todos os dias né? Todos os dias acontece um fato que depois a gente não conta.A relação com Ele é conversar com

Ele.as vezes quando eu tenho algum problema com alguém eu falo: o Meu Deus cuida deste filho seu, que eu não to agüentando não...é isso.”

Situação limite: “Foi quando eu tava no hotel. Eu tava devendo três diárias, quatro diárias. Ai quando foi um dia teve um movimento bom pra mim, o dinheiro que eu ganhei eu tive que pagar a diária que tava atrasada e eu fiquei sem dinheiro nenhum. Ai eu falei, cheguei pro dono, pro gerente e falei: eu cheguei no meu limite, eu vou entregar o quarto pro senhor, vou continuar batalhando, se eu puder pagar as diária eu pago, mas eu cheguei no meu limite entendeu? Porque foi uns momentos assim que eu cheguei no meu limite. Teve outros momentos também, igual parar de batalhar,parar de depender de dinheiro de programa, eu sempre falo assim , depender dinheiro de programa porque de repente aparece um cliente assim e a gente gosta dele e a gente vai. Mas nem isso ultimamente, alias eu to até falando: quando tem vontade não tem homem, quando tem homem não tem vontade, ai as menina fala: é P. no seu caso ta difícil.Então eu cheguei nesse momento que eu não tava agüentando mais homem tocando em mim, entendeu? Chegar lá aquele programa que eu fazia, eu achava que o dinheiro tava tão pouco pra tanto sacrifício entendeu? Porque eu tava me sentindo muito sacrificada. Quando ia pro hotel pra fazer o programa parecia que eu tava indo pro matadouro entendeu? Ai eu falei eu não to precisando mais de dinheiro de prostituição pra sobreviver...eu falei não eu não agüento mais home ficar tocando em mim, porque é um tal de enfiar o dedo em tudo quanto é lugar, eu não tava agüentando aquilo, eles me apertava e me doía, quando eles me apertava já me doía, antes não doía sabe? Ultimamente já estava me doendo quando eles me apertavam quer dizer, tava tudo doendo , a alma tava doendo né? O sentimento. A carne, então tava tudo já doendo já tava tudo estragado, no sentido assim do sentimento. ”

Mulher 14

Local: Salvador

Data: 02/09/2009

Idade: 260anos

Origem: Salvador

Filhos: 02

Contatos com família: “eu vou final de semana quando eu to chateada...eu fico pouco com minha família”

Atividades que exerce hoje: batalha

Tempo que está na prostituição: “rapaz... eu comecei com 15 anos...já tem 11 anos”

“no começo foi muito ruim porque as mulheres implicava, toda vez que saia ai na volta tinha que dá um dinheiro e se não entrar dinheiro tome...tudo isso, então...”

Desafios: (silêncio...pensativa) “violência não porque nunca sofri mas calote já tomei vários...”

Perdas: “as perdas, as perdas são muitas...porque assim tem muita gente que chega de manhã e fica até de noite, desde cedo e fica ai só chorando, diz que nunca ganha dinheiro, mas por mais ruim que a praça seja sempre dá pra ganhar dinheiro, não tem um dia que fica assim, nossa não ganhei um dinheiro, não vou dizer a você que vai ganhar mundos e fundos né...porque ninguém é logista para ganhar mundos e fundos, mas como diz o ditado, o pouco com Deus é muito e muito sem Deus é nada...”

Violência: -

Sonhos: “meu sonho é ter minha casa... e ver meus filhos crescer, estudar, ser alguém na vida que eu não pude, que pude ser.”

Medos: “Medo eu tenho bastante...Medo? Nem fale disso. Eu tenho medo de eu sair com um homem e ele não me pagar, ai quando chega no hotel não paga...como também uma vez eu tinha um alfinete no carro quando eu morava em... eu fui andando ai o cara parou o carro, ai ele disse: o morena: você vai tirar a roupa, ai ele disse: ou você vai transar comigo numa boa ou você vai morrer. Ai Le chegou a tirar a roupa, ai o carro abriu e eu peguei e me joguei.. até hoje minha cabeça tem uma marca desse dia...por causa disso. Deus me ajudou porque podia até um acidente grave comigo. Depois disso, no mesmo dia o policia perguntando um monte de coisa e coisa, eu tinha a mão melada de sangue, ai ele disse: leva ela e quando ela puder pra ela dar queixa e eu ia dar queixa de quê? O homem sumiu, eu não vi a placa do carro do homem...”

Conhece o projeto: “Se eu não me engano eu vou fazer 7 anos de projeto.”

Conheceu através de uma das mulheres.

O que acha do projeto: “eu acho que o projeto ajuda nós todas, quando a gente precisa tirar um documento, quando tem um curso que a gente ta disponível pra fazer, às vezes vocês acompanham a gente.”

O que gostaria de melhorar no projeto? “A única assim que eu vejo é que aqui a gente tem quem escutar e assim a partir do momento que a pessoa vem aqui sabe que não pode xingar, não pode ficar de bagunça umas com as outras, dizendo que vai dar na cara, eu acho que eu projeto tem que dar um jeito, pois muitas delas vai

dizer assim ó quando chegar no projeto eu vou dar um murro na sua cara...então em vez delas vir aqui pra aprender, ela ficam discutindo e se debatendo umas com as outras, porque antigamente era assim ó, você discutia você ficava de suspensão...do portão você não passava, você ficava chamando, chamando mas não entrava.Você já pensou se um dia o projeto acabar? Como no dizer do povo: por causa de uma todas pagam..."

Não gosta no projeto: eu gosto de tudo

Relação com as outras mulheres: "é boas, eu falo com todo mundo, mas quando eu to bem, porque quando eu não tô ninguém fala comigo não...as elas fala assim: você ta de caramujo, eu digo, to de caramujo, não com saco pra ninguém."

Como se vê: "Eu acho de mim é que eu sou uma boa pessoa, e eu gosto de mim mesmas, primeiramente eu tenho que gostar de mim mesma, e depois dos outros que não adianta outras pessoas gosta de mim e eu não gostar de mim...."

Drogadição: sim

Relação com Deus: "Todo dia de manhã eu rezo, de noite, meio dia também...E peço a Ele que me dê saúde e força pra poder eu ver meus filhos crescer, mesmo que não tenha sua família mas tenha a casa deles, não quero que eles use droga, porque droga... hoje filho ta matando mãe por causa de droga..."

Situação limite: "é como te falei daquela parte de antigamente, quem chegava na praça, ainda hoje é assim, tinha um negócio de você subir com o cliente para o hotel e ficar uma mulher esperando pra pegar seu dinheiro...tanta mulher na praça...igual uma vez eu sai com o homem quando eu descii a mulher da praça tava me enxotando pra tomar meu dinheiro, dizendo: me dá R\$ 5,00, me dá R\$ 4,00. Então eu acho isso errado: ficar escoltando os outros pra tomar dinheiro."

Motivações: "que motiva na vida? Não...Pra mim ta tudo bom, ta tudo ótimo (com tom triste)...eu tava lembrando outro dia do meu padrasto, que abusava tanto, era tanto, batia,me bulia, fazia de tudo e no entanto eu não fui me embora e hoje em dia você bate no seu filho: ah eu me embora, ai vai pra rua e ninguém sabe, eu mesma já fiz muito isso com minha mãe...eu sai pra rua, vivia na rua e minha mãe ficava doida me procurando pelo Lapa, por aqui, pelo comércio e dizia: minha filha volte pra casa. Quando meu padrasto tava vivo era pior, ele me fez sofrer muito, desde que meu pai foi e minha ficou com esse homem foi muito ruim... as pessoas diz que a gente não pode desejar a morte dos outros, mas depois que ele morreu tudo mudou, porque minha sofria muito na mão dele, ele batia nela e na gente... e eu não sinto dó... as vezes acho que foi bom quando ele morreu."

